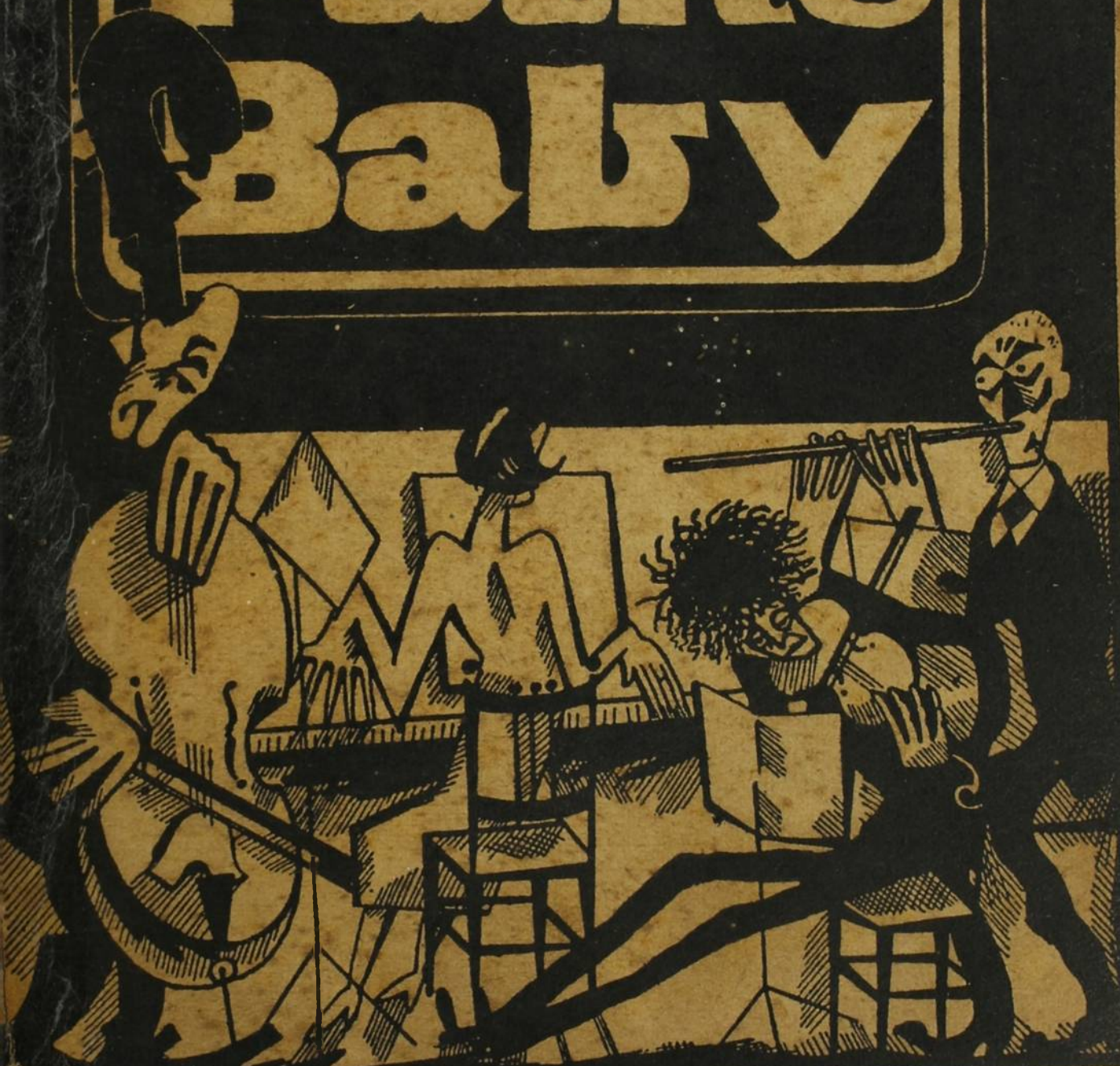
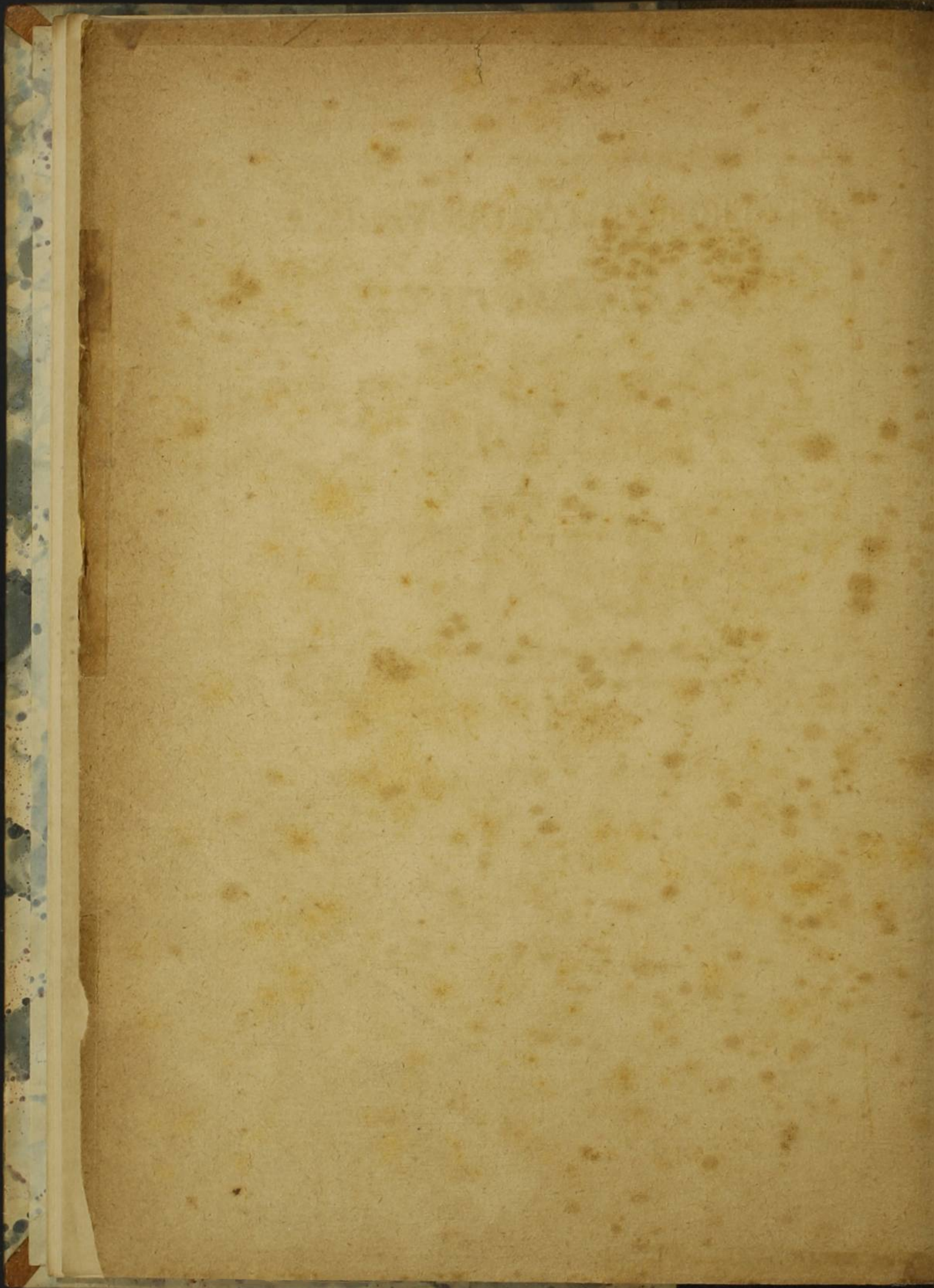


ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Apresenta:

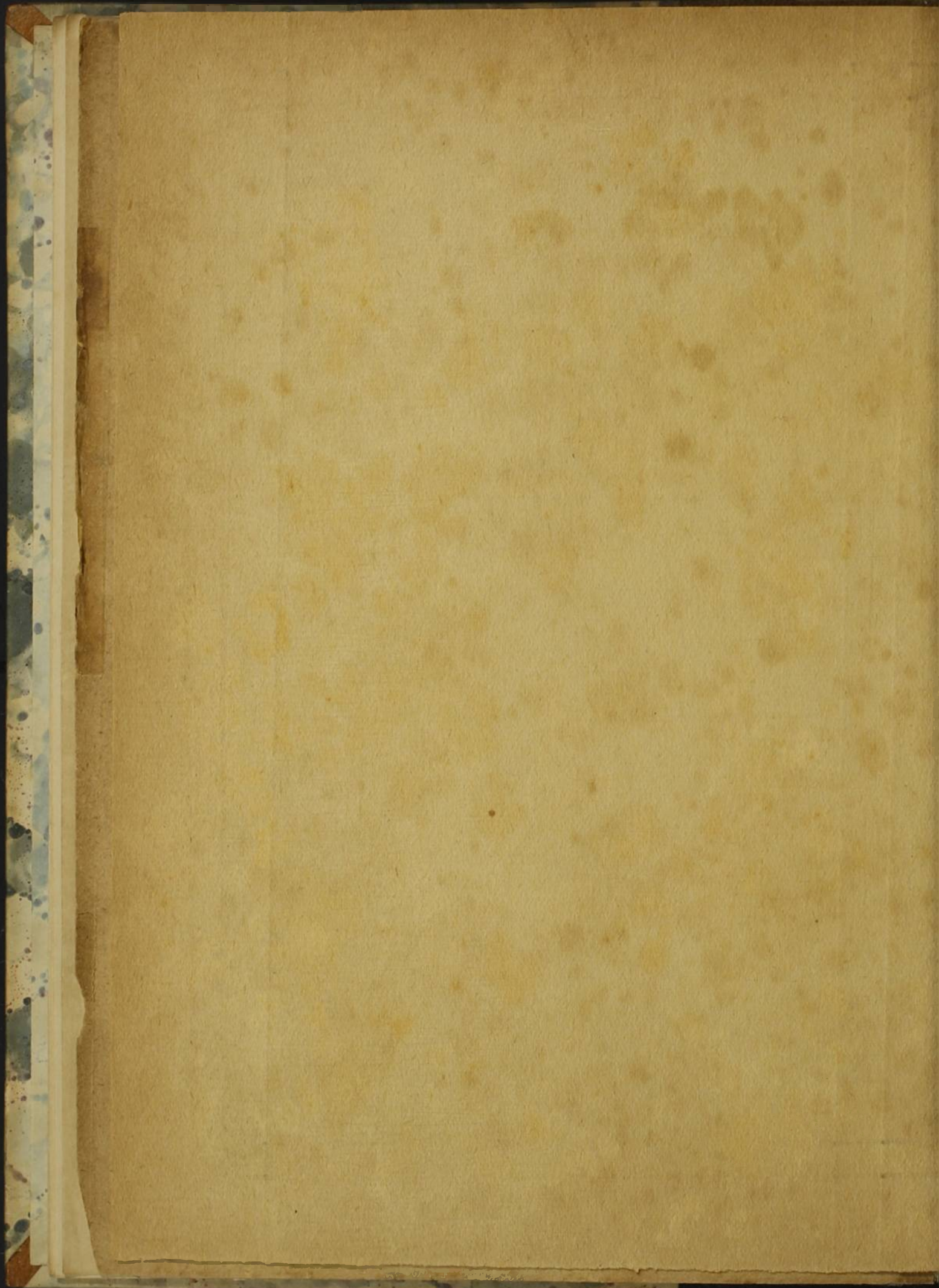
Pathé Baby

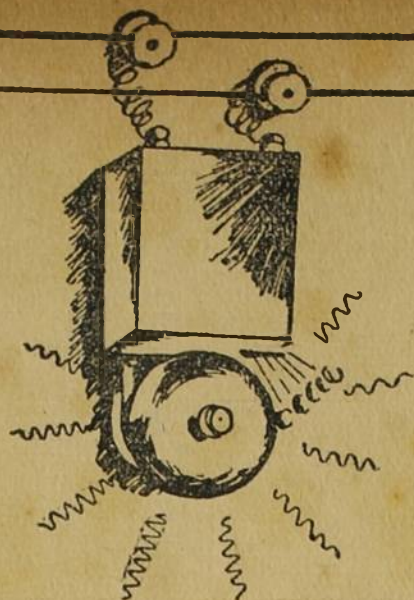




Para Rubens de Moraes,
com um bruto abraço
do
Alcântara

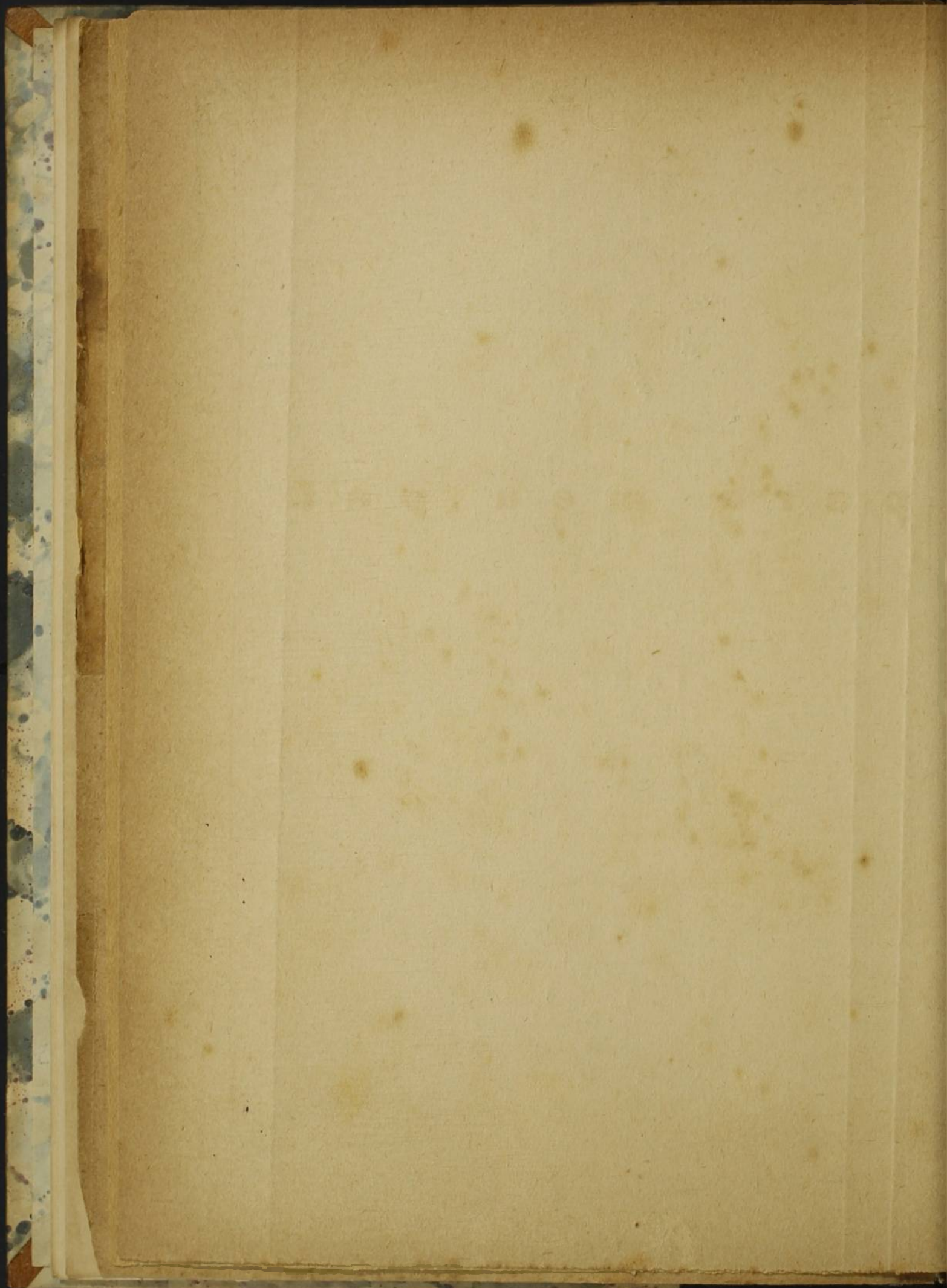
- 11. fevereiro. 926 -





Pathé- B a b y

d				e
a	n	t	ó	n
i				o
d				e
a	l	c	â	n
t				a
r				a
m	a	c	h	a
d				o
+		+		+
p	r	e	f	á
c				l
o				e
d				e
o	s	w	a	i
d				d
a	n	d	r	a
d				e
+		+		+
e	s	t	a	m
p				a
s				s
d				e
p	a		i	m
+		+		+
s		ã		o
p	a	u	i	o
1	9	2		6



p a r a m e u p a i



P R O O

SESSÃO

OUVERTURE, por Oswald de Andrade

1. *LAS PALMAS*, EM 6 PARTES
 2. *LISBOA*, EM 6 PARTES
 3. *De Cherbourg a Paris*, em 4 partes
 4. *Paris*, Super especial película de grande metragem
 5. *De Paris a Dives-Sur-Mer*, em 7 longas partes
 6. *Londres*, em 5 partes
 7. *Milão*, EM 4 PARTES
 8. *VENEZA*, em 3 únicas partes
 9. *FLOrença*, em 5 partes
 10. *Bolonha*
 11. *Pisa*
-

PREÇO (incluso)

N. B. - Estão SUSPENSAS

Brevemente! Braz, Bexig

RAMA



ORRIDAS

Lucca

SIENA

NA'POLES, *em 4 partes*

PERUGIA

ASSIS

Roma

em 3 partes

Barcelona, Pelicula de sensação em 2 partes

Sevilha,

*Super-Produção em 5 partes, com astros
e estrelas*

Córdoba

G.R.A.N.A.D.A

*em primeira ex-
ibição.*

MADRID, em tres duplas partes.

TOLEDO

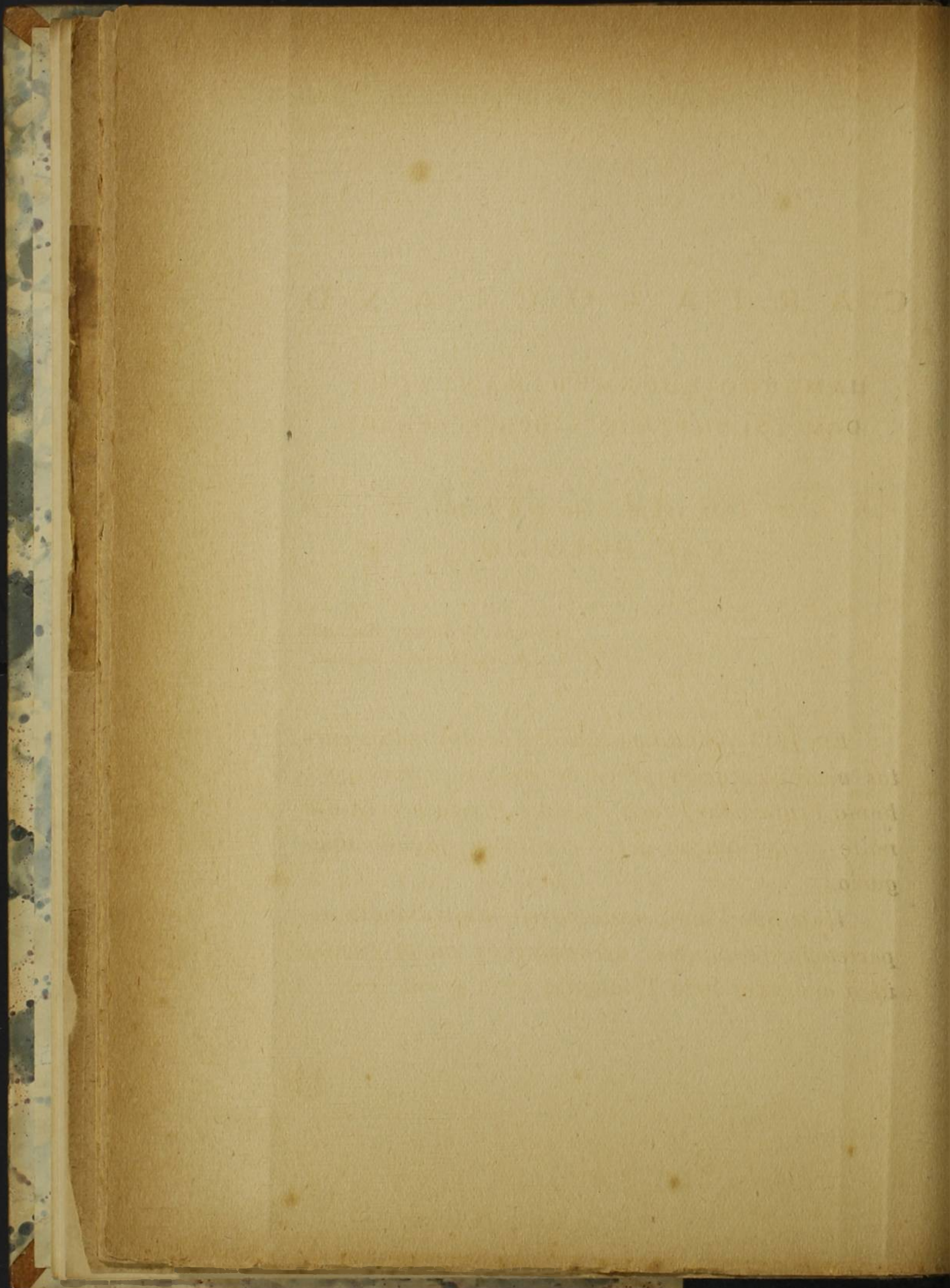
mposto) : 7\$000

entradas de FAVOR

a Funda (Contos) Brevemente!

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

o u v e r t u r e



C A R T A - O C E A N O

HAMBURG-SÜDAMERIKANISCHE
DAMPFSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT

Postdampfer
"CAP POLONIO"

Antônio Alcântara Machado
72 - Sebastião Pereira - São Paulo

Em 1913 quando você usava oculos calças curtas acompanhando proceres eleições municipaes havia bruta véla Praça Antonio Prado accesa dia noite preocupação geral era saber quando apagara.

Hoje São Paulo cidade triste acabrunhada experiencia revoluções arranha-céos quem tivesse idéa accender véla Triangulo seria preso.

*Nossa litteratura essa epoca tambem teve vé-
las dentro redomas. Depois scintilou Philips mo-
dernista donde resultou sua geração mais desen-
volta mais segura mais perigosa.*

*Comparo alguns heróes Paraguay Arte Moder-
na — que outra coisa não foi Semana Theatro Mu-
nicipal — com meninada Minas, principalmente
com você e Prudente. São canjas deante vocês.*

*Eu mesmo querendo tomar notas chispada
Cap Polonio só me vêm formas suas personagens
seus. Empaquei dentista Nazareth. Evidente que
dentista Nazareth natural Pampilhosa affirmando
café portuguez melhor do mundo não é meu é seu.*

*Culpa sua ter exgottado litteratura viagens
esse cinema com cheiro que é Pathé-Baby. Exce-
pciono variante Paulo Prado em promettida Via-
gem Europa dará esclarecimentos nossa falta civi-
lização. Só elle capaz.*

*Quanto litteratura transatlantica sem fios de-
finitivamente armada Pathé-Baby.*

*Até agora brasileiro escriptor vindo Europa
limitava-se fazer papel Hans Staden artilheiro Ber-
tioga caiu preso Tupinambás seculo 16 apavorado
antropophagia aconselhava não comerem gente.
Morubichaba respondia: — Não amole é gostoso.
Nós identico sermão deante cocaína tourada nú
artístico.*

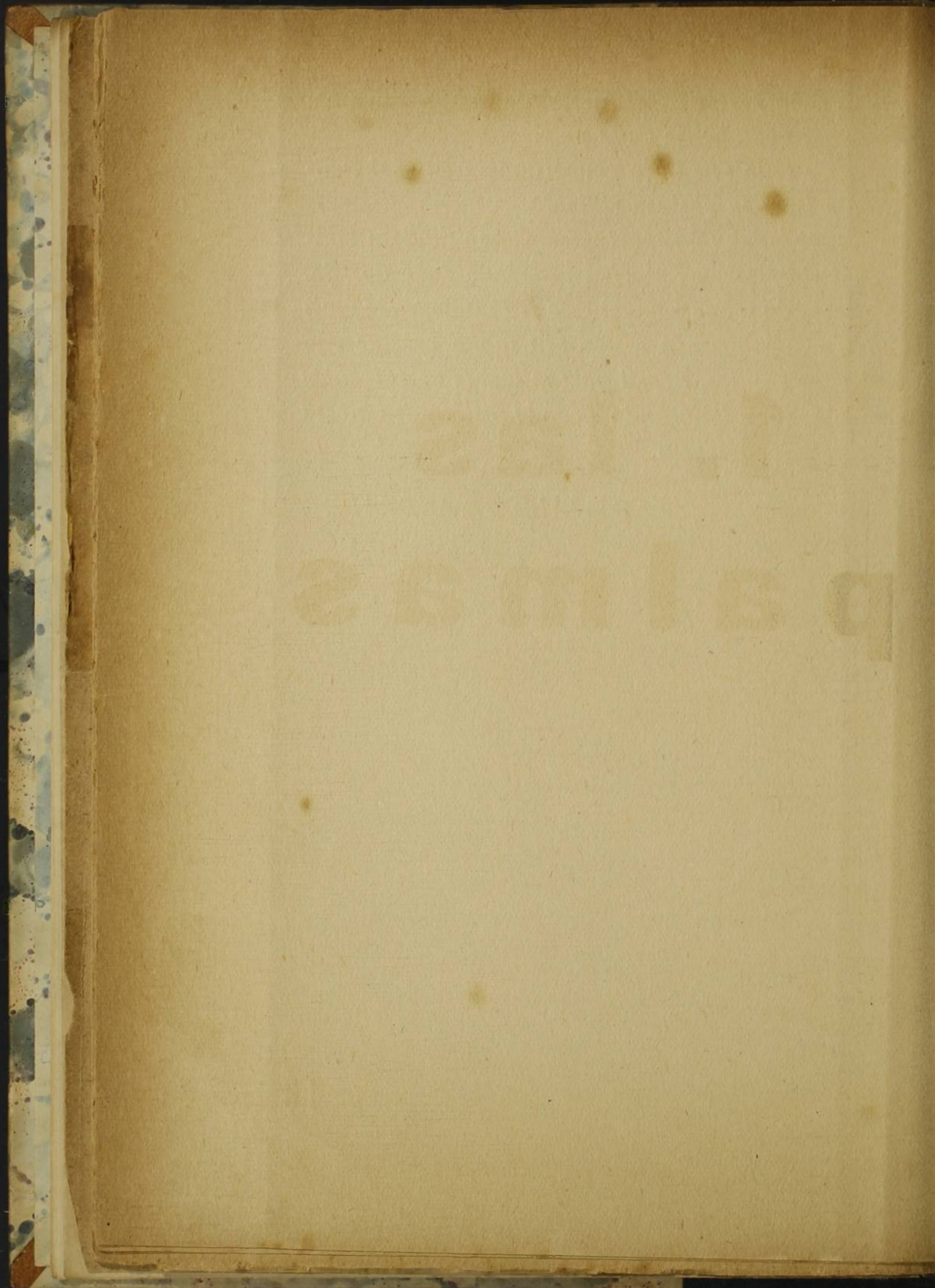
Você apossou-se sem espanto temperatura ocasional cada gente cada paiz.

Por todo seu livro concordancia amavel realmente Europa gostosa ridicula.

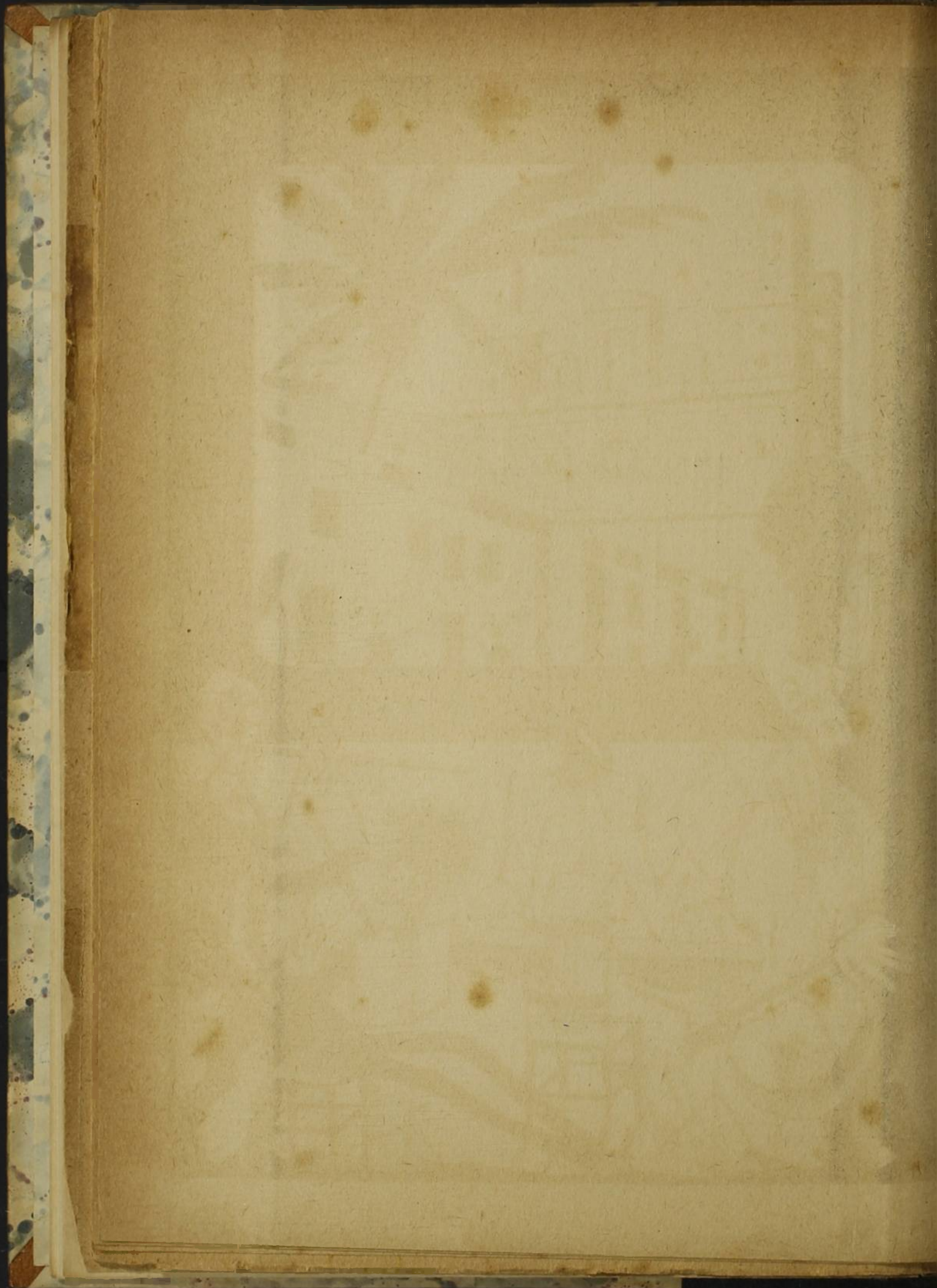
Pathé-Baby é reportagem. Como mudam tempos diria Marquez Maricá pensando João do Rio. De facto da tolice amavel esse seu mallogrado amigo á segurança seu estylo seu modo acertar vão diversos seculos. Brasil paiz milagres accrescentaria Marquez ignorando grande litteratura nossa epoca é reportagem. m/

OSWALD DE ANDRADE

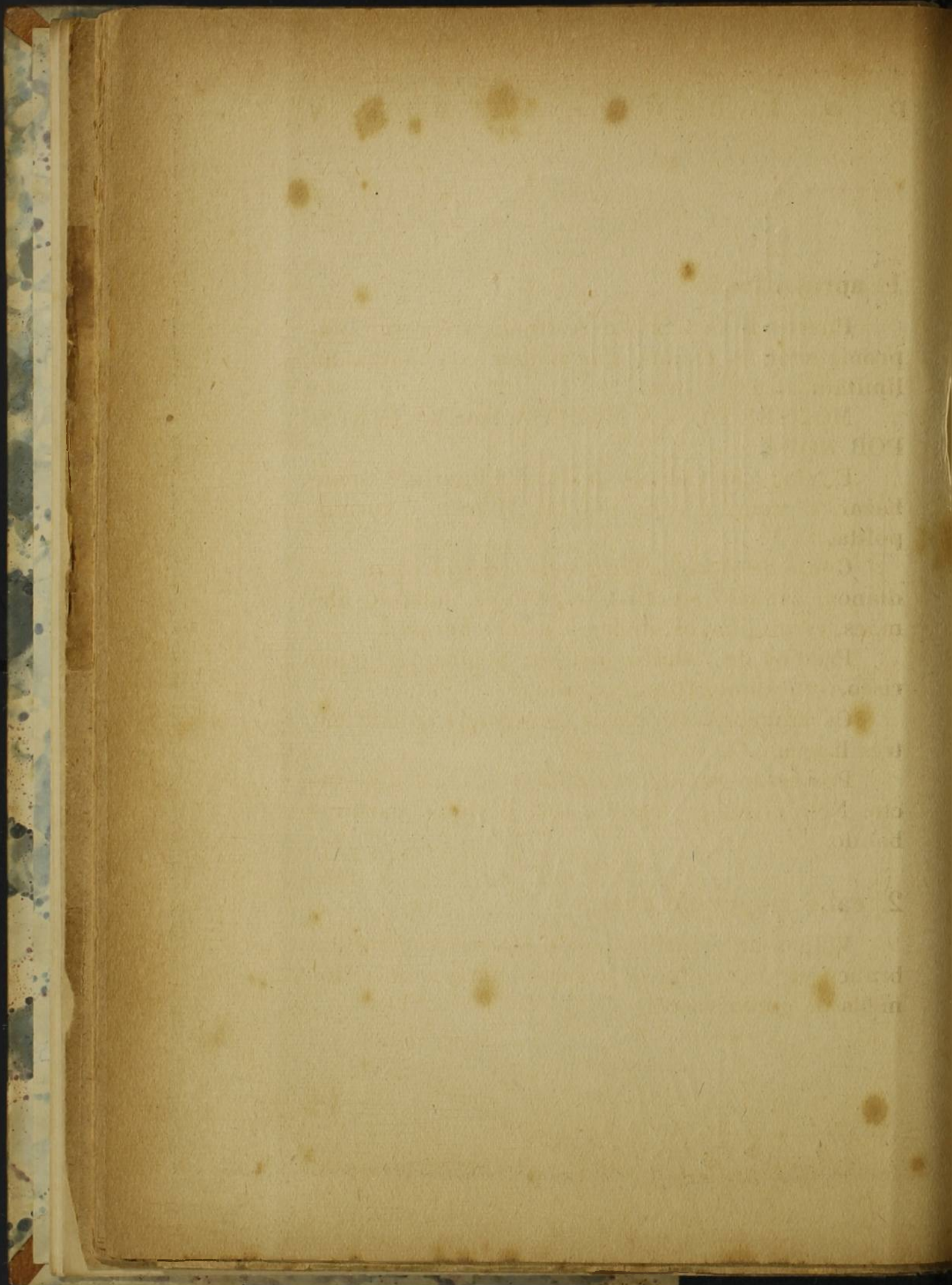
Dezembro 1925



1. las palmas







p a t h é - b a b y

1. apresentação

Puerto de la Luz é o vestibulo arenoso. Comprometedor. A cidade, que o mar e a montanha limitam, fica distante.

MODERE UD. LA MARCHA HASTA 15 KLS. POR HORA.

E' ela: Las Palmas de Gran Canaria. Cidade bazar. O nome é espanhol. Só. O resto é cosmopolita.

Gente de todos os feitios, de todas as côres: indianos, canários, pretos, espanhois, pardos, alemães, escandinavos, ingleses a dar com pau.

Prédios de todos os estilos; peninsular, mourisco, veneziano, francês, gótico.

Os anúncios das casas comerciais se lêem em tres linguas. Ou mais.

Possessão espanhola de direito; inglesa de facto. Nela o inglês manda, faz, desfaz. Cachimbando.

2. calle mayor de triana

Velhas de mantilha preta. Moças de mantilha branca, de mantilha de rendas transparente. Homens de gorro vasco.

Casas de côres berrantes, como a gravata domingueira dos jardineiros portugueses.

— *La Jornada! La Jornada!*

Jornal deplorável. Única notícia de interesse: *Ha dado a luz un niño la esposa de don Pablo Cabrera.*

Seis olhos azues e o balcão cheio de arabescos. Na calçada de suas lojas, indianos de metro e meio chamam os que passam:

— Caballero! Señora! Caballero!

Bondes emendados. Automóveis ruidosos. Soldados e oficiais em penca. Guardas municipais engraçadíssimos. Motocicletas. Carroças. Casas de câmbio. Mantilhas. Gorros.

3. religião e pesetas

— Hay que ver la Catedral!

Arranha-céu da cidade. Suspende as torres còr de azeitona muito acima do casario profano.

A' entrada, o coroinha de óculos, escondido atrás de uma coluna, acende o seu cigarrinho secretamente. Dentro, um sacristão mal lavado mostra as preciosidades, mediante pesetas.

— Para ver las joyas deben pagar una peseta cada uno.

Colunas imensas, revestidas de cimento, alar-

p a t h é - b a b y

gando-se e unindo-se lá no alto como palmeiras. No centro, o órgão enorme, e o capítulo.

— La Catedral tiene trecientos años.

Não parece.

Candelabros de metal, formidáveis, esgalhados. Deante do altar-mór, a lâmpada de prata pisca. Dois púlpitos abraçam colunas. Um andor de prata folheada.

— Para subir a la torre deben pagar una peseta cada uno.

E' semana santa. Velhinhas silenciosas esperam confessores. Os santos, nos altares, têm mantos roxos. A luz, que os vitrais multicolore, aviva as estações da Via Sacra.

Do capítulo rola, agora, rouco e repizado, o canto que vinte batinas gordas entôam com voz tenebrosa.

— Para ver las campanas deben pagar una peseta cada uno.

S. Cristóvão, barbudo, feio e gigante, apoiado no seu grosso bordão, com o menino Jesus nos ombros, sai de um rio caudaloso, que ainda cobre parte de sua enorme, possante, santa perna esquerda. Isso em vinte e quatro metros quadrados de tela por cima da porta central.

4. assombração

Linda Plaza de Santa Ana!

O Museo olha a Catedral. O Palacio Episcopal é em estilo árabe. Casas ladrilhadas de alto a baixo avançam balcões de madeira lavrada. Pombas brancas no chão branco da praça. E dorminhocos nos bancos.

De repente, uma inglesa de óculos, sapatões de sola grossa, chapéu no cocoruto, cigarro nos lábios. As pombas arremessam-se contra os telhados. A praça estremece.

A hediondez britânica segue impassível, soltando fumaça.

5. vistas

Cem metros sim, cem metros não, gravuras de folhinha. Rua estreita, de lajedos grandes, que sobe em caracol. Rosas nas fendas dos muros. Um menino montado num burrico orelhudo de pelo arrepiado. Uma velhota. Outra velhota.

A cidade afasta-se do mar e trepa nos morros. As casas são pedras brancas encravadas nas encostas.

Renques verdes de bananeiras alegres. Chaminés. Quintalejos.

p a t h é - b a b y

6. despedida

Na Plaza Hurtado de Mendoza há o monumento a Hurtado de Mendoza, canteiros, ladrilhos azues, vadios, um engraxate corcunda, um café ao ar livre. E pitoresco.

Crianças anglo-saxônicas, de compridas tranças, passeiam de velocipede. Um velho sem colarinho oferece bilhetes de loteria. Mulheres bonitas, vendo homem, afastam a mantilha do rosto.

Vista do Puerto de la Luz, a cidade é uma cousa caiada que se joga da montanha e cai no mar, batida de luz.

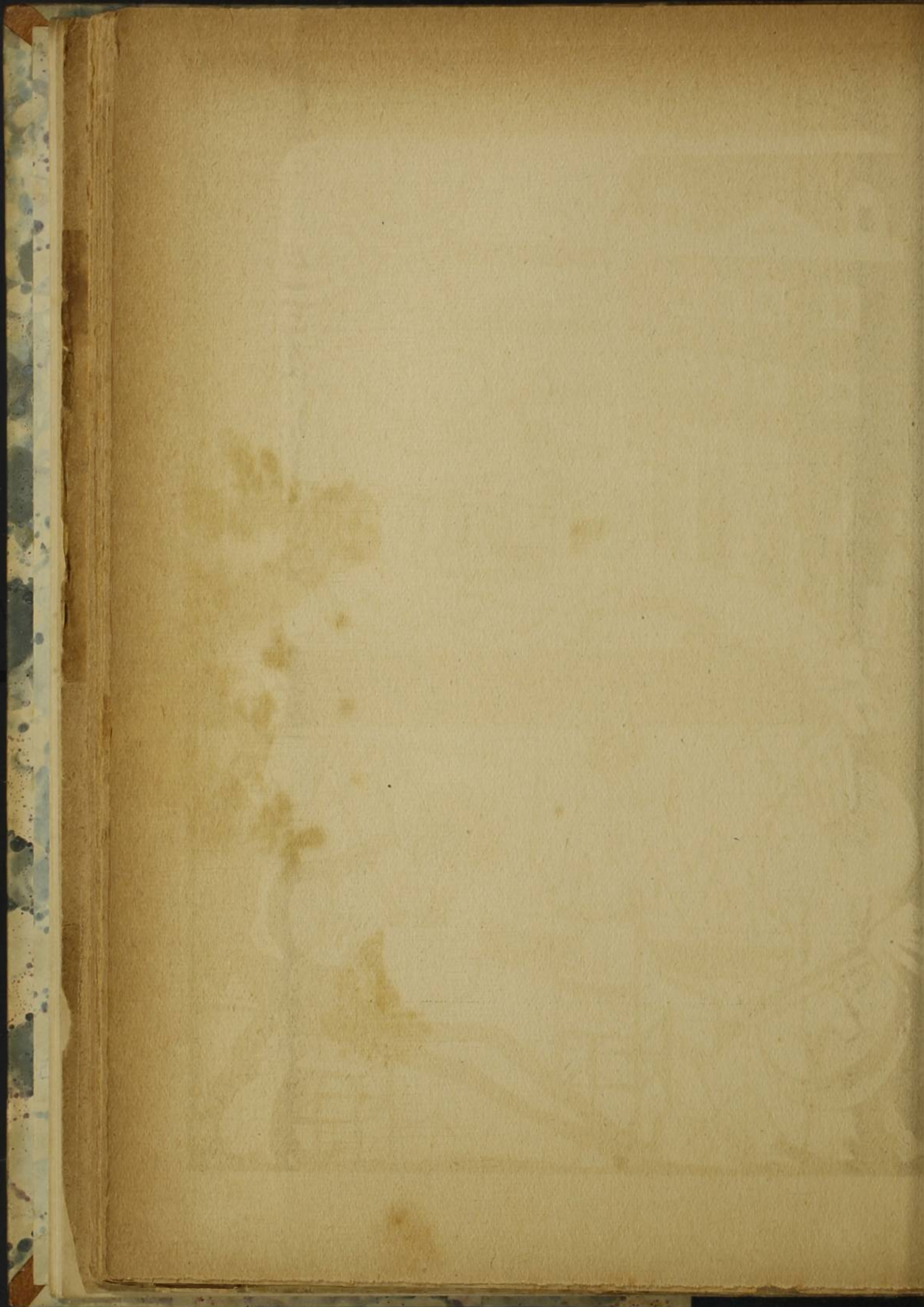
A lancha policial traz dois contrabandistas.

— Hagan ustedes buen viaje!

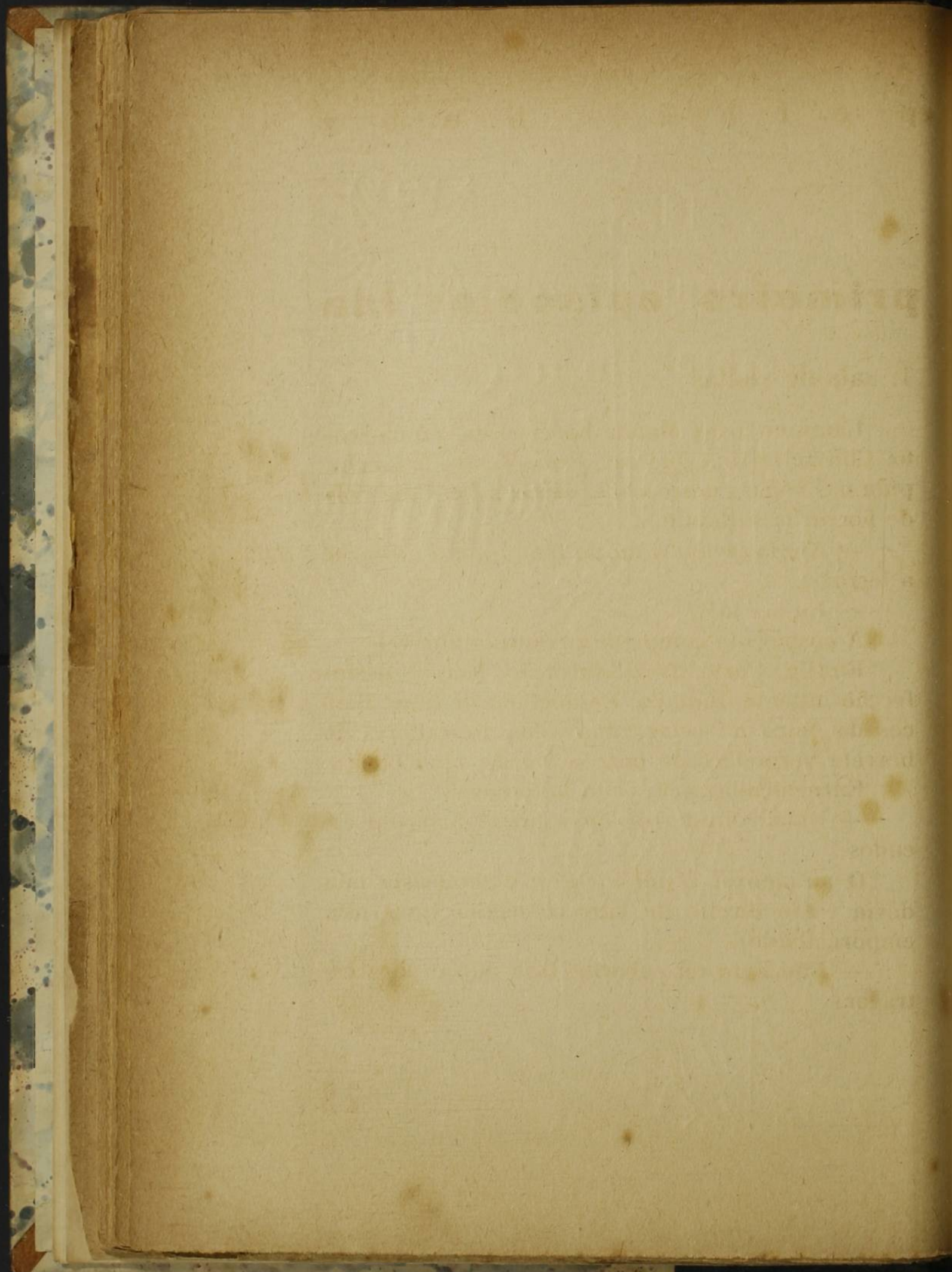
Abril de 1925.



2. lisboa







p a t h é - b a b y

primeiro episódio: ida

1. sala de visitas

Lama no Tejo. Manhã horrível de céu cinzento. Chuvinha fina que cai. Frio. Vento. A lancha pula nas vagas: desce, sobe, desce, sobe. Uma bola de borracha saltando.

— Ainda levamos muito tempo para alcançar a terra?

— Eu sei lá!

A cusparada completa a resposta amável.

Emfim, Porto da Desinfecção. Merece desinfecção urgente. Imundo. Entapetado de limo. Barcos de pesca de velas amarradas. Pescadores de barrete vermelho, de barrete verde. Máu cheiro.

Encarniçada caça a um automóvel.

— Uma voltinha de meia hora? Sessenta escudos.

O automóvel é um Pic-Pic; o motorista não devia ter o direito de usar colarinho (mas usa, emporcalhado).

— Não bata na cuberta! Issu não é para estragar!

p a t h é - b a b y

O guia improvisado, trêmulo de vergonha, protesta com energia, desfaz-se em recriminações, berra importância. Sem resultado apreciável.

— Pois se também tem automóvel, vá buscalo! Eu não sirvo tipos sem inducação!

Com as mãos no volante, ordena:

— O' rapaz! Vira aí a andorinha que está torta!

A andorinha é uma águia de metal dourado, pousada sobre o radiador.

2. é assim

Na rua 24 de Julho há assustadoras lagunas de água barrenta. Ovarinas também, aos grupos. Vendedores ambulantes. Tamancos barulhentos. Um mercado infecto. Descomunais pés descalços. Saias pelos joelhos. Calças arregaçadas. Verdureiras. Sujeitos de gorro, capa espanhola e guarda-chuva.

A estátua do Duque da Terceira.

Depois de outras, a rua do Ouro. Joalherias. Bancos. Prédios idosos. Largo do Rocio, com D. Pedro IV, diferente do de Pedro Américo, plantado no centro. O Teatro de D. Maria ao fundo, branco. E alfacinhas matinais, de andar ligeiro.

p a t h é - b a b y

O Chiado. Casas de moda. Lojas. Alfaiatarias a valer. Guardas civis de bracelete verde e vermelho. Rua Garret (a placa explica que Garret foi um poeta que viveu de tantos de tal a tantos de tal). O automóvel sofre de tabes: sôbre o calçamento inominável treme como varas verdes.

A estátua de Luis de Camões. Cheiro forte de glórias idas. Casas tristes, holorentas. O frio e a chuvinha.

Rua do Alecrim. Mais uma estátua. Amorável. De mármore, com a Verdade, Eça olha sem vêr. A Verdade, quási nua, tem tres dedos partidos. Dá dó. Dos que partiram.

Deante do Eça de mármore desfilam tipos que o de mais ossos que carne conheceu e aproveitou. Aquele suíno de luvas côr de manteiga e chapéu côco é o Damaso seguramente. Botinas de elástico que rangem: conselheiro Acácio. Agora, o Pinho, de sobretudo, manta e guarda-chuva. E a Juliana, batendo as chinelas na calçada escorregadia.

Imortais.

3. jardim da europa

Cais do Sodré. Monumento aos Homens do Mar. Os barcos de pesca, atracados, com os mastros nús, são arvores desfolhadas, sêcas, oscilantes.

O Século e o *Diário de Notícias* comemoram com desenhos, fotografias, rojões rimados, o sétimo aniversário da batalha de Lys. Nove de Abril. Dia embandeirado. Pretexto para os portugueses relembrares mais uma vez o passeio triunfal das cinco quinas pelo mundo, a grandeza dos Gama e o heroísmo dos Albuquerque. Portugal de hoje: saudade geográfica do de ontem.

Dez horas. A lancha que devia estar á espera, no cais, desde quinze minutos, ainda não chegou.

— Vs. Exs. pagaram bilhetes de ida e volta?

— De ida e volta.

— E a que horas parte o vaporzinh?

— A's dez e um quarto.

— Ah ladrões! Antão ficaram com o dinheiro!

Azáfama. Cólera e desespero. Maldições. Inúteis.

— O senhor é o guarda? Precisamos com urgencia de uma embarcação.

— Qu'é qu'eu tanho com issu? Vão falar com o patrão, aquele velhote que ali está.

Pedidos. Súplicas até. O velhote não tem a alma dura felizmente (a cabeça é um pouco, graças a Deus).

— Está bém. O' fragateiro! O' fragateiro! Onde teria se metido êsse maldito? O' fragateiro!

p a t h é - b a b y

Lá está êle. Traz depressa uma lancha, rapaz, que é a safar!

Aparece um homem magro, cara raspada, cabelos encaracolados cobrindo a gola da imensa capa de borracha preta, roupa escura e chapéu enorme, gravata de pintor e bengalão temível.

— Apresento-lhes aqui uma das maiores influências políticas da terra: o senhor Armando de Azevedo.

E o guia improvisado acrescenta baixinho:

— Este gajo é o grande chefe dos revolucionários de Lisboa!

O grande chefe tem um ar malandro de Mefistófeles popular, feito em séries.

Chove sempre. O ilustre agitador toma lugar na lancha, que dispara. Acima do barulho do motor e do ruído das ondas, ergue-se a voz cavernosa do chefe:

— Se os amigos voltarem algum dia a Lisboa, já sabem: encontram-me sempre na Brasileira, o café onde se fazem as revoluçõesinhas...

O guia improvisado não desvia os olhos de êxtase do Lenine tipo Ford, que, de pé, no centro da lancha, lança um olhar tirânico sôbre o Tejo, sôbre Lisboa, sôbre Portugal, sôbre os homens, as cousas, os elementos.

p a t h é ~ b a b y

— Um grande! Um imenso! Um homem necessário. Isto aqui só á dinamite!

A bordo, o chefe revolucionário tem um ataque tremendo de asma. Quási arrebenta. Quási.

Abril de 1925.

segundo episódio: volta

Na lancha, o bigodudo dos cartões postais(colete de veludo azeitona) açucara a voz junto aos ouvidos estrangeiros:

— Tanho também uma culeçõesinha, que é a última palavra no género que V. Excia. adivinha... Quatro shillings sómente.

Dois mulatos de chapéu côco passeiam no cais lapelas floridas. As varinas correm na ponta dos pés, com ventres de gravidez eterna. O pregão dos garoços enche as arcadas encardidas do Terreiro do Paço:

— Canetas a quinze tostões! Piúgas a cinco tostões!

A sobrecasaca conselheiral dos estudantes usa uma capa de irmandade por cima. A rua Áurea é a vergonha do nome. *Tatá & Sousa*. Imundície e abandono. A avenida da Liberdade. Desleixo e buracos.

SÃO PORTUGUESES OS CHOCOLATES DA FABRICA SUISSA.

A estrada de Bemfica, enquanto o sol oprime, sobe e desce debaixo dos pneumáticos. Poeira no ar. Carões manuelinos. Varapaus e barretes. Suíssas brancas. Olhares mudos.

p a t h é - b a b y

Sintra. CASA D'AVÓ. A cabeça do guia, no Palácio Real, é um ovo de alabastro.

— Câmara de D. Maria Pia.

A sala das pegas perpetua no forro a bilontri-ce real.

Das janelas da torre, os telhados das casas são papoulas crescidas na paisagem verde.

Ladeiras de musgo e frescura.

O sino da igrejinha pula de contente. Na fonte, a mulher de saia enrolada na cintura inclina o cântaro amarelo. O velhote acororado no banco de pedra sorri para as moscas. Um cachorro coça a orelha. Zangado. O moreno, de guitarra sob o braço, pára para acender o cigarro. Sombra.

— V. Excia. não deseja queijadinhas?

Rua das Padarias 7 e 9. Fabricação da senhora Periquita (Constância Gomes). Tem marca registrada: periquito voando.

A estrada é um traço de giz.

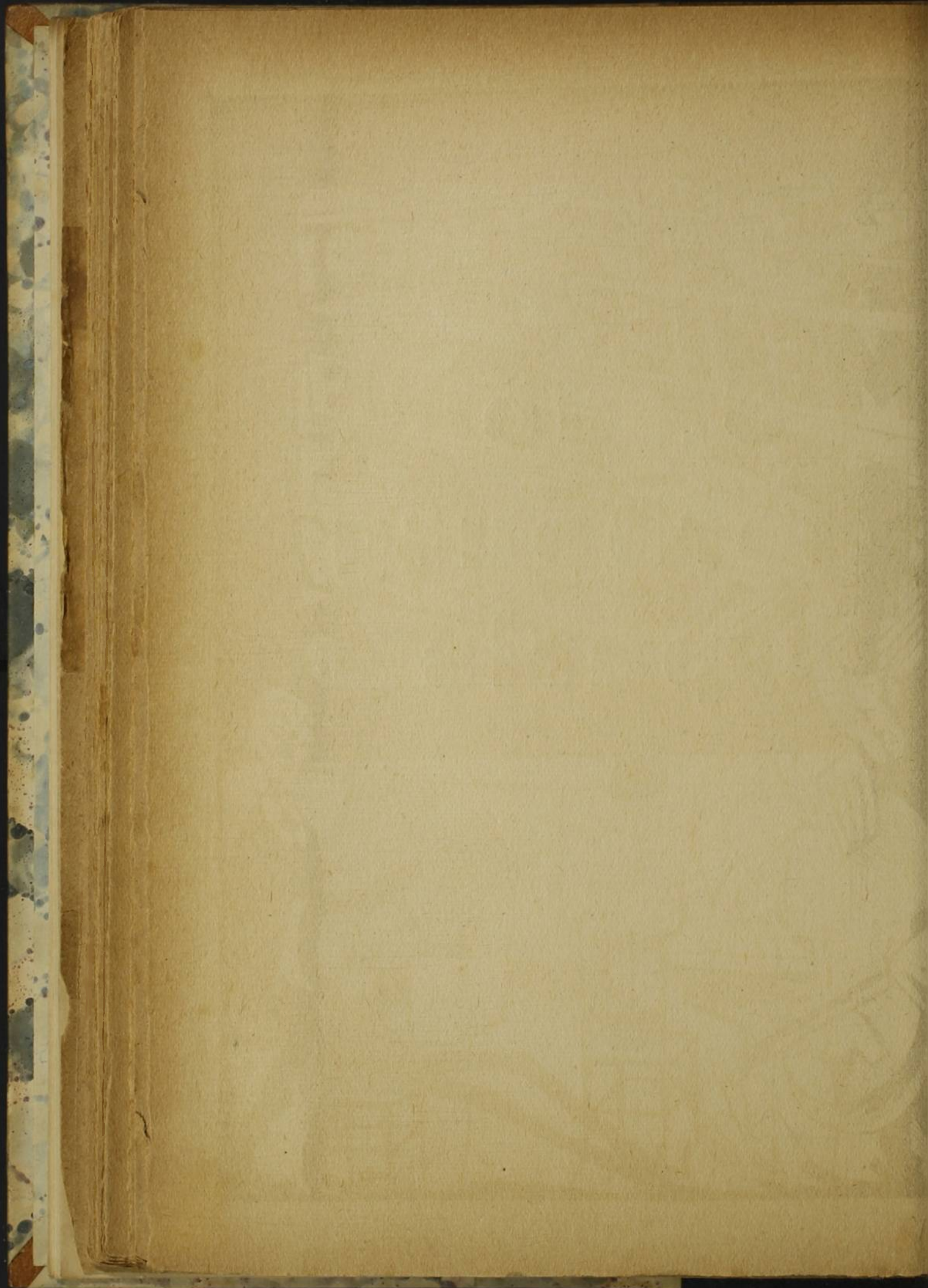
Lisboa com nódoas. No cais do Sodré a lancha, cheia, guincha.

— Antão, V. Excia., não quer mesmo a culeçãosinha de bandalheira? Olhe que são sómente dois shillings.

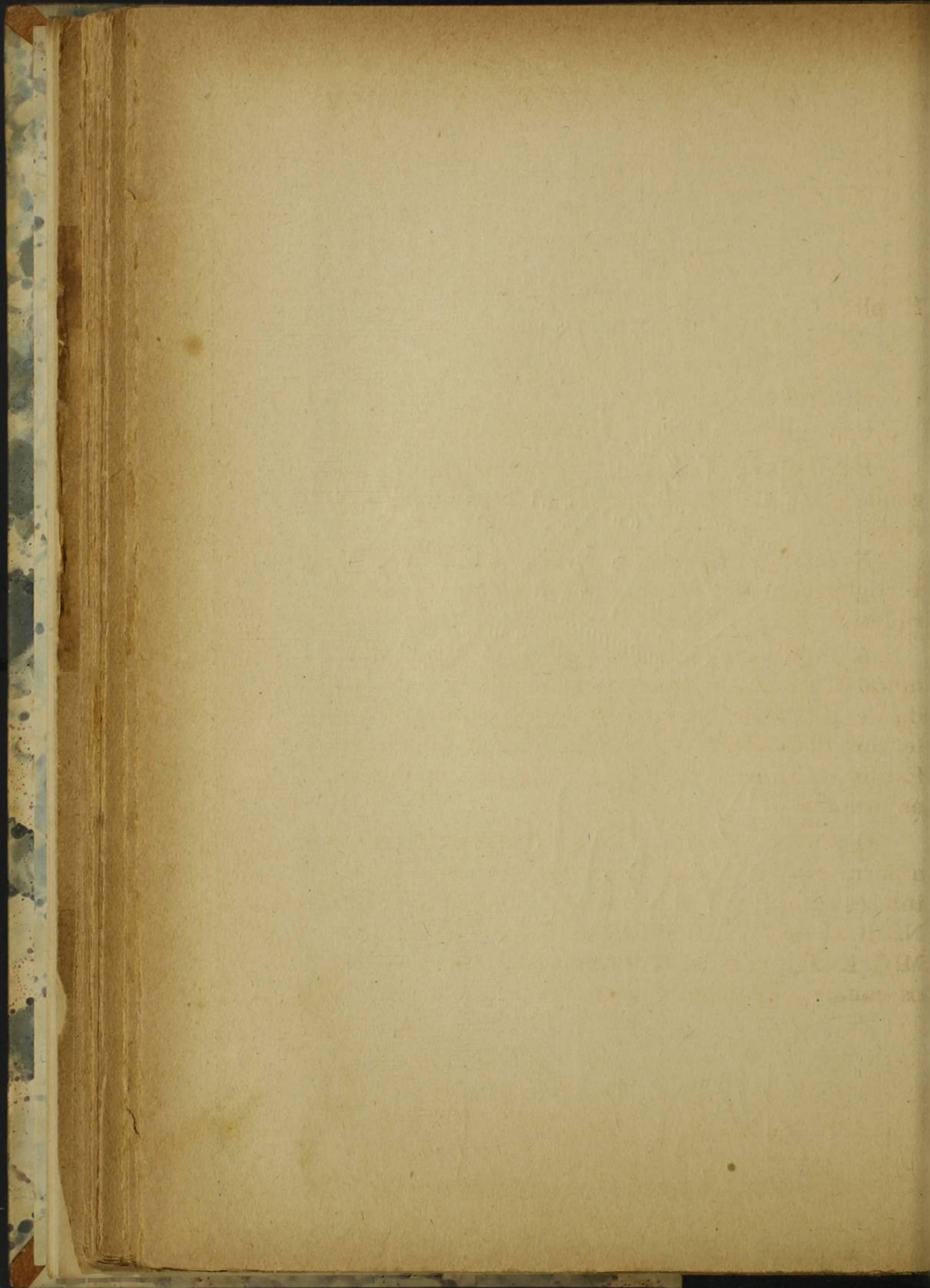
E há um cheiro de pólvora sêca.

Outubro de 1925.

**3. de
cherbourg
a paris**







p a t h é ~ b a b y

1. pii!

— En voiture! En voiture!

Um apito. Não: dois apitos. Sinais vermelhos.

Rápido, o trem corre, rola com ruído, rangendo. Sem deixar saudades, Cherbourg desaparece.

Normandia. As aldeias começam a desfilar, vertiginosamente, umas atrás das outras, enfileiradas ao longo da linha como postes telegráficos.

A natureza, para compor a paisagem normanda, estudou geometria. Desenhou-a com ajuda de esquadro e compasso. Coloriu-a pobrememente, com duas cores só: cinzenta e verde. Caprichou. Estilizou. Tudo é medido: os campos, os prados, as árvores.

O homem colaborou com a natureza: dividiu a terra em triângulos, losangos, trapésios. Muito interesseiro, espetou anúncios: CHOCOLAT MENIER, COINTREAU TRIPLE-SEC, SAVON ERASMIC. Evitou curvas. Deformou as árvores. Alisou os campos. Penteou a relva.

2. percurso

Casinhas aos pares. Tétos pontudos de ardósia. Muros de pedra. Vacas bem tratadas (tudo é bem tratado).

Simetria, fria simetria. Em cada canto do terreiro quadrado, um arbusto. No centro, uma árvore. A cerca é de madeira pintada. Ninguém.

Toda gente já viu um quadro assim. Numa loja de brinquedos.

Cidadesinhas pequeninas. O trem não lhes dá importância. Passa por elas: não pára. Pobrezinhas, ficam tristes. Ao menos, parece.

Agora, em Valognes, Carentan, Caen, Lisieux e outras cidades assim, de muitas casas, de igrejas magestosas, de estação metida a sebo, o trem estaca. Minutos só, é verdade. Logo, dispara. Vai disparando, até encontrar outra que, unindo numa suplica as mãos no alto de um campanário, lhe pede, lhe diz:

— Pára!

Ele consente ofegante.

Ao menos, parece.

3. o lusíada do compartimento vermelho

O português que desce em todas as estações usa bigodes pretos e polainas amarelas. E' gordo.

p a t h é - b a b y

Súa. Desce para subir carregado. Traz frutas, garrafas de Vitel, e doces para a mulher e os filhos.

A paisagem o impressiona. Descascando peras, destampando garrafas, desembulhando pacotes, encosta sempre o vidro do monóculo no vidro da janela e explode:

— E' de escacha!

4. chiiú!

Escuridão de túneis. Pequenos castelos, cercados por parques e gramados. Macieiras perfiladas como soldados. Ripas de madeira nos muros das casas.

E' primavera. Onde estão as flores? Bosques de pinheiros tristes. Planice chata que não termina mais. Não há montanhas escondendo o horizonte. Por muito favor, colinas anãs. E só lá de vez em quando.

As povoações abrem ala para o trem passar. E o trem passa veloz, em busca de Paris.

Trilhos, trilhos, trilhos. Discos verdes, discos vermelhos. Lanternas. Sinais. Avisos. Letreiros. Trens parados. Trilhos. Postes. Guindastes. Locomotivas fumegantes. Arrabaldes tranquilos. Automóveis. Estações pequeninas de nomes enormes. Fumaça. Trilhos. Rapidez do trem que vôa. Ruído.

p a t h é ~ b a b y

Imobilidade das cousas que ficam. Cheiro de gente. Cheiro de trabalho. Cheiro de civilização. Tri-
lhos.

E as torres da Sacré Coeur, á esquerda, alongando Montmartre até o céu. E a Tour Eiffel, á direita, espetando as nuvens.

Gare St. Lazare. Faz frio. Desce um casal de brasileiros: êle, de palheta, bengala e sobretudo; ela, toda côres carnavalescas, toda porta de tinturaria.

— Ce sont des argentins...

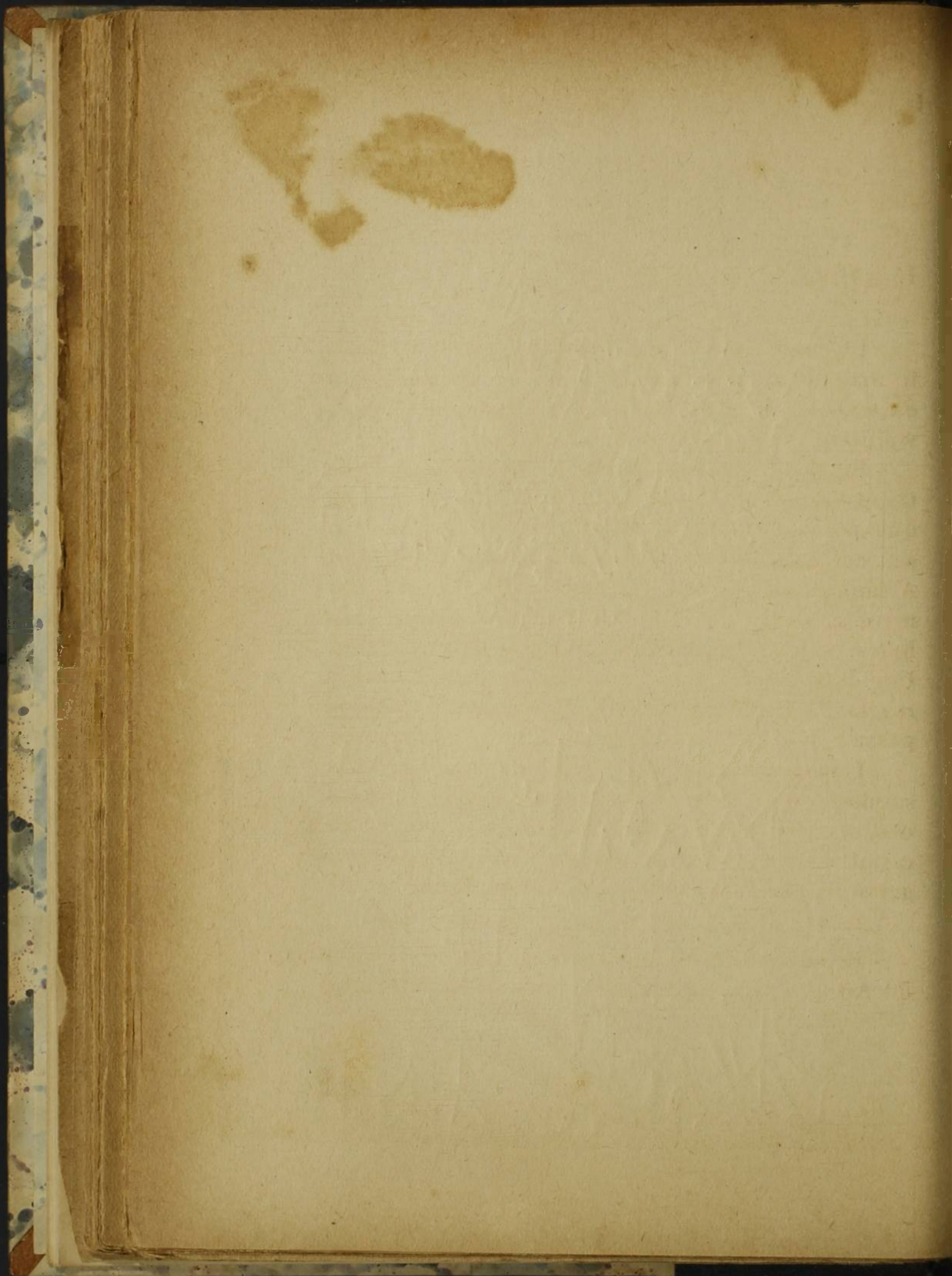
Ainda bem! Ainda bem!

Abril de 1925.

4. paris

p a r a m a r c e l l i n o
d e c a r v a l h o , f i l h o





1. a flama da saudade

Place de l'Étoile. Em torno do Arco do Triunfo magotes de automóveis giram. As avenidas são doze bôcas de asfalto que comem gente e veículos, vomitam gente e veículos. Insaciáveis.

Ruído. Pó. E gente. Muita gente. O soldado apita, levanta o seu bastão, e a circulação pára para que possam passar, tranqüilamente, a ama e o seu carrinho. Duas costureirinhas que tagarelam. A família que vai bocejar nos bancos do Bois. Um maneta vendendo alfinetes. Gargalhadas de uma loura de olheiras verdes. A Kodak de um inglês. Um casal de namorados. Israelitas ostentando a roseta da Legião de Honra. Monóculos. Paris que passa.

E pára sob a arcada. Do chão sobe a flama da saudade, que dança. Tres mutilados, condecorados, compenetrados, montam guarda. O menino de capote azul, carregando um arco, inclina-se. Gira o gorro na ponta do pau e soletra baixinho:

— I...ci re... po... po... Ici re... pose...

Recolhimento de teatro dramático. Em volta do Arco, a vida dinâmica da cidade tumultuária,

herrando no buzinar dos automóveis, no ronco dos ônibus, no vozerio indistinto que sobe e foge. Sob a arcada, os olhos fixando o túmulo. E o menino:

— ... repose un sol... dat...

Mulheres de luto juntam as mãos. Os lábios tremem. Há corôas pelo chão. A flama joga para o alto uma fumaceira escura que envolve as meretrizes que chegam. Cabeças descobertas.

— ... fr... fran... français m... mort...

Cabeças baixas. A meretriz mais alta despende da cintura um ramo de violetas, coloca-o entre as corôas. O ramo resvala, esconde-se sob as flores mortas. A filha da burguesa de buço agacha-se, pega o ramo roxo, pousa-o sobre o túmulo. A burguesa de buço (e gorda) aprova com o olhar. Todos pensam. Todos rezam.

— ... pour la pa...trie.

Em torno do Arco, os automóveis buzina sempre, os ônibus roncam, sobe e foge o vozerio da multidão.

O menino sai, correndo, tocando o seu arco, triunfantemente.

2. o baile do magic-city

A taboleta diz: JAVA. Estrepitosamente a orquestra toca *La Belote*. Música saltitante, tremelicante.

p a t h é ~ b a b y

Cincoenta, cem, duzentos pares. Incontáveis.
Frenéticos.

Prazo — dado de todas as raças, de todas as
idades, de todas as classes. Do amor e da alegria.
Paris que a Agência Cook não conhece.

Peito contra peito, bôca contra bôca, fronte
contra fronte, um estudante chinês dança com uma
dactilógrafa cubana. Duas raparigas gingam cola-
das, os lábios da mais alta no pescoço da mais
baixa. Pulos. Gritos. Gargalhadas. Uma costureiri-
nha do Boulevard des Filles du-Calvaire abraça o
indiano de óculos e corcunda.

— Voilà mon père qui arrive avec sa gon-
zesse...

Que bôca tão vermelha! Os braços magros de
um argeliano fazem-se quilométricos para enlaça-
rem os cento e cinco quilos de uma norte-ameri-
cana de colar de pérolas. Cada par tem o seu estí-
lo: o estilo que lhe convem. Os passos improvisam-
se, traduzem estados de espírito. Passos burgueses.
Passos cómicos. Passos pitorescos, voluptuosos, es-
candalosos.

Vozes roucas, imitando a de Mistinguett, prin-
cipiam o estribilho irresistível:

*On fait un' petit' belote
et puis ça va...*

p a t h é ~ b a b y

Outras continuam, misturando cincoenta pronúncias diferentes:

*Tout le rest' c'est d'la gnognotte
à côté d'ça...*

Confusão estonteadora, policroma. Peitilhos de casaca. Fardas. Caras barbudas. Um par de lábios grudados, parado no meio do salão. Mamãs suarentas, com copos de cerveja. Um inglês manco e que salta, arrastando os sessenta anos da rumai-ca alta. E o estribilho que recomeça:

*On fait un' petit belote
et puis ça va...*

E continua:

*... on belote et rebelote
à tour de bras!*

Algazarra de dançarinos que se chocam. Há-litos que se misturam. Cheiro azedo de aglomeração pública.

— Ah!...

— Non!...

— Oh!...

A orquestra silencia. Por segundos. Aplausos. A orquestra ataca de novo *La belote*. O saxofone faz prodígios. Acrobacia sonora de todos os instru-

o a t h é - b a b y

mentos. A música (tararirarirá-pum! tarirará-pum!) berra, silva, detona. Estardalhaço da bateria.

A um canto, voltados para a parede, cabeças unidas, baixas, o rapaz e a rapariga tremem. O brasileiro, da mesa mais próxima, arrisca um olho, e sorve a limonada. Muito vermelho.

SAMBA, diz a taboleta da outra orquestra.

Maxixe de S. Guido. Delírio de pernas que se cruzam e se esfregam. Giro doido de corpos unidos. Ginástica e desarticulação de todos os membros. Contorsões. Equilibrismo. Reviravoltas. Na vertigem, no goso, no espasmo, o respeito humano desaparece. O próximo não existe. Ninguém tem olhos para o que se passa em torno. Quem quer beijar, beija. Quem quer bolinar, bolina.

Agora, tocam as duas. Tocam tudo. Sem intervalo.

— Dejà?

Assalto aos vestiários. Longos apertos de mão. Beijos de fim de fita. Empurrões.

— Bonsoir. On se verra demain au metro...

— Oui, ma gosse...

Da boca de um bêbado de cócoras na calçada (chuvisca), saem baforadas de álcool e versos da *Internacional*.

3. meia-noite, boulevard des capucines

Bulhento, internacional, colorido, o Café de la Paix prolonga-se até o meio da calçada.

Entre meretrizes e ingleses, a multidão passa aos empurrões. Desfile de tipos e de raças. Ininterrupto. Pitoresco. Jornais de S. Paulo, do Cairo e de Tokio, revistas apimentadas e livros pornográficos enchem os quiosques de pouca literatura e muita obscenidade. Anúncios luminosos põem brilhos de palco na fachada cinzenta dos prédios.

— Un guide pour la nuit? Très discret...

Vindos da Opéra, clagues e peles. Árabes, de olhar canalha, oferecem tapetes. Uma negra de óculos. No asfalto, acrobatismo de automóveis que se chocam. Meia-noite iluminada e borbulhante.

A mercadoria dos bordeis da vizinhança percorre o Boulevard. Há de tudo, para todos os vícios, para todas as bolsas. Apoiada em muletas, uma aleijada (há de tudo, para todos os vícios) obstinadamente vai e vem. O rosto é lindo. O olhar é um convite desesperado.

Sujeitos mal cheirosos presentindo estrangeiro, puxam do bolso cartões postais:

— Poses artistiques... Dix francs la série.

O francêz gordo, suando felicidade, esfrega os bigodes no rosto besuntado da magricela. Im-

prudência de francês gordo. Bufando como uma Mallet, a mulher de roxo o enfrenta e o esbofetea. Ao estalo segue-se a descompostura berrada:

— Tu ne t'imaginais pas me rencontrer, hein, salaud? Tu cultives les poules maintenant? Mais je te jure que cette fois tu es f..., je te jure!

— Voyons, ma chérie, voyons...

A luta começa. Empolga a multidão que faz roda. O guarda-chuva incansável da traida esborracha o chapéu côco do adúltero. A lourinha de rosto besuntado chora.

— Il m'a dit qu'il était libre...

Chora mais um pouco.

— ... le salaud!

E safa-se.

A luta agora é a sôco. O adúltero na defesa. A assistência diverte-se, entusiasma-se, aplaude.

— Bravo, les élèves de Carpentier! Bravo!

— C'est rigolo comme tout, vous savez!

— Et gratis!

O espectáculo, por intervenção de um barbaças, transfere-se para o interior de um automóvel. Os espectadores afastam-se a custo.

Para dois negros de polainas e luvas amarelas a velhinha do quiosque explica em falsete:

— C'est le printemps...

p a t h é ~ b a b y

Batendo com as muletas, cadenciadamente, a aleijada vai e vem. Na rua há também taxis de bandeirinha erguida.

A norte-americana, feia como uma francesa honesta, pára no meio da calçada, levanta o vestido e arranja demoradamente as ligas.

Resumo do mundo, fervilha o Boulevard.

4. meia-noite, rue st. honoré

A inauguração (com a Marselhesa e discursos) do pavilhão de Paris na Exposição das Artes Decorativas é um pretexto oficial. Simplesmente. Na Rue St. Honoré, o que o povo comemora é a sua própria alegria, a alegria de viver e dançar.

Caixeiras e operários, estudantes e costureiras, funcionários e burgueses unem os corpos e bambolear os quadris. A primavera lubrifica os membros, sugere desejos.

Tres lâmpadas suspensas no meio da rua. Nas calçadas, mesas e cadeiras. A' porta do café, uma sanfona e um banjo são a orquestra. Só. Mais nada. O suficiente.

Rodopiam os pares sobre o asfalto. Correm. Deslisam. Saltam.

p a t h é - b a b y

Cessa a circulação dos veículos. Que esperem!

Os sons fanhosos da sanfona, os sons duros do banjo movimentam os enlaçados. Dançam homens com homens, mulheres com mulheres. Um velho dança sózinho.

Valsinha chorosa, balançada, gemebunda. No colo das raparigas ha flores de Maio. Trazem felicidade. Trazem: a de dançar.

Nos intervalos, os veículos cruzam o salão de asfalto. Vaiados.

Os músicos, em mangas de camisa, engolem cerveja.

— Java! Java!

Sem chapéu, sem colarinho, sem cerimônia, os pares mimam o ritmo popular.

De dentro de um ônibus feito camarote, passageiros espiam com inveja. O condutor não resiste. Pula da boléa, agarra a primeira rapariga que encontra, entra no fandango.

Um grupo de estrangeiros, á distância, escancara olhos surpresos. Entre ingleses que cachimbam e espanhois que discursam, o japonês observa, sumido.

Num muro, fronteiro ao baile, cartazes coloridos falam da crise da vida, das eleições municipais, dos atentados comunistas. Um é tremendo:

conclama os padeiros. Truculentamente: OUVRIERS BOULANGERS! NOUS ALLONS FAIRE APPEL À VOTRE COLÈRE! Outras frases explosivas. Dinamite verbal. Acaba berrando em letras vermelhas: DEBOUT, LA BOULANGE!

Mas o povo dança, dança, dança, ao som do banjo e da sanfona.

O condutor do ônibus combina um encontro para o dia seguinte.

5. fête-foraine

— Venez voir l'HOMME CHAUVE- SOURIS! Un franc pour admirer le célèbre phénomène!

As mulheres dos operários distribuem cêntimos pelos filhos. Os fôcos de luz desfazem-se no Sena. Alegria de pobres. Montada nos cavalos do Carroussel, a gente vestida com côres contentes gira e gira com risos, com gritos. Os cavalos corcoveam sincronicamente. Folheando o *Paris-Flirt*, a costureirinha morde os lábios. E a Tour Eiffel, subindo pelo céu, anuncia os automóveis Citroen.

— Venez voir l'HOMME CHAUVE- SOURIS!

Na frente da barraca a pintura é um monstro com pernas e rosto de homem, mas asas e orelhas

p a t h é ~ b a b y

de morcego. Ao lado da borradela sensacional, o furunculoso recebe o franco a afasta a cortina.

Os curiosos ficam de pé olhando a caixa comprida. O tipo, de dentro da caixa, ergue a tampa com a cabeça. Mostra bem a careca. Depois, sorri.

E desaparece.

A velhinha de guarda -chuva sai indignada, dizendo que é exploração.

— Venez voir l'HOMME CHAUVE-SOURIS!
Un franc! Un franc seulement!

Assim, de gente!

6. espírito gaulês

A Exposition des Arts Décoratifs et Industriels Modernes, de árvores cubistas, de telhados quadrados, de jardins de madeira, levanta para o céu de Paris antenas de luz.

A multidão torce o nariz deante dos pavilhões ricos, e vae divertir-se no Parc des Attractions.

Tudo mexe. Tudo corre. Tudo berra.

— Allons voir la Maison des Glaces.

Na sala octogonal, os espelhos deformam as figuras. Engordam. Emagrecem. Entortam. Caricaturam.

A gente ri.

p a t h é ~ b a b y

O guarda grita:

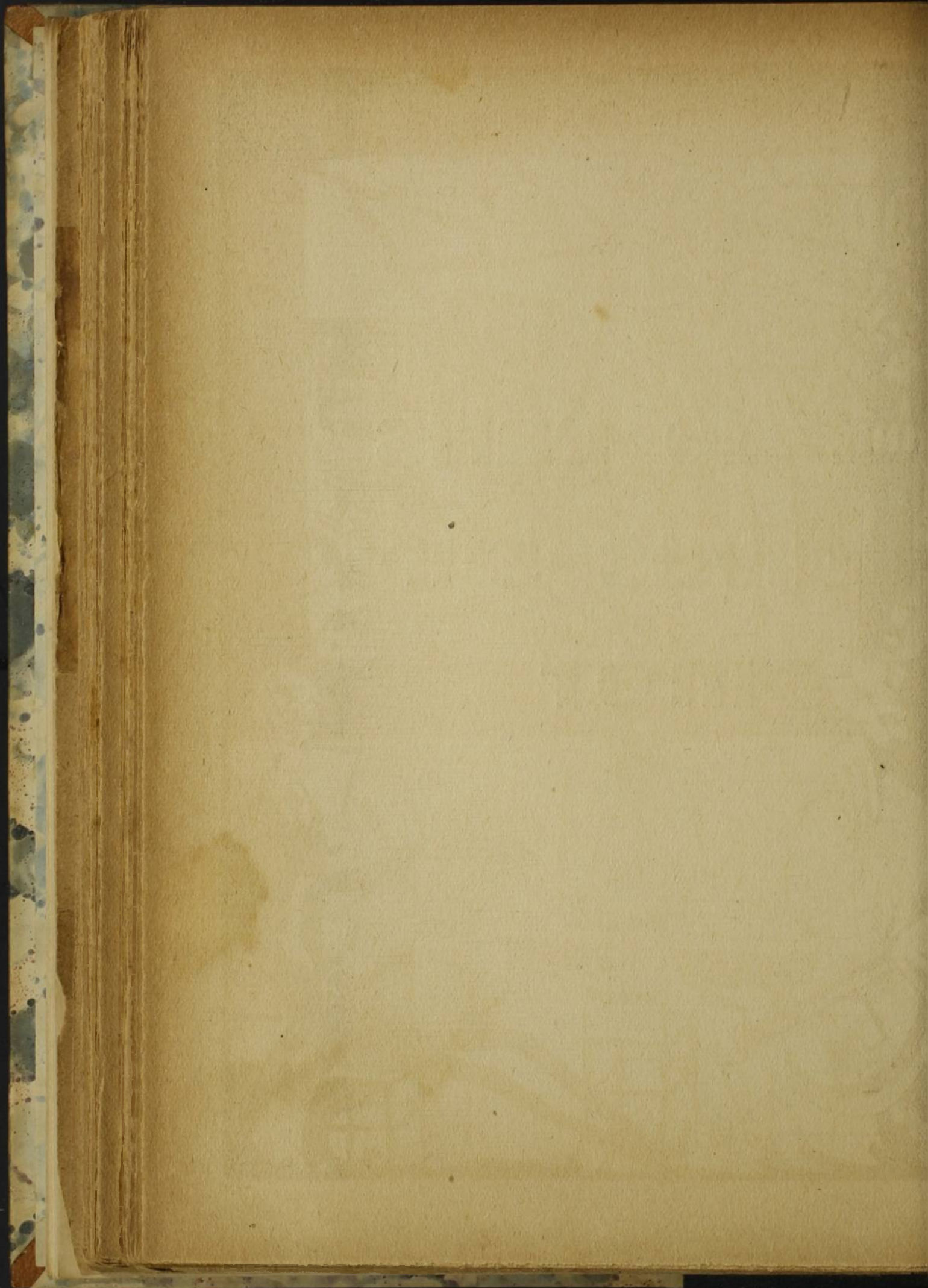
— Mesdames et Messieurs! Soutenez vos chapeaux!

O golpe de vento, de repente, sobe do rodapé e levanta as saias.

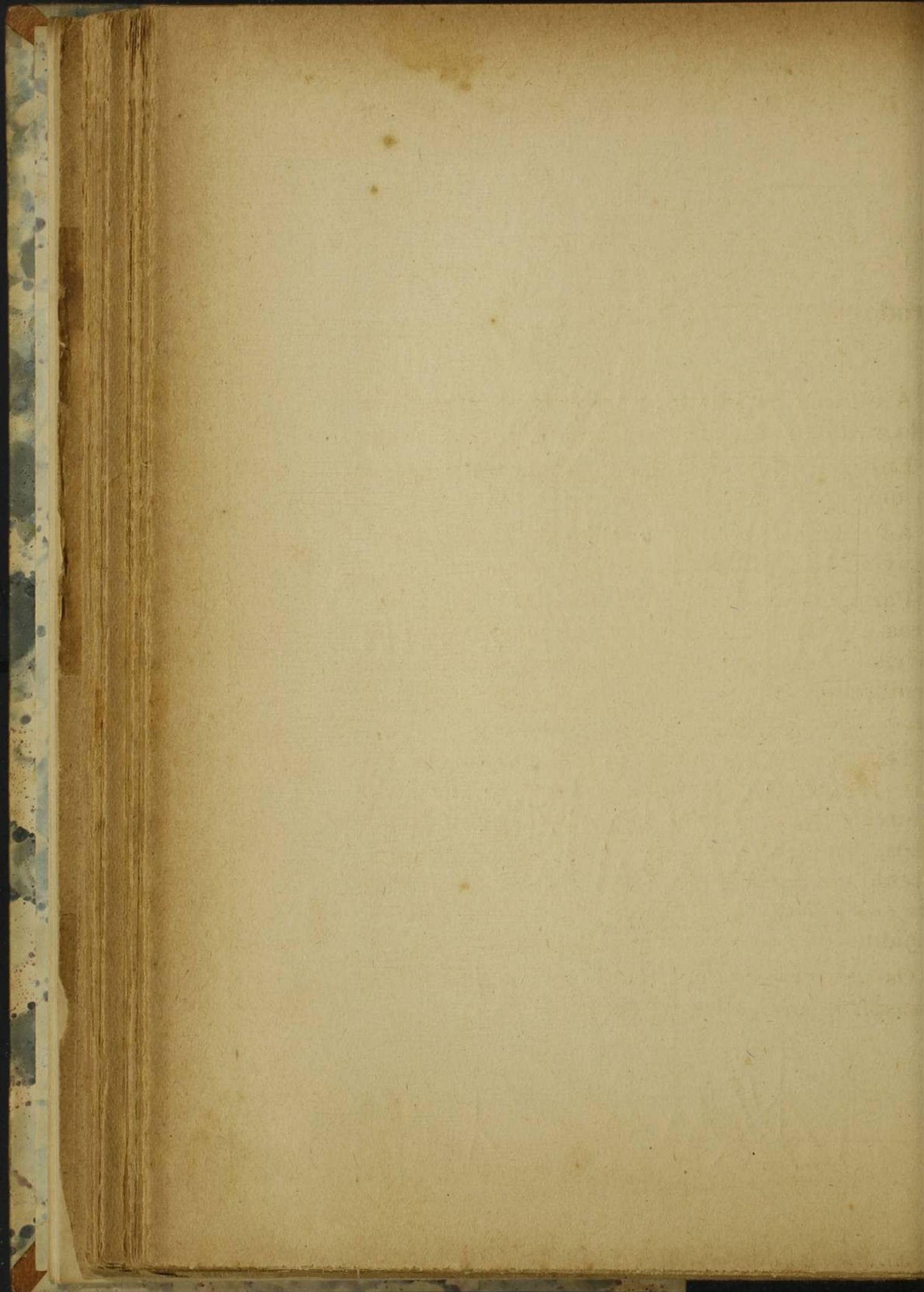
A gente ri.

Abril, Maio e Outubro de 1925.

5. de paris
a dives-sur-
mer







a t h é ~ b a b y

1. rodovia

A estrada de asfalto é um risco de lapis cor-
ando o campo verde. Paris ficou atrás. Na bruma.

Entre acácias, a Citroen engole quilómetros
com uma fome de 10 H. P.

As cidades abrem-se. Bougival, St. Germain-
en-Laye, Mantes-la-Jolie. A estrada passa.

Paisagem asseada, civilizada. Ao longe, ma-
ieiras em flor são velhinhas de cabelos brancos
móveis na relva esmeralda. Passaros deslisam no
ar embaçado como folhas que o vento ergue. E
eva.

Telhados culminando num campanário es-
guio: Bonnières, Fontaine-la-Soret, Malbrouck,
Duranville. Nem cidades, nem vilas, nem aldeias:
pousos. Com um Hotel du Grand Cerf e um mo-
numento aos mortos da guerra (*A nos morts glo-
rieux, Aux héros morts pour la patrie*, e a lista,
e a palma de bronze, e o galo gaulês).

Os parentes contemplam-o com orgulho. En-
tre suspiros, para evitar falatórios.

2. visita

Farnel nas costas, pedalando, pedalando, ciclistas, homens, mulheres e crianças, ao lado dos automóveis, correm sobre a estrada. Os olhos reflectem as árvores. O cheiro da terra dilata as narinas. Os corpos se cansam para a carícia da grama.

Aos domingos, Paris faz uma visita á natureza.

3. santidade

Flores vermelhas pintam os ramos altos dos castanheiros. Parques e castelos. Completando a paisagem passadista, carneiros unidos e parados.

Calvários de pedra e madeira anunciam Lisieux. Pregado em cruces diferentes, numa encruzilhada ou á sombra de um plátano, Cristo pende a cabeça ferida, reproduz, de distância a distância, o mesmo espectáculo de martírio.

Terra que acalentou Teresa do Menino Jesus e lhe ensinou virtudes suaves. Nos campos de Lisieux, a discípula se fez boa. Sem pretensão: os homens é que a fizeram santa.

4. descanso de dez minutos

O pitoresco normando de Pont-l'Evêque. Ruas finas, angulosas. Desenhos de madeira nos muros

p a t h é - b a b y

dos prédios. Os telhados vêm descendo, vêm descendo. Vêm descendo procurando o chão. Os beirais trabalhados são propriedade dos pássaros. Nas águas do canal as casas olham-se. Cheiro de mofo, bafo frio de porão fechado. Roupas dominigueiras.

No balcão roxo de glicínias, a mulher ergue o filhinho nos braços. O padre, na calçada, não acerta com o bolso da batina.

5. deauville

Casario envernizado. Campos de tennis. Jardins e modistas.

Não se vê ainda. Mas se adivinha para logo o francês mulherengo, monóculo suspenso nos dedos enluvados, medidas para cá, medidas para lá, diante da estrangeira rica:

— Oh! madame, quelle robe ravissante!

E a norte-americana, mostra de pérolas e brilhantes, mostrando as ondas com a bengalinha.

— Beautiful! Oh! Oh! Wonderful!

E o argentino bonito (que as prostitutas sustentam), e a duquesa russa, e o príncipe indiano, e o grupo de ingleses basbaques tendo á frente, de dedo espetado, um guia da Agência Cook:

— This is the Casino.

O verão verá tudo isso.

p a t h é - b a b y

6. saudade

Pelas ruas de Trouville vasia, o automóvel passeia um bumbo e um clarim. No boléa, aos gritos, o palhaço anuncia a função. E o clarim: tá-tarará! E o bumbo: bum-bambum!

Oportunidade para um italiano berrar: *Si puó? Si puó?* E, sem esperar resposta, desandar por aí afóra.

Mas diante do auto que avança aos bocadinhos, é a voz da saudade brasileira que lembra dentro da gente:

— O paiaço que é?

— E' ladrão de muié!

O automóvel passa, desaparece, levando o bumbo, o clarim e o palhaço.

A saudade não passa:

— Hoje tem goiabada?

— Tem, sim sinhô!

Ah! o palhaço montado de través no seu cavalo, as negras arregaçando a beicorra á porta das casas, a molecada correndo, delirante!

POUR LES ENFANTS, ALLURE MODERÉE.

7. antiguidades

Em Dives-Sur-Mer, onde termina a rua d'Hastings, indicando o ponto de que partiu Guilherme

p a t h é - b a b y

para conquistar as terras de além Mancha e o título de conquistador, há uma placa e uma maravilha.

A placa é uma placa. A maravilha é a Hostellerie de Guillaume le Conquérant.

— Voici Mr. le Rémois.

Mr. Le Rémois é hoteleiro e artista. Velhinho e feliz. Vai mostrar a casa.

A sala de jantar narra, nos vitrais coloridos, a história gloriosa da estalagem. Antes de mais nada, o bota-fóra guerreiro do conquistador, espadagão na dextra. Depois, Henrique IV, que ali dormiu uma noite. O mesmo fez Maria de Médicis e êsse facto notável o vitral seguinte regista em côres bem vivas. Agora, é a vez de Luiz XIII, outro freguês coroadado. Ao lado, Mme. de Sevigné. Coçando os cabelos, Mr. Le Rémois repete palavra por palavra o trecho da carta em que a United Press do século XVII (*Comunicados epistolares*) conta á filha que na Hôtellerie sujou uns lençóis (ela também), regaladamente. E passa adiante para mostrar uma velhinha cercada por carões conhecidos e pela gaforinha de Dumas, pai.

— C'est le portrait de ma mère...

O filho reuniu no mesmo vitral literatos amigos da casa e da mãe.

Nas paredes, sôbre os móveis, descendo do tecto normando, estatuetas, colunas, pratos, lâm-

padas, utensílios. Cada objecto tem a sua história. E o seu historiador, que é Mr. Le Rémois.

Deante da Virgem Mãe sem braços e negra, com o Menino Jesus grudado no ombro esquerdo, o velhinho, concentrado, balbucia a biografia da imagem e a narração de seu encontro.

Cabeça trêmula, mãos trêmulas, Mr. Le Rémois aponta um suporte de ferro batido sustentando uma lâmpada de dez séculos. E recita, com voz de prece, a história do suporte.

— Il était là, parmi les tombes d'un cimetière de village, auprès d'une petite église...

Mr. Le Rémois passa, vê aquela preciosidade como cousa morta entre a gente morta, e vai logo à sacristia da igreja confabular com o vigário.

— Voyons, mr. le curé, c'est un crime, un grand crime, de laisser cette merveille là...

Depois vem o fecho da história:

— Je l'ai payée cinq francs...

Mr. Le Rémois sorri.

Beirando o páteo Luis XIV, florido, continua o museu: desenhos originaes de Gavarni, gravuras velhas, autógrafos graúdos, versinhos apimentados, inscrições sugestivas.

RÉJOUIS TOI
MON VENTRE,
TOUT CE QUE JE GAGNE
C'EST POUR TOI.

p a t h é - b a b y

Sereno, alvo, contente, entre tulipas e antiguidades, Mr. Le Rémois fala das suas viagens.

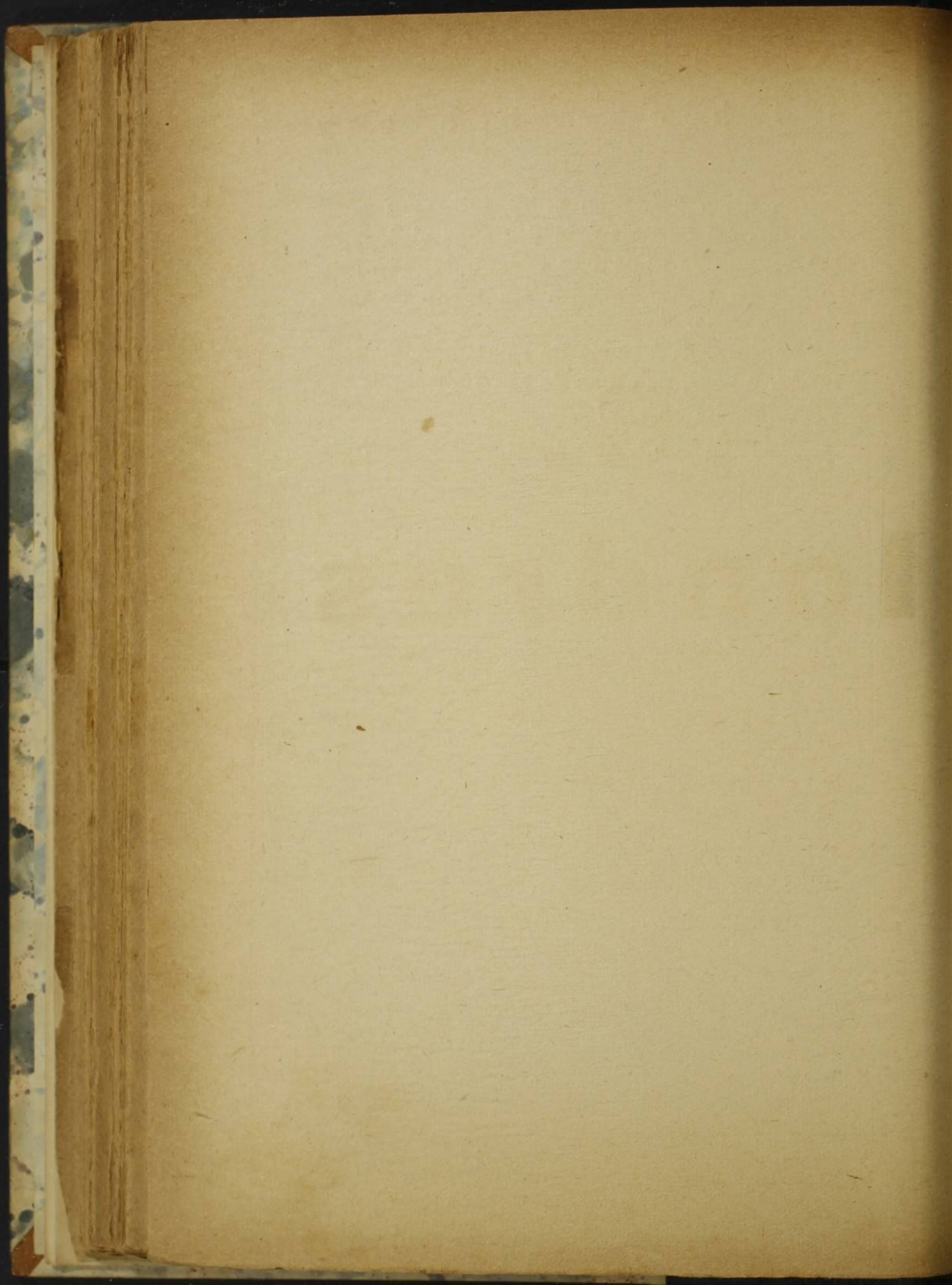
Tres espanhois mais tres espanholas são seis gramofones de corda infinita em torno de uma mesa de refrescos.

O velhinho vem á porta da estalagem. Tudo é azul: o céu, o mar, os olhos de Mr. Le Rémois.

— Bonjour! Bonjour!

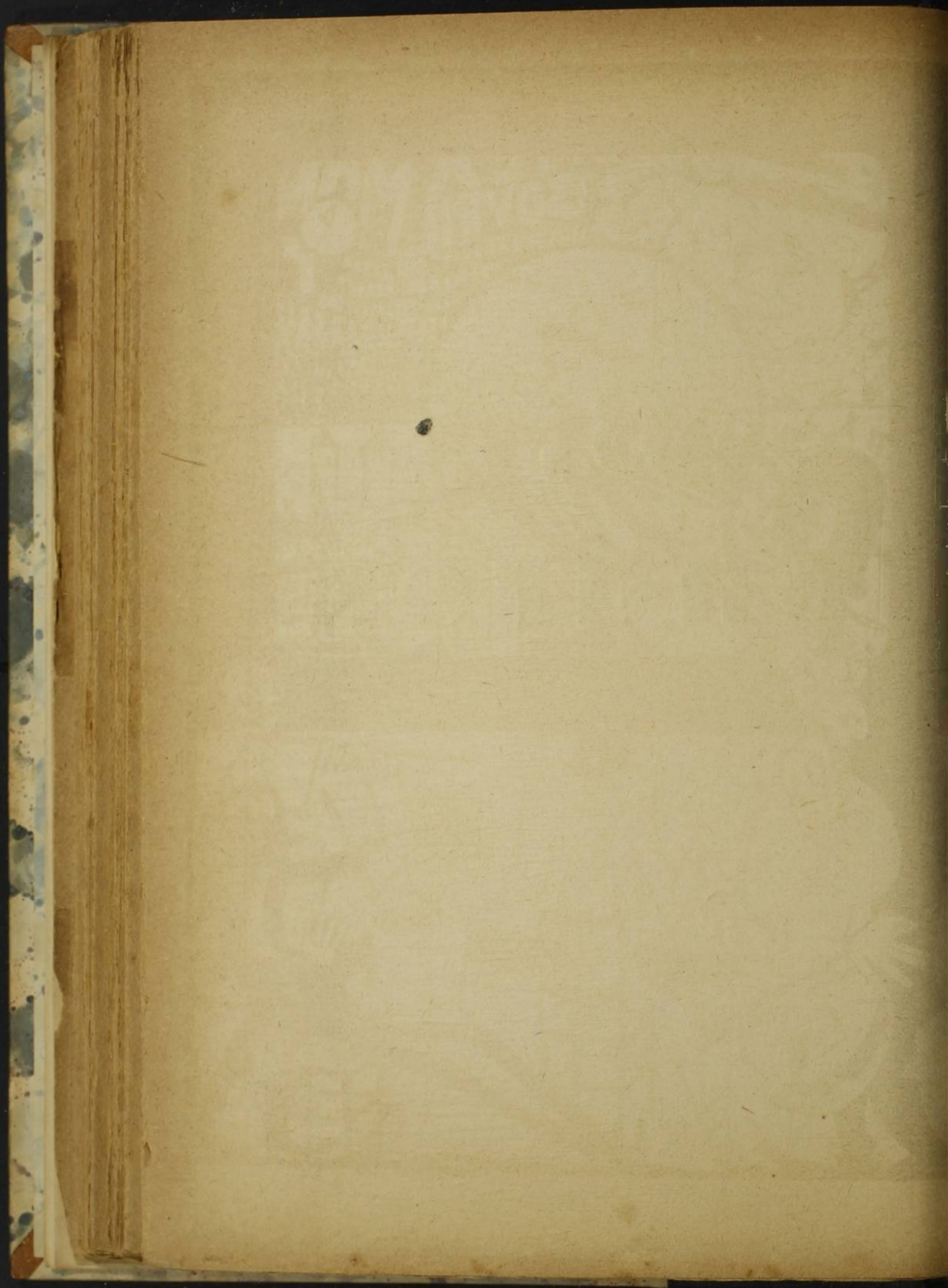
A mão enrugada, erguida um momento, volta á barbicha côr de espuma.

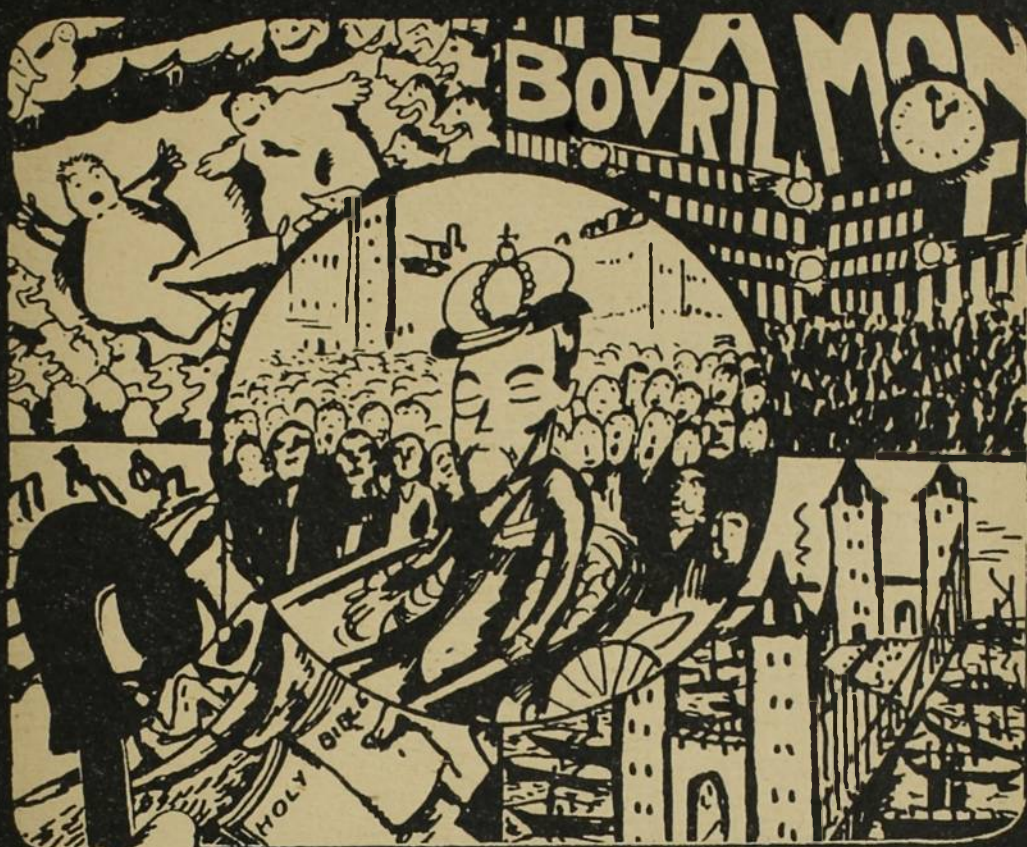
Maio de 1925.

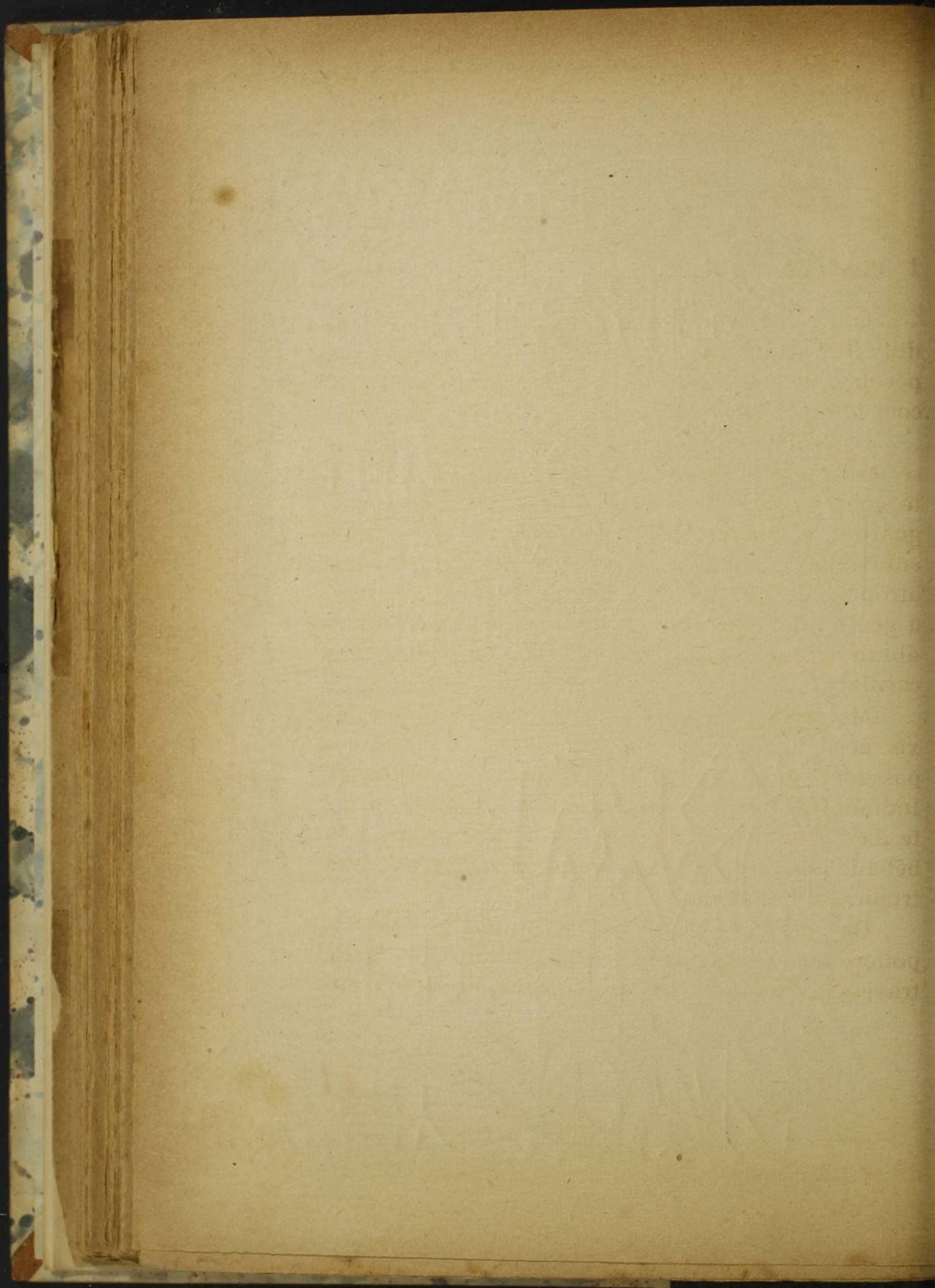


6.

londres







1. charing cross

O Criterion despeja na confusão do Piccadilly Circus mantos de zibelina com colares de pérolas, smockings com clagues, caras raspadas com monóculos, cabeças louras com diademas.

Os ônibus vermelhos de dois andares cruzam-se, esfregam-se, enfileiram-se. A multidão errante cobre a Regent Street. Senhor do trânsito, o guarda de um metro e noventa faz com as mãos enluvadas geometria no espaço. O ruído é um atropelo de mil sons diferentes. Os cafés sorvem a gente que sobra das calçadas. Mas a gente não diminui. Coventry Street lateja como um vaso cardíaco.

Motoristas de chapéo côco ridicularizam taxis acrobáticos. Um cab passa sumido como o passado. Mulheres vendem flores por obrigação. Indianos de olhos imensos reúnem turbantes diante da Corner House. O cego de óculos pretos está bêbado com certeza. O moço míope só vê a beleza tropical que enlaça.

Os anúncios luminosos, galgando os prédios, policromos, despencando dos últimos andares, travessos, rodando, piscando, ágeis, desaparecen-

p a t h é ~ b a b y

do á direita, surgindo á esquerda, subindo, descendo, indo, vindo, LEARN LANGUAGES AT BERLITZ!, MAZAWATTEE TEA, DO YOU COMPOSE?, BOVRIL, MONICO, põem na téla desigual da multidão que não pára pinceladas de Léger e Delaunay, vermelhas, azues e verdes, depois de novo verdes, azues e vermelhas.

A National Galery estende a fachada encavoadada.

E enquanto Trafalgar Square reflecte a vida de oito milhões de vidas (a coluna de Nelson é o bastão que dirige a circulação do mundo), o escocês de saiote, nas escadarias de Saint-Martin's in the Fields, tira sonzinhos pastoris da cornamusa.

Uma da madrugada.

2. humorismo

4 — WILLIAM BURR and DAPHNE HOPE

The lovers

In "A Belle, a Beau and a Balcony".

Na luz dos reflectores a fumaça dos Virginia sobe, rasga-se, evolue. Decotes vermelhos. Casacas. Casacos.

O casal entra em cena. No Alhambra, sem lugar vazio, o silêncio provoca a tosse dos constipados.

Na segunda fila de poltronas, o lourinho...

— The lovers, my love...

... aperta a mão da lourinha. A bengala rola no tapete.

O homenzarrão enche o canapé do palco. A mulherona, vestida de quiosque, acende o cigarro. São cómicos. O público acha. Ri. Ri. Ri.

William (sorrindo) — V. tem lenço?

Daphne (ingenuamente) — Tenho sim.

William (com ironia) — Pois, então, assoe-se!

Delírio. A alegria bate palmas. Engraçadíssimo.

Animado, o casal continua. As gargalhadas são uma só gargalhada.

William (misterioso) — Ontem, no Piccadilly, um tipo pediu o cardápio, pensou, pensou e encomendou palitos...

Daphne (divertida) — E depois?

William (esfusiante) — Serviram-lhe uma bofetada!

O riso do teatro compõe o final de um concertante italiano.

— Oh! Oh! Ah! Ih! Oh! Oh!

E aplausos.

p a t h é ~ b a b y

William ergue-se. Resvala. Esparrama-se no tapete.

— Quá! Quá!

William levanta-se. Escorrega. Estende-se no chão.

— Quá! Quá! Quá!

William equilibra-se. Deslisa. Cai com o panno.

— Quá! Quá! Quá! Quá!

Ovação.

3. quadro de vistas simultâneas

No centro, o vapor apita e a Tower Bridge escancara-se. A' direita, sôbre o oceano de telhados se espraia a fumaça suja das fábricas. Em baixo, a multidão tapa as calçadas. Vendedores ambulantes. Berros. Rangidos.

Londres ofega como um motor. A' esquerda, o que faz tanta gente? As dócas são o íman das embarcações. Os guindastes gemem, no fundo. E' dos Tubes o ronco surdo. O ar cheira gazolina. Confusão. Dinamização. Civilização.

4. good save the king

O saguão rubro-azul do Savoy Hotel é uma aula da escola Berlitz. Os elevadores sobem ar-

p a t h é ~ b a b y

gentinos e descem japoneses. Cartolas cinzentas. Angú internacional. Polainas brancas. Dois persas pedem Apollinaris em francês. Sujeitos de fraque recebem gorgetas. Inglêsas sardentas. Com exagero. O tenor italiano faz barulho. Cartões postais. Fardas da Agência Cook. Fumo. O porteiro comanda. Pela porta do salão de chá as notas do *Guarany* (tan-tan-tararam tan-tararam) entram, perdem-se.

Todos levantam-se. Precipitam-se. Correm. O homem dos automóveis:

— The King!

Na Strand Street, Jorge V, vestido de burguês, dentro da victória, passa em revista a fidelidade dos súditos. Os granadeiros da guarda nem piscam. As calçadas agitam chapéus e lenços. As sacadas espiam.

Em cada olhar de inglês há um orgulho e um contentamento. Britânicos.

4. hyde-park

O verde é macambúzio. Só há flores nos chapéus das mulheres. Elegantes de sapatos amarelos e cartola. Bulldogs enfatuados. O esfarrapado no banco lê os anúncios do *The Evening Standart*.

Pela Ring Road se desenrola a cauda dos au-

p a t h é ~ b a b y

tomóveis. Passo de parada, os cavalos dão importância aos cavaleiros.

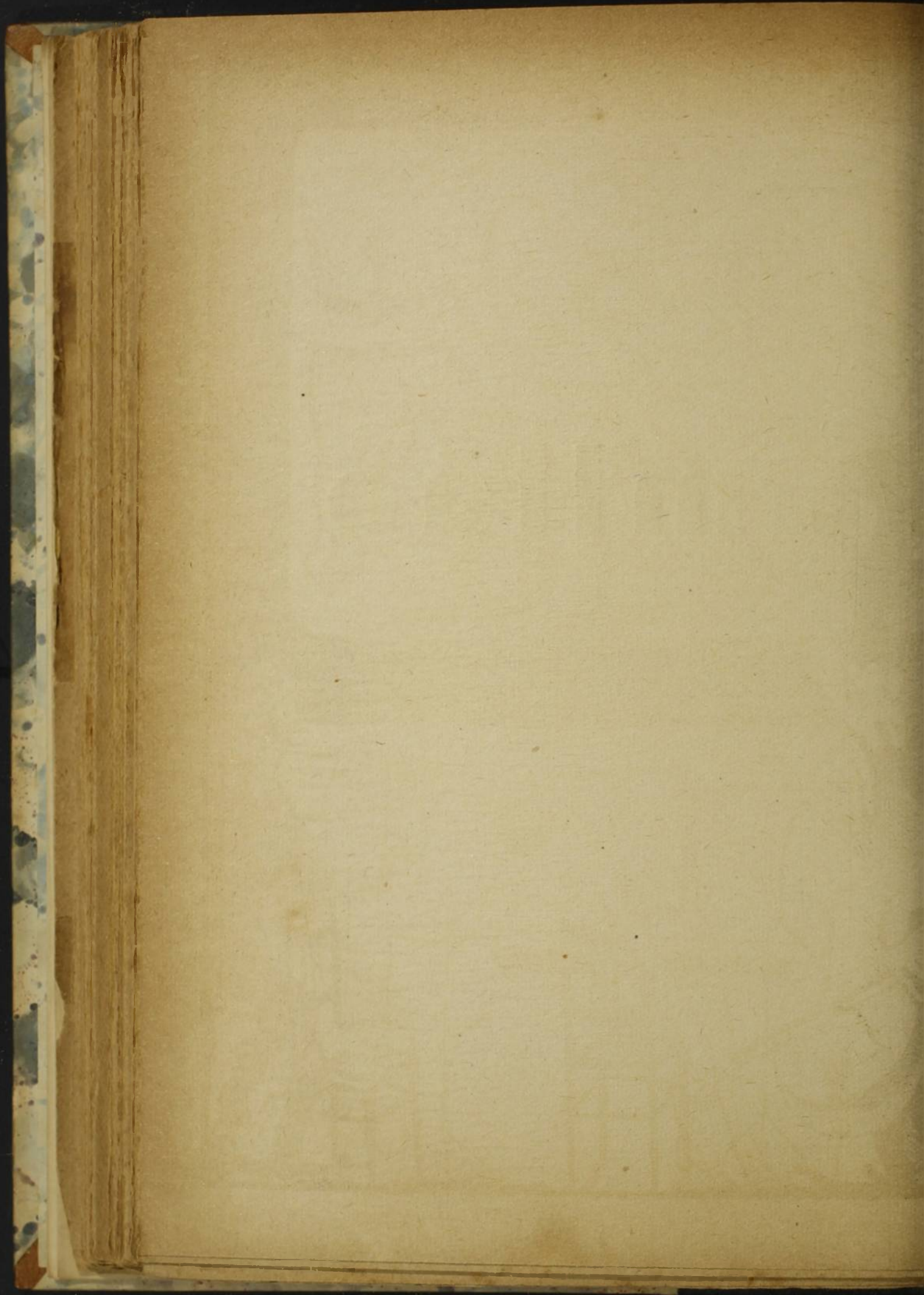
No Serpentine River, os botes que os moços alegres manobram têm na proa uma rapariga e um gramofone. A inveja dos basbaques apura os olhos, nas margens, e comenta. Há sujeitos tristes. tristes, de cachimbo apagado.

Em torno do pavilhão de chá, as mesinhas verdes reúnem gente contente. A orquestra toca o *Tea for two* para ninguém ouvir.

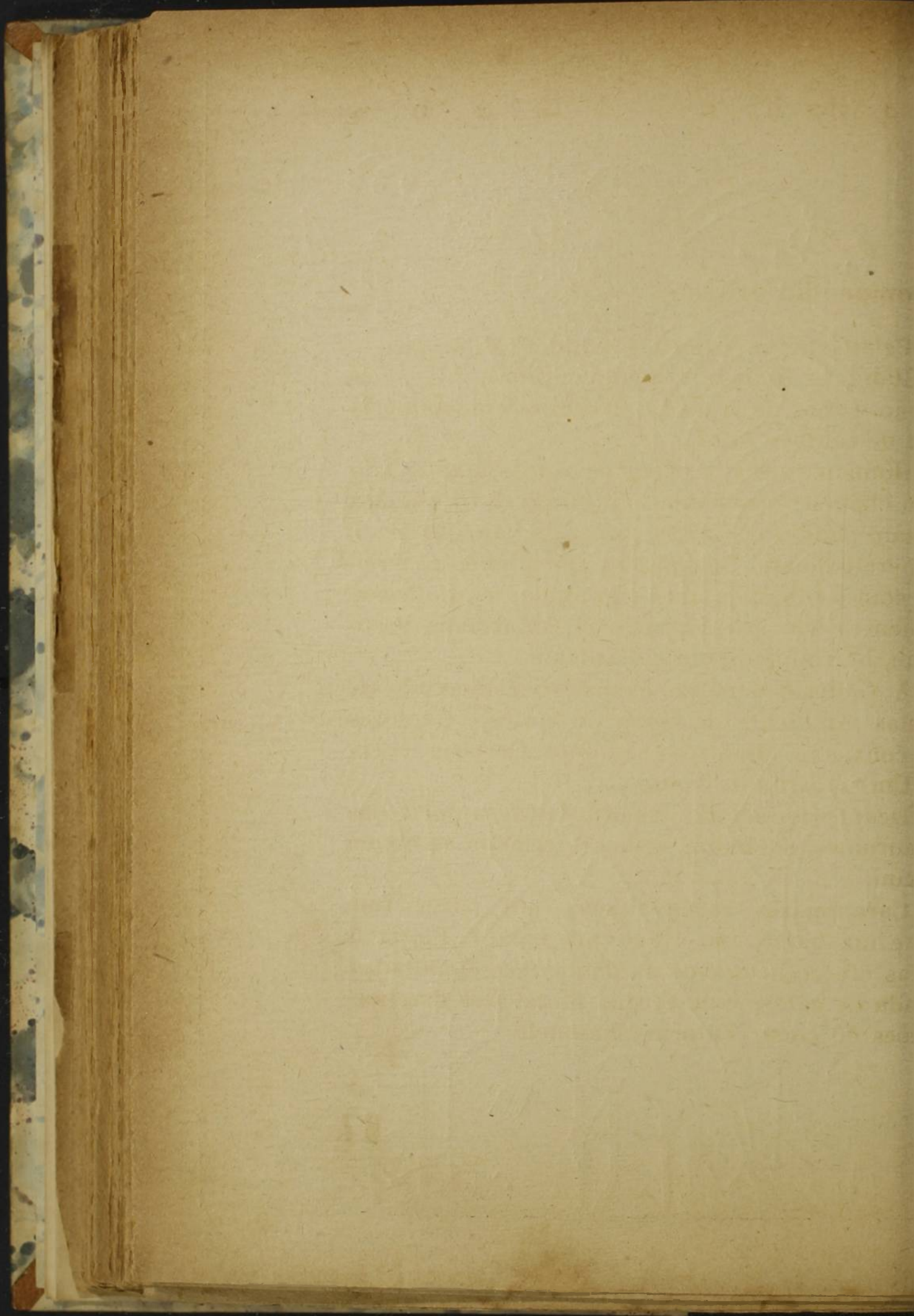
No gramado escovado, vultos sentados jogam o sério com o céu. Cachorros bem educados cumprimentam-se de longe. A tarde (a bola da criança bate na careca do pastor) cai como uma folha.

Maio de 1925.

7. milão







. compêndio urbano

Pela Galleria Vittorio Emanuele Milão gira.

Italianas lindas. A qualquer hora. Alugáveis ou não. Olhos de tragédia. Atitudes cinematográficas de mulher fatal.

Homens caricatos. Elegância desopilante. Não usam chapéu: usam juba. Formidável. Os cabelos formam chumaço. Calças sacos. Os paletós param inesperadamente. Bengalinha em punho, os terríveis com o olhar despem e apalpam as mulheres. Reunem-se em grupos, riem e cantarolam, gesticulam, berram, cospem e assobiam.

A Galleria é bolsa, exposição e mercado de artistas. Ambiente de caixa de teatro. Cantores sem contracto. Maestros cabeludos. Coristas sebensitos. Um só assunto: canto.

Deante do tablado das orquestras, á porta dos restaurantes, soldados, velhos e criados assobiam Puccini.

Carabineiros carnavalescos, aos pares (um alto e um baixo, um alto e um baixo). Floristas velhas oferecem cravos ás damas acompanhadas. Parada de galões e de fardas. Meretrizes das imediações do corso Vittorio Emanuele.

p a t h é - b a b

— *L'Ambrosiano! La Sera! La Sera!*

Mulheres grávidas, de andar soleníssimo. Todas as gravatas masculinas são vermelhas. Todos os pés femininos são de anjo.

2. derrota brasileira

O moço forte senta-se no tamborete, desperta no teclado sons trepidantes, e a salinha escura perdida no quarto andar da Via Caiazzo n. 32, ganha côr auri-verde.

As notas brasileiras escapam pela janela. No ar verdiano de Milão a harmonia cabocla põe um cheiro tropical de mata húmida.

Como essas figurinhas que a cinematografia norte-americana faz sair do fundo de uma taça ou de uma pupila, de dentro do piano pulam dois sertanejos repinicando violas. Começa o desafio. Os dedos de Francisco Mignone pintam a noite enluarada, o terreiro fervilhando, a torcida da assistência caipira. Esgrima de sátira e lirismo. Um dos troveiros, súbito, hesita, tamborila á toa na caixa do violão, atrapalha-se, emudece. Chiquinha Peito de Rôla suga os lábios do vencedor. O vento mistura a gritaria da caipirada e a música da floresta.

p a t h é - b a b y

Di quella pira...

O sapateiro do andar térreo quebra o milagre da visão brasileira.

... 'l orrendo fuoco...

O compositor, suspirando, fecha o piano.

3. notabilidades amestradas

Na Piazza di S. Fedele, ao lado de Manzoni, o homenzinho comanda os pombos.

— Mussolini! Mussolini!

Destacando-se do grupo inquieto, que bica o chão, Mussolini agita as azas e vem receber a sua bolota de pão.

O homenzinho diz com doçura:

— Adesso, Maria Melato!

Fancesca Bertini acode ao chamado. A voz, com energia, repete:

— Maria Melato!

E a dextra aponta a faltosa.

— Maria Melato! Ma-ri-a Me-la-to!

Emfim, Maria Melato ouve e obedece. Como castigo, o homenzinho exige:

— Ancora, Maria Melato!

A ave pousa na mão que a repulsa.

— Ancora, la Melato!

A pobrezinha volta, humilde, humilde.

— Adesso, Herminio Spalla!

Herminio Spalla dá um empurrão em Mascagni, belisca os dedos do domador e desaparece por trás da Chiesa de San Fedele.

— Adesso, la Duse! No. La Duse!

Eleonora aproxima-se.

— Va! D'Annunzio t'aspetta!

Eleonora desce e une-se a um pombo de penas arrepiadas.

— D'Annunzio!

Lá vem êle.

O grupo em volta, pasma. O homenzinho, mansamente, continua.

4. regosijo nacional

Sete de Junho. Bodas de prata do rei com o trono. Embandeiramento patriótico dos mastros, dos veículos, dos balcões, das montras, das lapelas. Espetada em tudo, a bandeira tricolor. Gritos de cartazes: VIVA EL RE! VIVA IL FASCIO! VIVA IL DUCE! Taratá-tchim-bum de bandas ambulantes. Camisas pretas. Cada peito de oficial é um anúncio de estabelecimento fabril premiado em cinquenta exposições universais.

p a t h é - b a b y

Atrás do hino fascista, cortejos encaminham-se para o monumento aos mortos de 48. Suando em bica, os manifestantes assumem um ar heroico. E berram:

*Giovinezza, giovinezza,
primavera di belle-e-e-e-zza!*

Um mutilado bigodudo troveja de instante a instante:

— Evviva il Re! Evviva Mussolini!

Entusiasmo de 32.º á sombra. O retrato do rei, na montra de um fotógrafo, descobre a multidão. A chupeta festiva de uma criança arvora na ponta um laço de fita tricolor.

5. aspecto

Ao pé da estátua de Vittorio Emanuele (hediondez equestre), os bondes amarelos se esvasiam e se enchem.

As azêmolas dos carros e das carroças, fugidas de um album de Benjamin Rabier, usam chapéu de verão. Algumas com direito a guarda-pó.

Os cachorros são infelizes: têm focinheira. Não ladram nem mordem. Vingam-se, êles sabem como. O corcunda, que de esguicho em punho rega prodigamente a praça, também sabe.

p a t h é - b a b

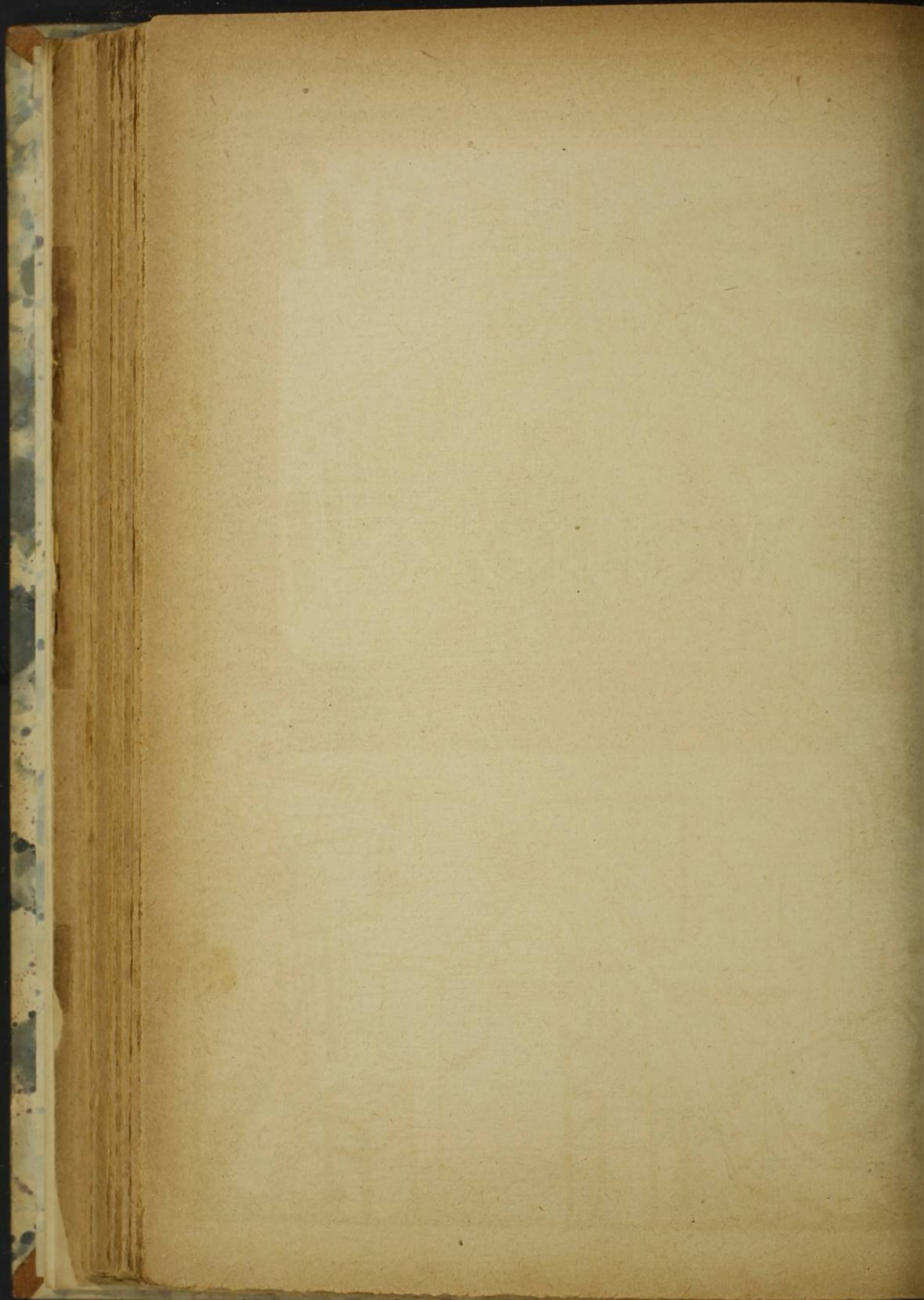
O calor pesa na praça.

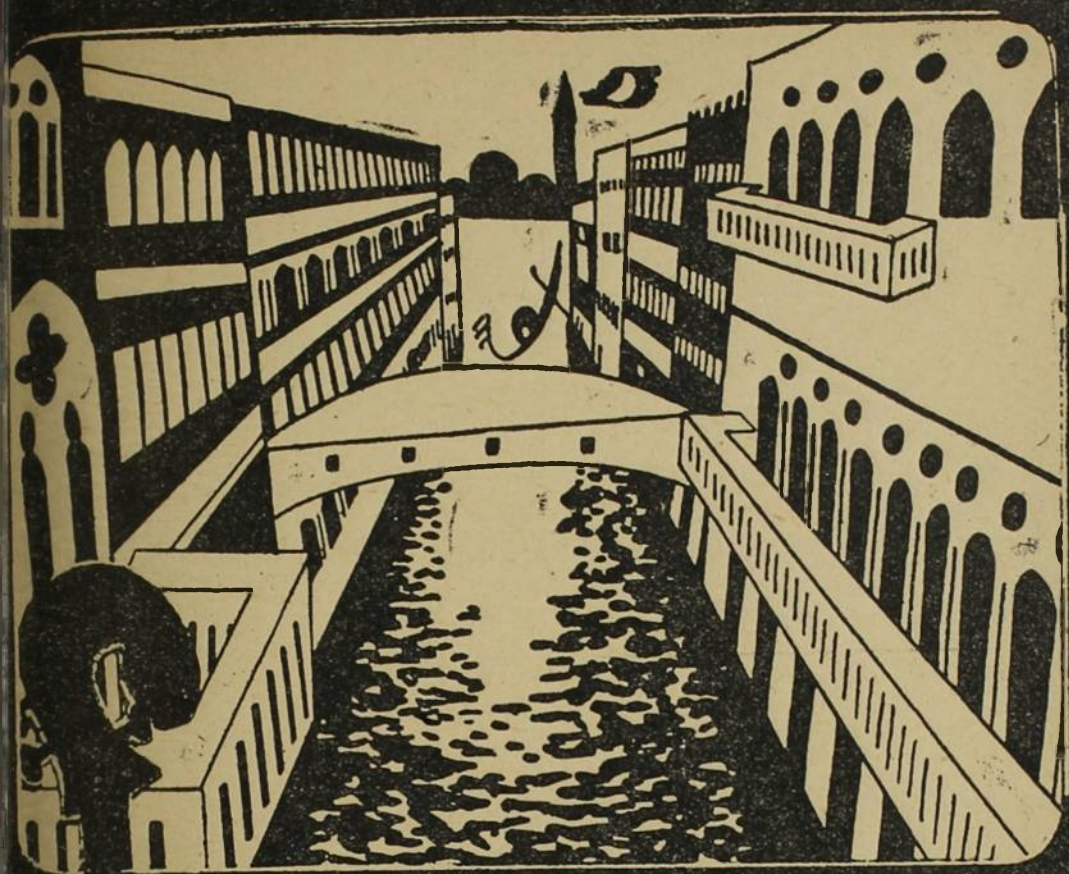
Nas escadarias do Duomo, vendedores de camafeus e cartões postais são sarna dos estrangeiros.

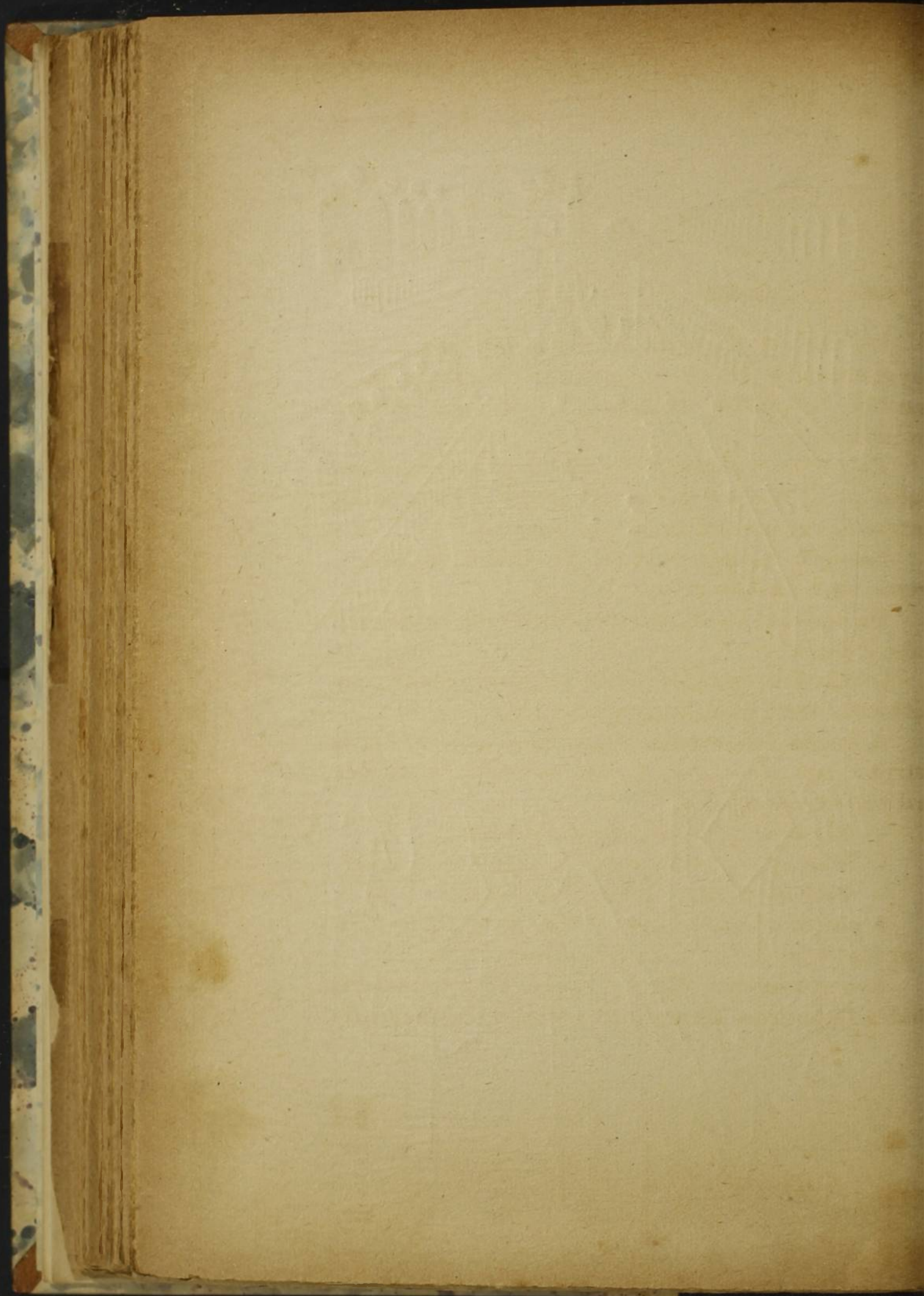
Na ponta da flecha rendada, a Madonina de ouro olha-se no sol como num espelho.

Junho de 1925.

8. veneza







1. país da música

Do alto do Campanile, fogos de Bengala ensanguentam a noite. As pombas disparam. E a multidão vermelha, ondulando na praça, estoura em aplausos.

Os palácios abrem mil olhos brilhantes. Os cavalos da Basilica puxam um carro fantástico de carnaval em que explendem cúpulas.

Sobre a cabeça branca, no centro da praça, treme uma batuta.

Os pedidos de silêncio engrossam o ruído que sobe e desce.

— Cinquanta centesimi il programma del concertone! Dieci soldi il programma!

A banda luta contra o vozerio. Vence-o com o estridor dos metais. As notas esvoaçam sôbre dez mil cabeças inquietas.

— Ma che razza di musica é questa?

— *Overture nell'opera "I maestri cantori"*.

— Ah! si capisce. Roba wagneriana.

A sinfonia ganha espaço, bate asas, toma toda a praça, transborda para o céu roxo.

As espadas dos oficiais prendem a renda dos chales femininos. Choradeira infantil. Bandejas de

refrescos. Abalroamentos. A pituitária estrangeira sente indisfarçavelmente a aversão nacional ao banho. Toscanos fumegando.

Os braços do maestro fardado fecham-se em cruz. Um grupo de escoteiros alemães bate palmas meditabundas. Só.

Dez minutos de agitação berrante.

De novo, a batuta se movimenta. Silêncio de parlamento (brasileiro, por exemplo). Governamentalmente completo. Estúpido.

O *Inno al sole* da *Iris* desfere as primeiras notas. Segreda. Aos poucos, inflama-se. A melodia toma corpo. Apressa-se o ritmo. As notas galopam, atropelam-se. Cento e cinquenta vozes unem-se à orquestra. Estardalhaço mascagniano. Na noite quente parte para o céu a oração tumultuosa que o sol deus não ouve. A batuta sobe, tremendo. E o hino cresce. E o hino estronda, cascadeia, vocifera.

Pára.

O entusiasmo italiano da multidão rompe um tiroteio de aclamações. As mãos estalam. As bocas explodem. Docemente, o velhinho inclina a cabeça côm de açúcar.

Repete-se o hino. Encerra-se o concerto.

— Gelati! Gelati!

Descem pombas no coreto abandonado.

p a t h é ~ b a b y

2. país do canto

Marcando o centro do cenário imutável, o palco estaca. Lanternas venezianas avermelham e esverdeam cantores e orquestra.

Limites do teatro, a Isola di S. Giorgio Maggiore é uma sombra erguida e a ponta da Dogana avança macilenta. Por detrás da Libreria Vecchia, o Campanile silencia para ouvir.

Em segredo, as gôndolas chegam, coleando sobre a água lisa.

— *Aida!* Grande aria per tenore!

O Radamés de palheta inicia a exaltação da celeste amada. Das gôndolas inquietas a assistência olha, no céu, o infinito. A velhinha do violino desafina. Ronco longinquo de sereias. Tem ar de frade o homem do contrabaixo.

Orquestra para a direita; tenor para a esquerda. Separam-se. Nunca mais se encontram.

Un trono vicin'al sol!

O peito de Radamés estufa-se. A garganta repete em agudos:

Un tro-no vi-cin' al soooooool!!!

E a dextra aponta a lua.

p a t h é ~ b a b y

Palmas dos gondoleiros. O director da companhia corre pela assistência o pandeiro que recolhe as liras.

A pedido do dinheiro norte-americano, um realejo vesgo esganiça:

*Io cerco la Titina,
Titina, ah, Titina!*

O céu é o galinheiro apinhado.

3. ronda nocturna

A gôndola preta caminha como uma assombração. No silêncio indigo.

— Premi, ôh!

O grito do gondoleiro acorda o éco morto. As águas do Canal Grande escorregam entre os palácios brancos.

Chegam fantasmas, como mensagens soltas de T. S. F. Povoam os balcões. Choram no canal as paixões vividas. E' a parada nocturna dos amantes de Veneza.

Do terraço do primeiro Palazzo Giustinian, Musset, vinte e tres annos louros de poesia e amor, debruça-se sobre a noite sombreada. Cisma.

Tres golpes macios de remo. E, entre o rendilhado ogival do Palazzo Contarini Fazan, Desde-

p a t h é - b a b y

mona entrega os cabelos côr de ambar a lascívia do negro. A cúpola da Chiesa della Salute é o reflector da cena shakspeariana.

Para a cazinha de d'Annunzio, sob um capuz de hera, Eleonora, de seu palácio fronteiro, estende as mãos de tragédia.

A gôndola insinua-se sob a Ponte di Ferro dell'Accademia.

No Palazzo Giustinian-Brandolin, um alemão triste ouve a música do silêncio e plasma com a saudade de Matilde o dueto de *Tristão e Isolda*. Com a lâmina do suicídio nas mãos criadoras, Leopold Robert delira entre as colunas jônicas do Palazzo Pisani.

A alvura funérea dos marmores. A impassibilidade morta das águas. O pigarro do gondoleiro.

Do portão gradeado do solar dos Mocenigo. Byron pula na gôndola de Tita, para ir cavalgar nos pântanos de Lido amaldiçoando as estrelas. As voluptuosas do serrallo colam pupilas de febre na vidraça das janelas.

Marina Querini Benson espera nua, no Palazzo di S. Benedetto, o amante da noite.

Sombras lacrimosas. Frêmitos de sombras. Sombras sofredoras.

O Palazzo Vendramin levanta a magestade enluarada de tres andares renascença.

p a t h é ~ b a b y

*In questo palaggio
l'ultimo spiro di Ricardo Wagner
odono le anime
perpetuarsi como la marea
che lambe i marmi.*

G. D'ANNUNZIO.

Gôndolas cobertas de luto esperam o caixão. A *Marcha funebre de Sigfried* o anuncia. O cortejo parte (o vento de tempestade uiva sinfonias) oscilando. O Canal Grande balança o cadáver que vai para a Alemanha. Cosima está vestida de preto. Com lágrimas.

— Stai, ôh!

O canal estreito lança um hálito de ácido sulfídrico. O ar arde em febre. As águas acariciam os muros. O luar caia um cemitério.

A gôndola segue como um ladrão, uma cobra, um destino anónimo. Despercebidamente.

— Premi, ôh!

Na ponte dell'Olio vozes bêbadas acompanham um violino.

— Stai, ôh!

A lua desenha no Rio di S. Marina um baile sinistro. Há sacís emigrados de capas espanholas. Mulheres bifrontes maxixam com fascistas. Das casas desce limo.

p a t h é - b a b y

— Premi, ôh!

(Porque êste desejo grandíssimo de chorar?)

No Rio di Palazzo, morcegos beijam bôcas invisíveis.

A Ponte dei Sospiri é trágica. Mas a Ponte della Paglia tem japoneses debruçados.

— Premi, ôh!

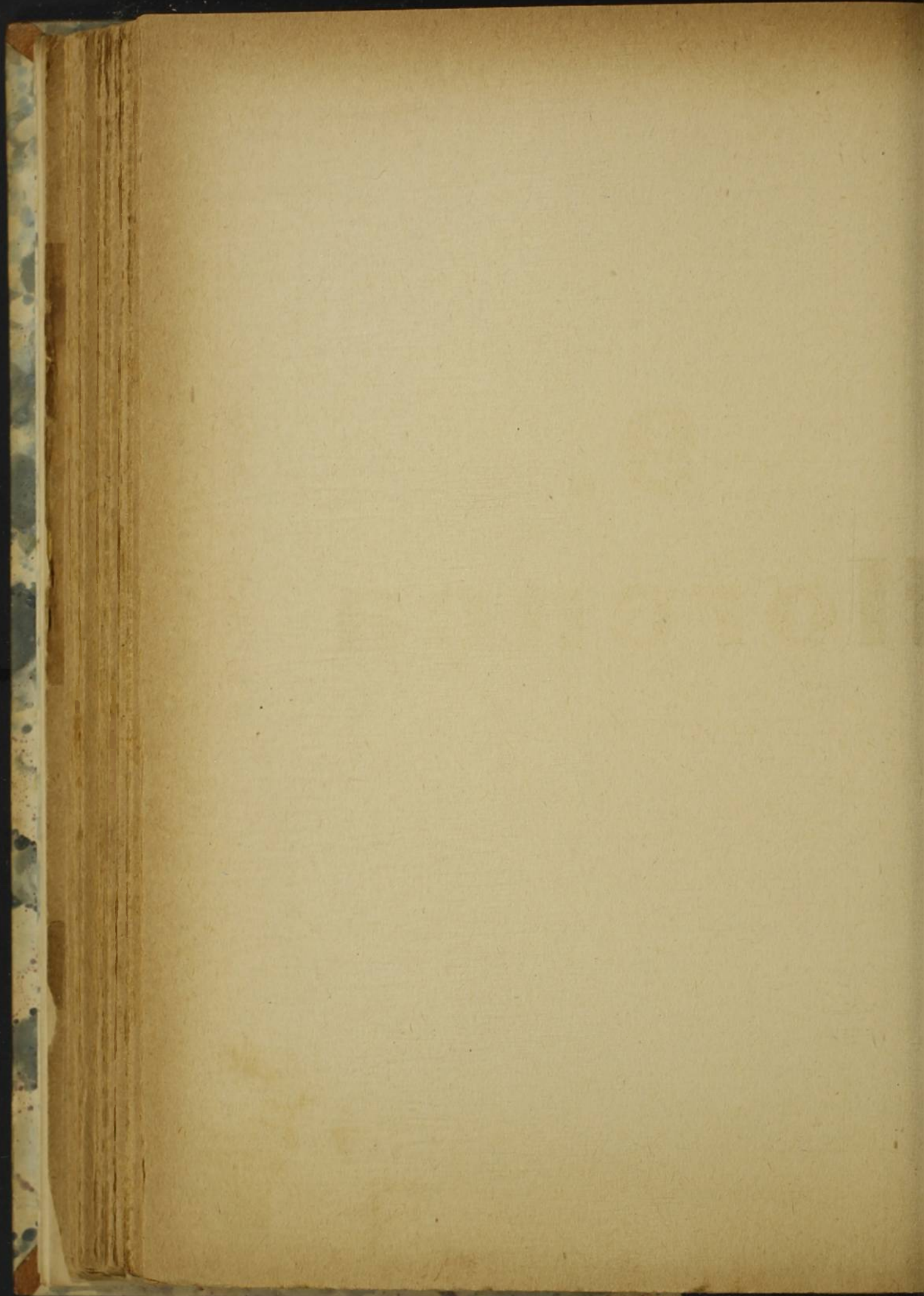
Pondo mais tres estrelas no céu um aeroplano iluminado sobe do Lido e rodopia sobre a cidade em decomposição. No Bacino di S. Marco joga um fogo de artifício vermelho, azul, dourado. As águas sorvem-o.

(Porque êste desejo grandíssimo de rir?)

A lua é uma careca.

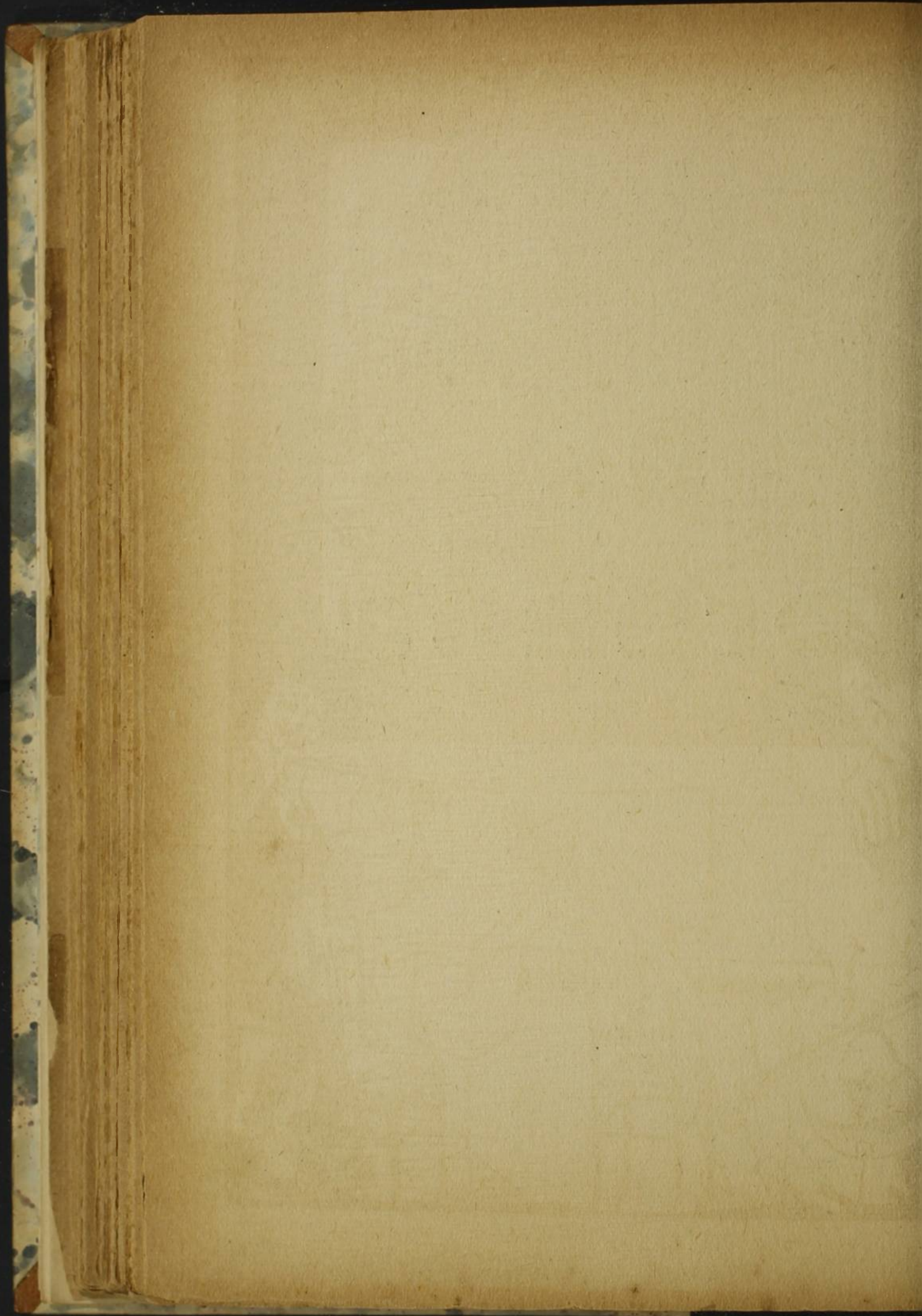
— Stai, ôh!... ôh!...

Julho de 1925.

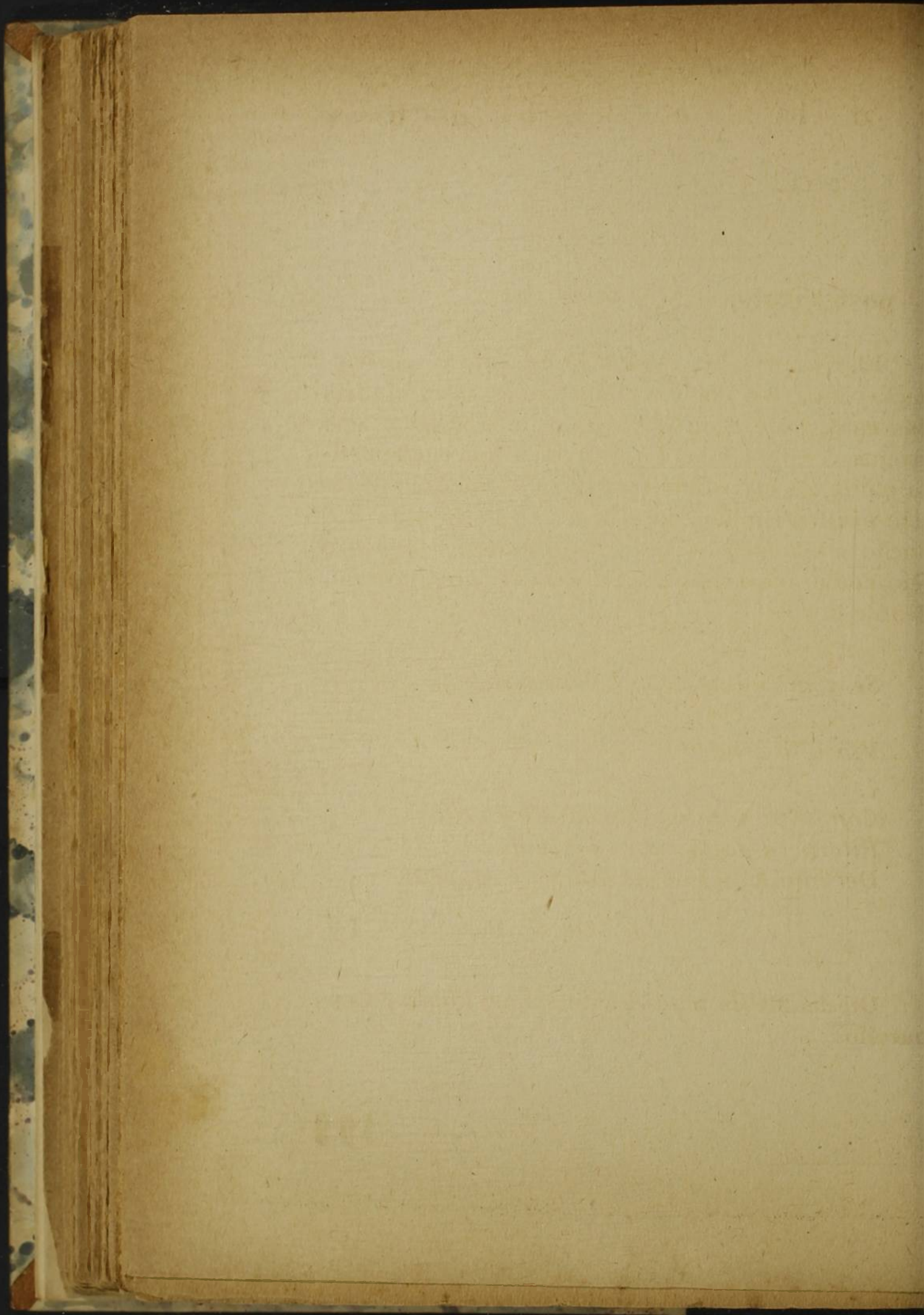


9.

florença







1. posteridade

Florença faz da *Divina Commedia* o seu Bae-decker. Sobre o pórtico dos palácios, nas esquinas das ruas, á entrada das pontes, nos ângulos das igrejas, o Alighieri dá sempre uma indicação poética e útil. Os decasílabos do gênio são o guia histórico-prático-rimado da cidade. Falta só uma tradução em inglês ao lado das lápides. Evitaria o feio embaraço britânico, na Piazza San Giovanni, deante do:

Se mai continga che 'l poema sacro,

Vinca la crudeltà....

Con altra voce omai, con altro vello

Ritornero poeta, ed in sul fonte

Del mio battesimo, prenderò 'l cappello.

Dante, Par., XXV, 1-9.

Ou deante da placa Portinari, no Palazzo Ceperello:

p a t h é ~ b a b y

*Sovra candido vel cinta d'oliva
Donna m'apparve, sotto verde manto,
Vestita di color di fiamma viva.*

Dante, Pur., XXX, 31-33

Ou no limoso canto Ponte Vecchio-Via Por S.
Maria:

.....'n sul passo d'Arno.

Dante, Inf., XIII, 146.

Isso porque Dante é maior do que Florença.
Ao lado de Beatrice, *gentil madonna*, é vendido
em mármore, bronze, couro e papel. Em todas as
montras, entre sabonetes e cartões postais, ofere-
ce o nariz enérgico, a bôca amarga, o queixo duro.
Custa às vezes vinte cêntimos. A's vezes não vale.

Perto da Badia Fiorentina, num paredão es-
curo, há esta placa:

*.....Io fui nato e cresciuto
Sovra 'l bel fiume d'Arno alla gran villa.*

Dante, Inf., XXIII, 94-95.

Ali nasceu o Divino. Imortalidade de Floren-
ça. Ganha-pão dos florentinos.

p a t h é - b a b y

Não é certo, porém. Ou melhor: é certo que não é. A casa dos Alighieri desapareceu. A única lápide dantesca justificável marca úa mentira.

2. viagem de estudos

Entre vilas de princesas russas e inglesas protestantes, a estrada colea, subindo, até Fiesole.

.

O guia de nariz vermelho vai dizendo o que sabe sobre o Teatro Romano.

— Siamo nella cosi detta *cavea*.

Degraus carcomidos. Musgo. Moscas.

— Laggiù era il cosi detto *pulpitum*.

Era. Há vinte e dois mil anos.

— Queste sono le cosi dette *termae*.

Cousa nenhuma.

Operários esgaravatam a colina. Pedras soltas. Grilos. Lascas de colunas. Dez centímetros quadrados de mosaico.

(Dizem que são muito instrutivas as visitas aos monumentos da antiguidade romana).

.

Entre vilas de princesas russas e inglesas protestantes, a estrada colea, descendo, até Firenze.

3. tesouro de preciosidades

Na Galleria degli Uffizi, visitantes domingueiros arrastam os pés. Compõem um ar entendido deante da Venus lambida, manjar branco sem açúcar, da *Nascita* botticelliana. Empanturram-se com as mil e uma variantes da *Vergine col bambino*, com ou sem acompanhamento de santos; da *Madonna in trono*, só ou não, bonita ou feia; da *Adorazione dei Magi*; da *Annunziata*; da *Sacra Famiglia*; da *Deposizione*; da *Assunzione*; da *Crocefissione*.

Durante séculos, Taddeo Gaddi ou Domenico Veneziano, fra Filippo Lippi ou Sandro Botticelli, Raffaello Sanzio da Urbino ou Michelangelo Buonarroti, Ridolfo del Ghirlandaio ou Andréa del Sarto, geniais ou medíocres, dão a impressão de haverem frequentado o mesmo curso de pintura. Seus directores, papas ou nobres, os obrigaram a reproduzir modelos idênticos, com vezes copiados, mil recopiados. Até não poderem mais.

As galerias italianas negam a invenção humana. Meia dúzia de assuntos em meia dúzia de séculos. Afirmação de arte ou afirmação de fé? O poema cristão transformou-se em lugar-commun pictórico.

Os olhos modernos saem ansiando por uma tela dinâmica e liberta de Léger.

p a t h é ~ b a b y

Inglesas de óculos compram reproduções da *Venere* com muque de Lorenzo di Credi (discutindo o preço). O *Satiro danzante*, quatro séculos mais velho do que Cristo, saracotea para um grupo de recrutas.

Na Piazza della Signoria o sol ilumina brasileiros gordos.

4. engorda

Rouxinois trinam, na solidão encastelada da Certosa del Galluzo, para vinte e quatro monges contempladores.

As celas-tombas dão para o claustro-cemitério. Os frescos de Poccetti põem sombras apagadas nas paredes nuas. Zumbidos no silêncio cheio de sol. Perfume doce.

Sacudindo o hábito branco, diz o padre balofo (que olhos tão vasio!):

— Da venticinque anni che non mangio carne
E sono grasso lo stesso...

Afaga a pança tremelicante. Ri. Ri. E aponta uma porta envidraçada:

— Li é la nostra piccola fabbrica di liquori e cioccolato.

Está justificada a pança.

p a t h é - b a b y

O perfume doce é dos jasmineiros floridos.
Parece S. Paulo.

5. concerto

Sobre o Arno calado as pontes são parábolas
brancas.

No Lungarno Amerigo Vespucci vultos negros
afinam bandolins.

Para ouvi-los, as janelas abertas dos forastei-
ros põem trapézios de luz na fachada dos hotéis.
As estrelas furam buracos dourados no céu de
papel.

Namorados enlaçados recolhem das Cascine
com preguiça e beijos. O ronco de um ônibus
atravessa a Ponte alla Carraia, e afunda no si-
lêncio.

Avança a serenata, com sons tristes.

Mia um gato e o corcunda canta. *Scettico
blues*. A melodia italiana latiniza melancolicamen-
te o ritmo norte-americano.

*Quando il mio primo amore
mi sconvolse la vita...*

A voz do corcunda lacrimeja. Grave e quente.
Exala alma. Os bandolins tremem mais alto.

*... bacci, lusinghe, carezze, promesse,
illusion...*

p a t h é ~ b a b y

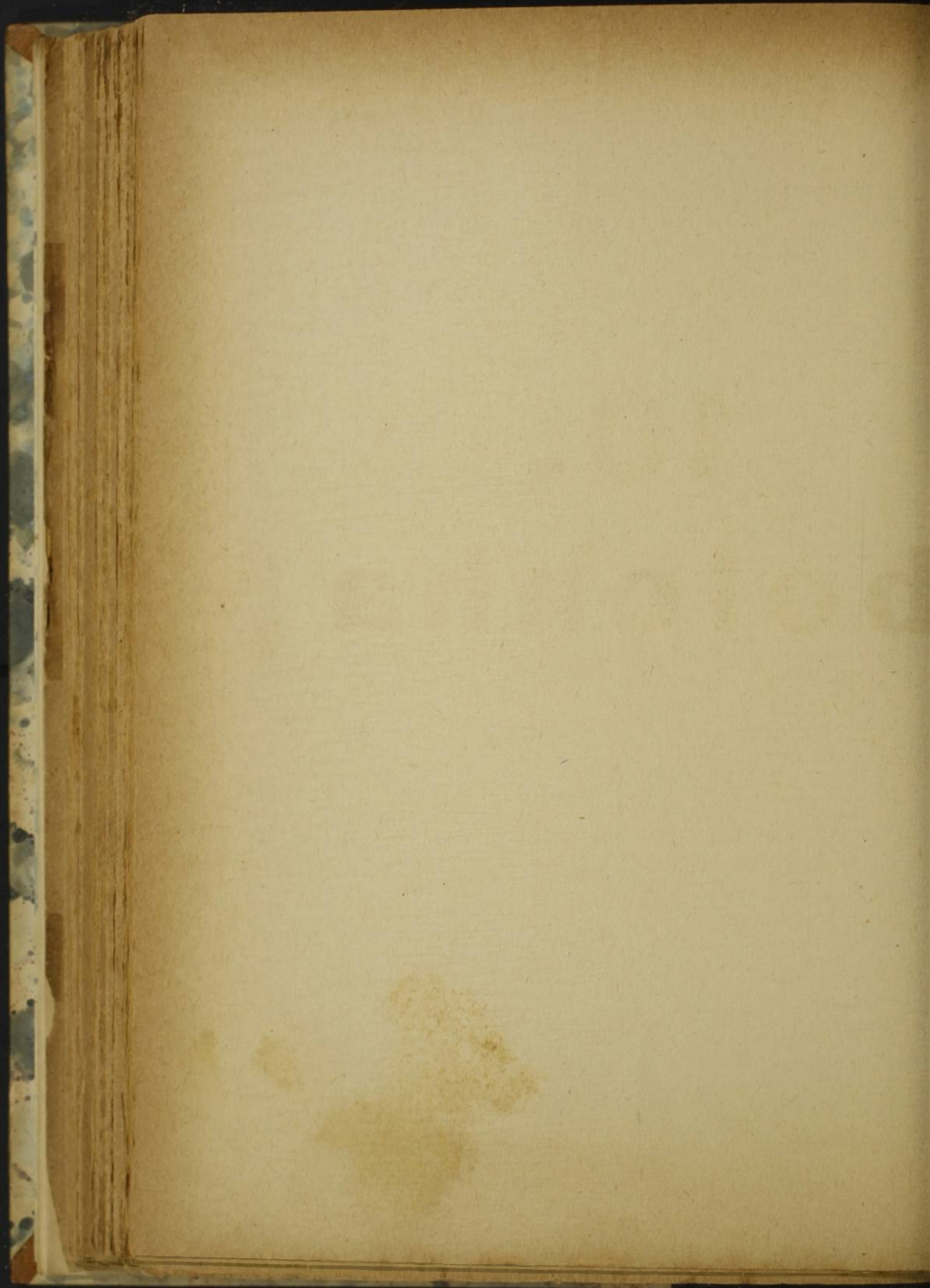
Outras janelas se abrem com gente debruçada. Cocheiros de chapéu de Chile formam um montão pigarrento. O corcunda acende, na pausa reticenciada, um Macedonia. Põe desprezo na garganta e termina entre fumaça:

*... io come il fumo
li sperdo nell'aria... cosi!...*

Camisolas pingam liras do alto. A serenata recolhe as liras e segue.

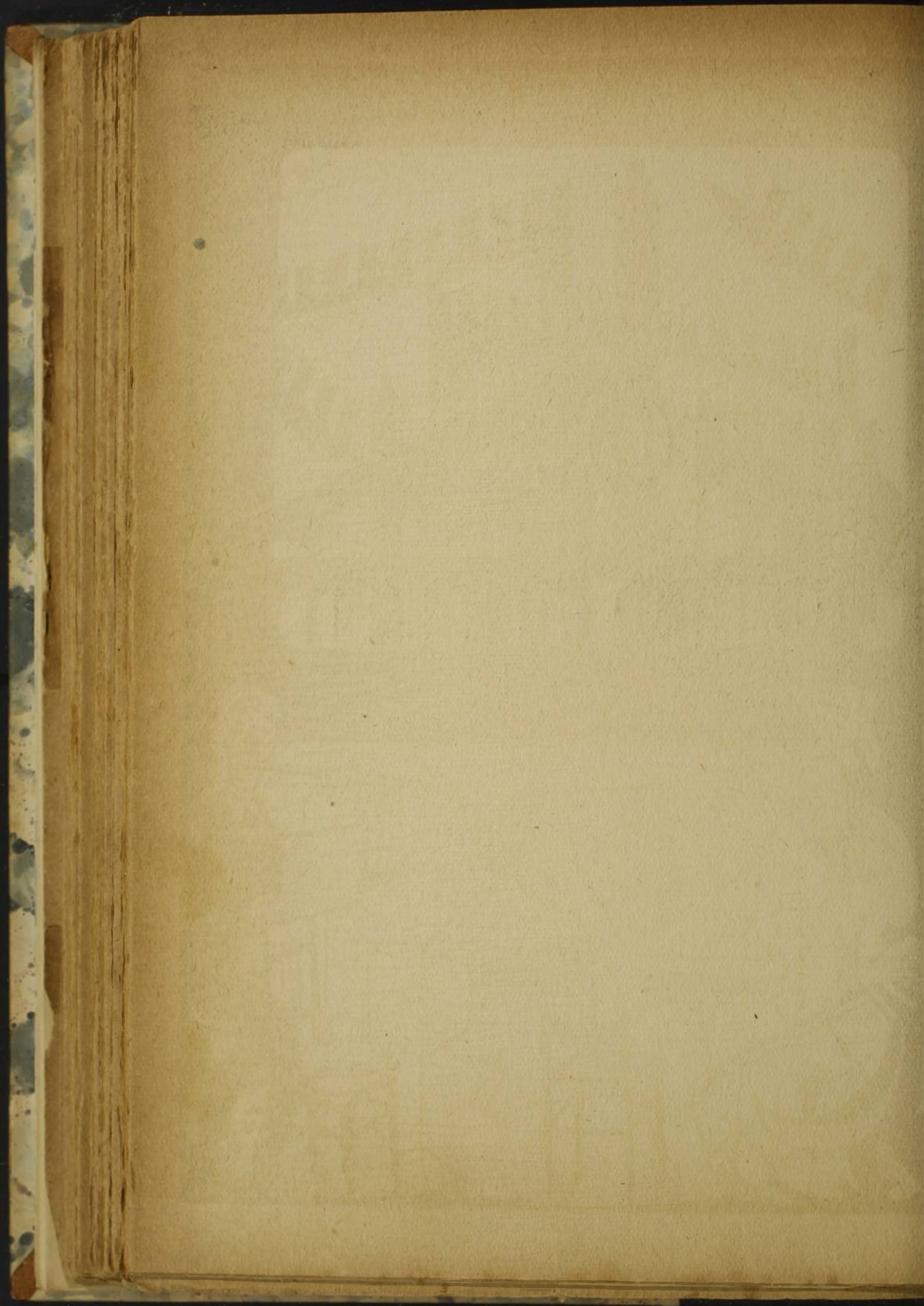
Senhor do silêncio, o gato mia fortíssimo.

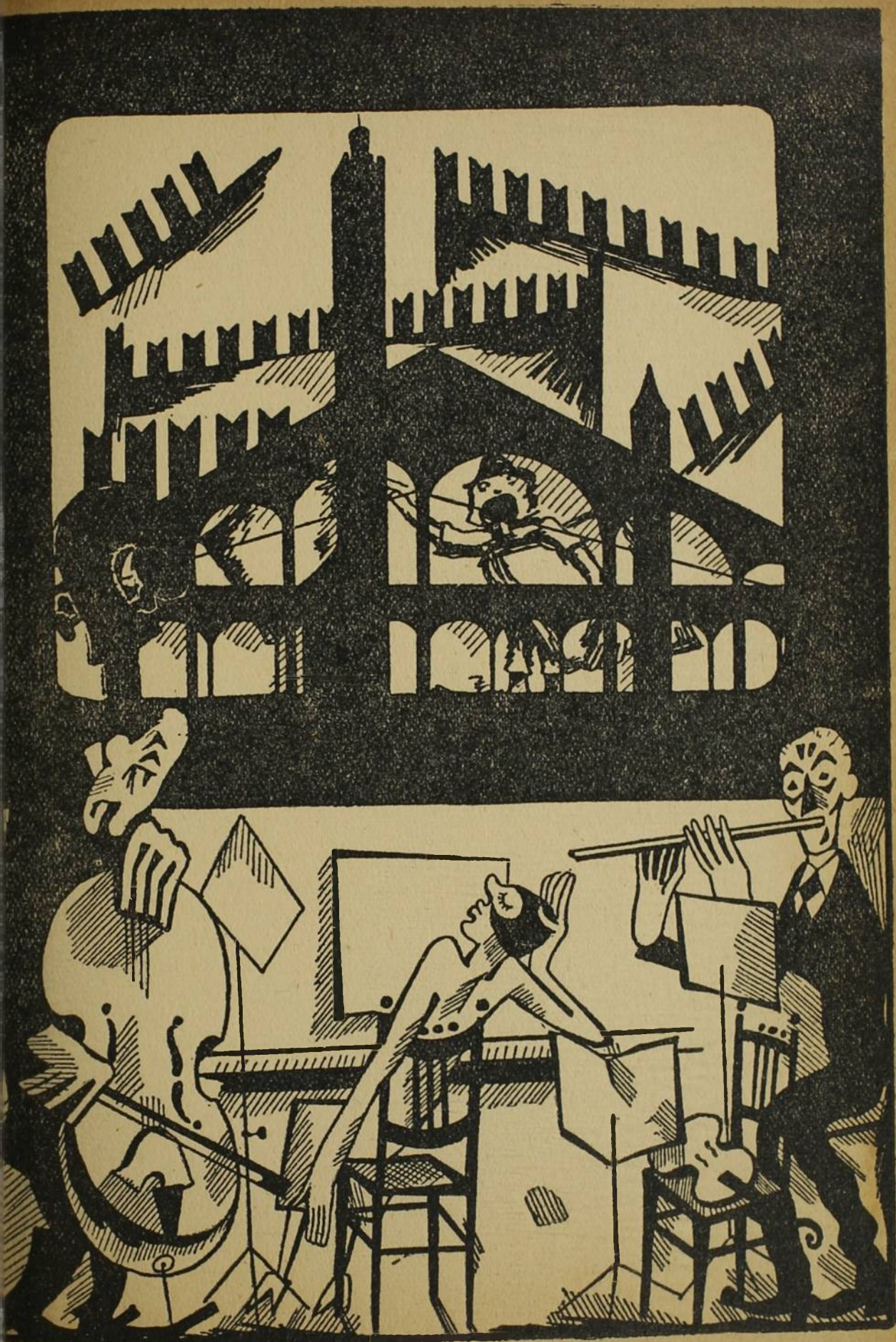
Julho de 1925.

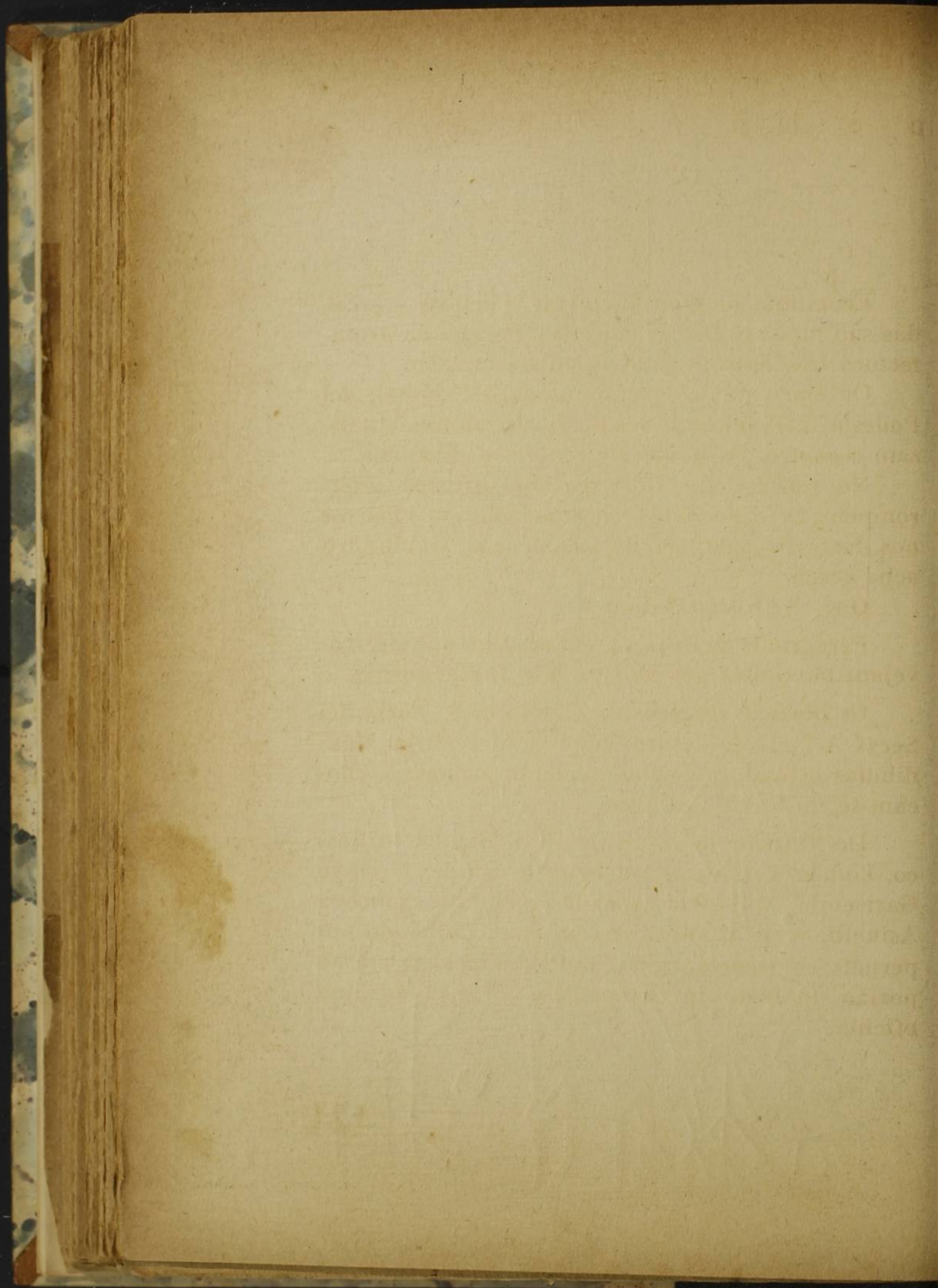


10.

bolonha







p a t h é ~ b a b y

Economia de guarda-chuvas. Pórticos e arcadas são túneis sôbre as calçadas. Pompa da arquitectura trescentista. Quatrocentista também.

Os cinco palácios (Comunale, dei Notai, del Podestá, del Nettuno, del Re Enzo) monumentalizam o centro. Os homens circulam pequeninos.

No Caffé-Concerto Excelsior, artistas interrompem as cançonetas para acenderem cigarros nos fósforos galantes da assistência. O maestro acha graça.

Que cheiro tão italiano!

Peregrinos da Baviera, em marcha militar, trovejam ladainhas guturais na Via Indipendenza.

Os pórticos aligeros da Chiesa di S. Maria dei Servi. A fachada desarmônica da Mercanzia. Mandibulas atroadoras, evidentemente nacionais, chocam-se no Caffé S. Pietro.

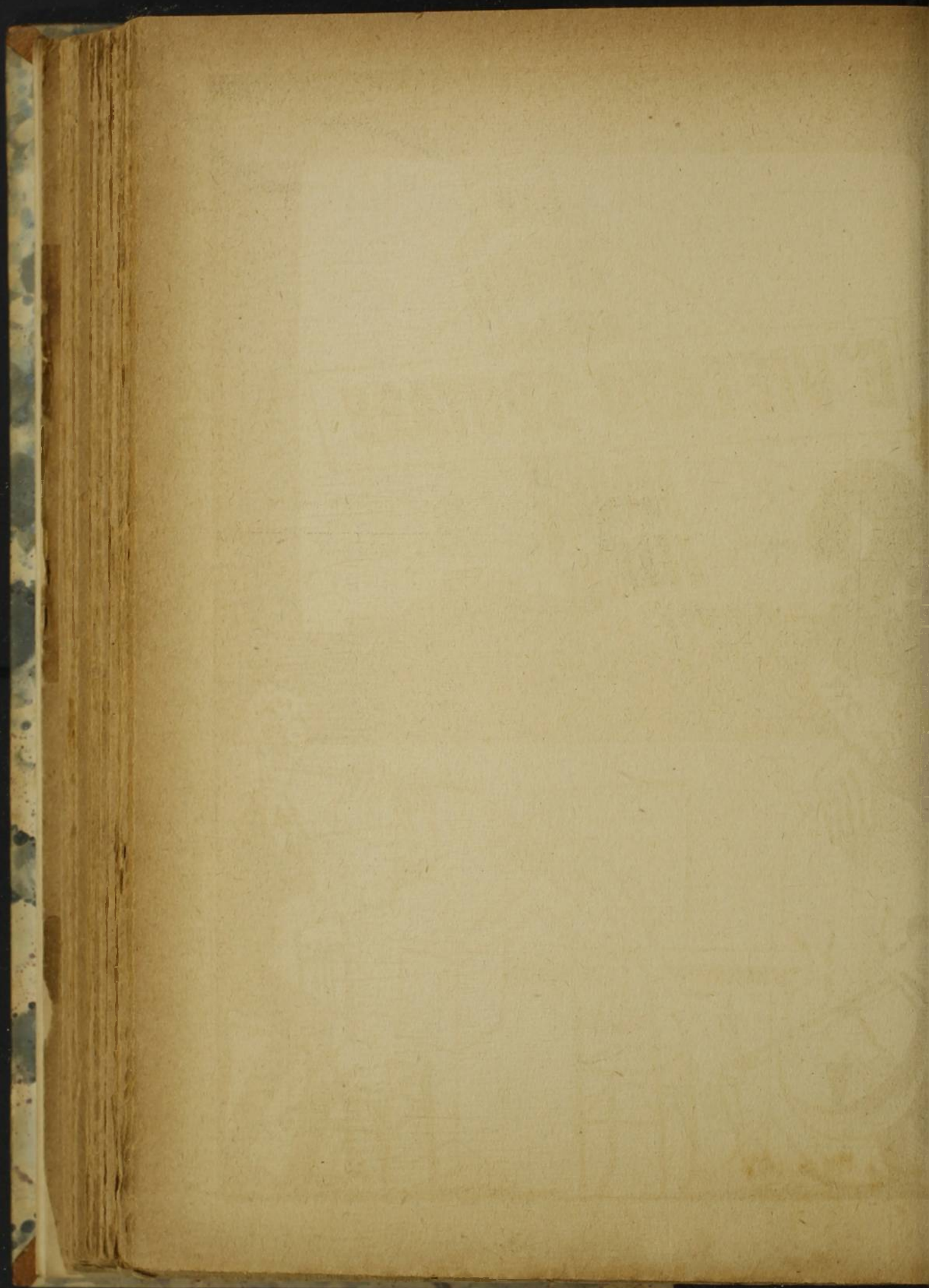
Do Piazzale della Chiesa di S. Michele in Bosco, kodaks britânicas retratam a cidade. A Torre Garisenda, velhinha cansada, inclina-se sobre a Asinelli, vertical audaciosa no azul. Cercando um perneta (o perneta sorri), mulheres lacrimejam no portão do Instituto Ortopedico. Música de uma oficina.

p a t h é ~ b a b y

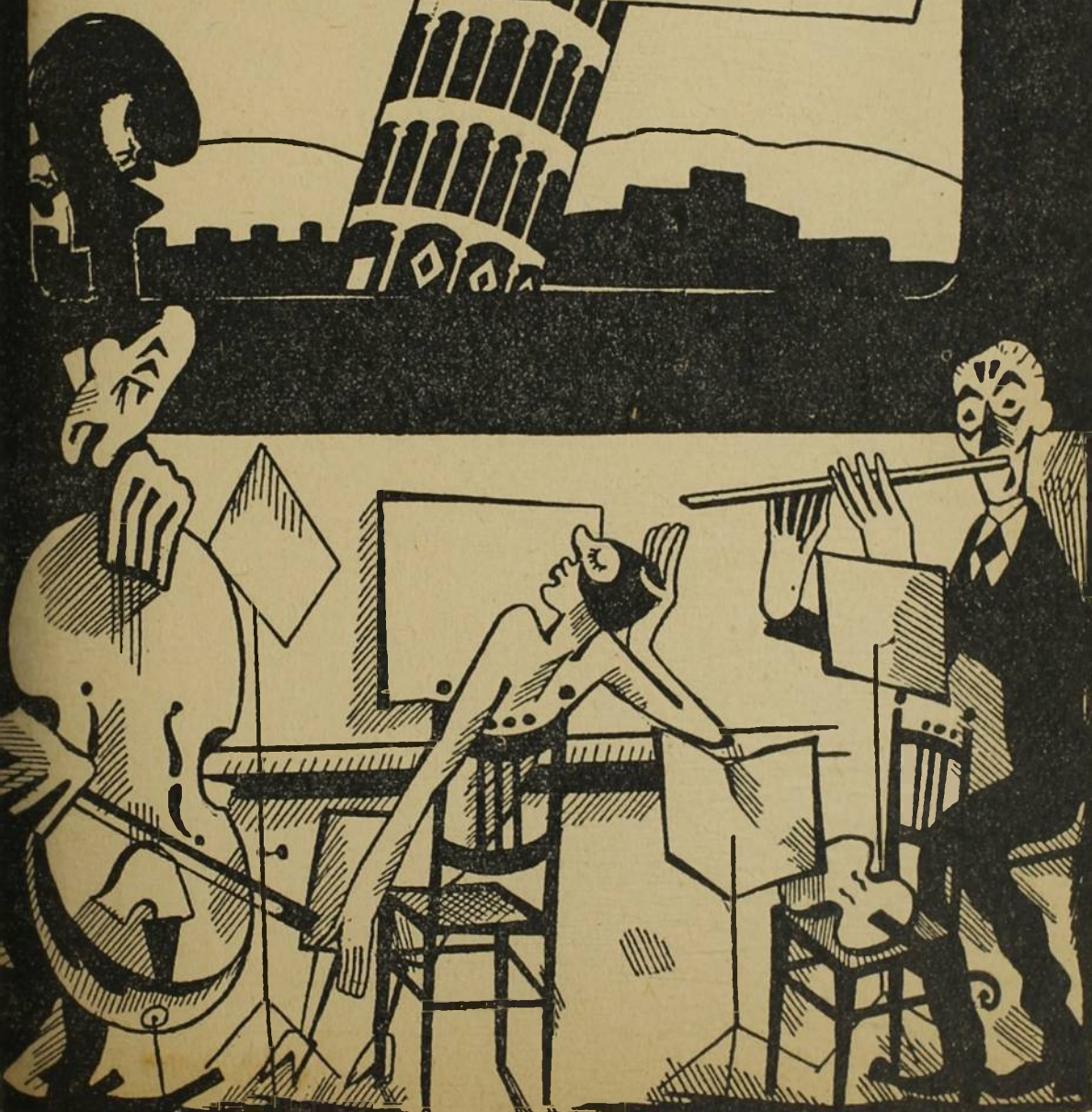
— Bologna, mio caro signore, é bellissima!
Opinião de um cocheiro espinhoso. Com esta-
los de chicote.

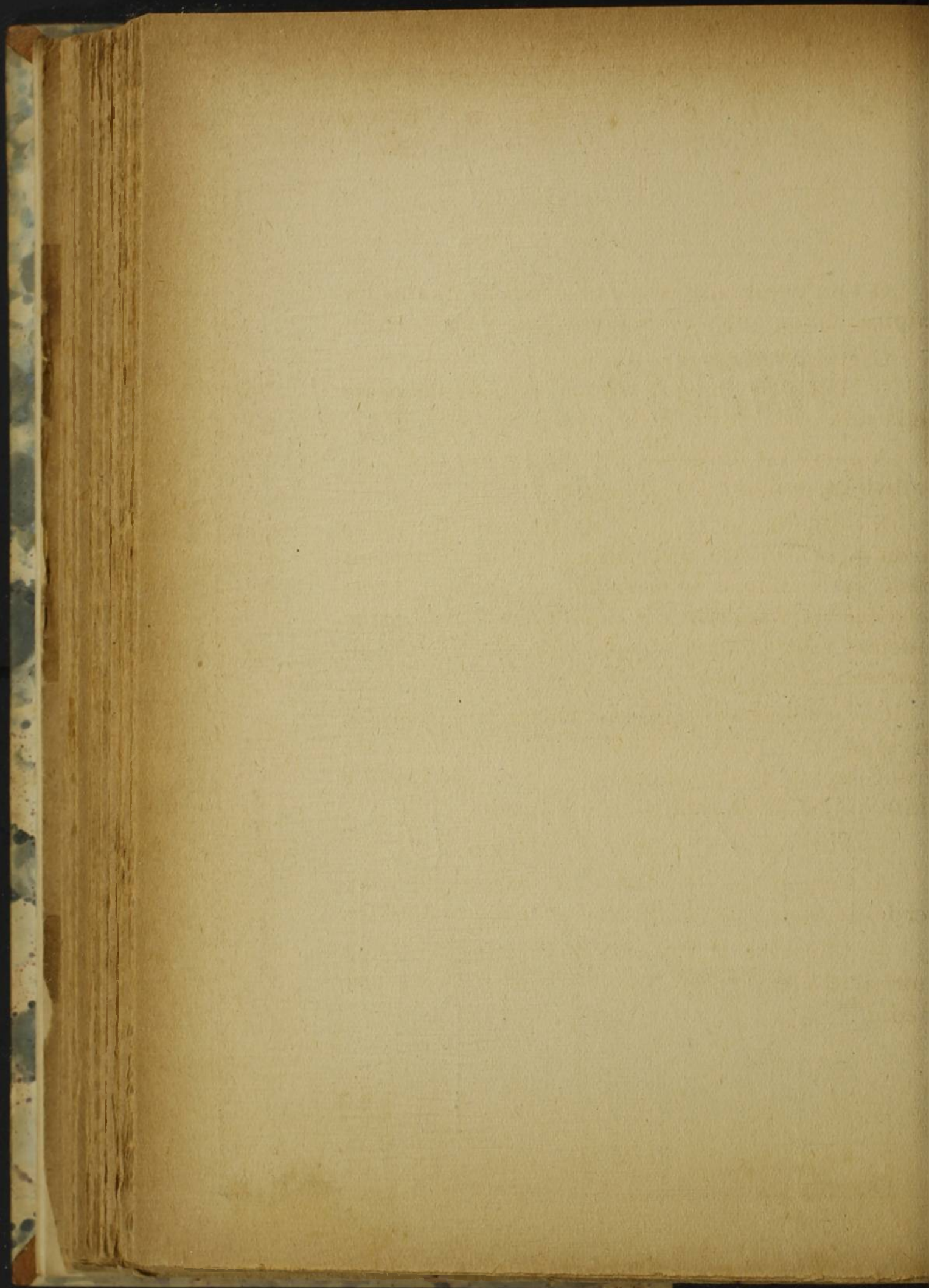
— *Il Resto del Carlino! Il Resto del...*
Que cheiro tão italiano!

11. p i s a



E' VIETATO SPUTARE





O Campanile eterniza um passo de quadrilha caipira: finge que vai mas não vai. Para o chão.

O guia mente como um guia.

— Titta Ruffo, quando piccino, ha lavorato nella mia officina di fabbro. Proprio lui!

A garganta do porteiro pálido é um órgão no Battistero fechado. Por duas liras.

No Duomo, o *Battista* de Giambologna, não tarda muito, sai andando. Efeitos de luz cênica no mistério das naves. *Si prega di non sputare*. Atrás do altar da Cappella del Sacramento, Eva exhibe cadeiras assustadoras. Pasma amarelo de dois japoneses. Cheiro frio.

O Camposanto é galeria de pintura soberba. De uma boca torcida, no *Trionfo della Morte* de Francesco di Traino, parte uma alma de cento e vinte quilos direitinha para o inferno.

— Putto grasso: anima di vescovo.

A *Vergognosa di Pisa* espia a gravata auri-verde de um espanhol. E cora. *E' vietato sputare*.

— Questo é il Palazzo dell'Orologio. Dove mori il conte Ugolino. Quello della *Divina Commedia*.

Na Chiesa di S. Maria della Spina, tão pequenina, Jesus pequenino morde o seio que Nossa Senhora descobre, pequenino.

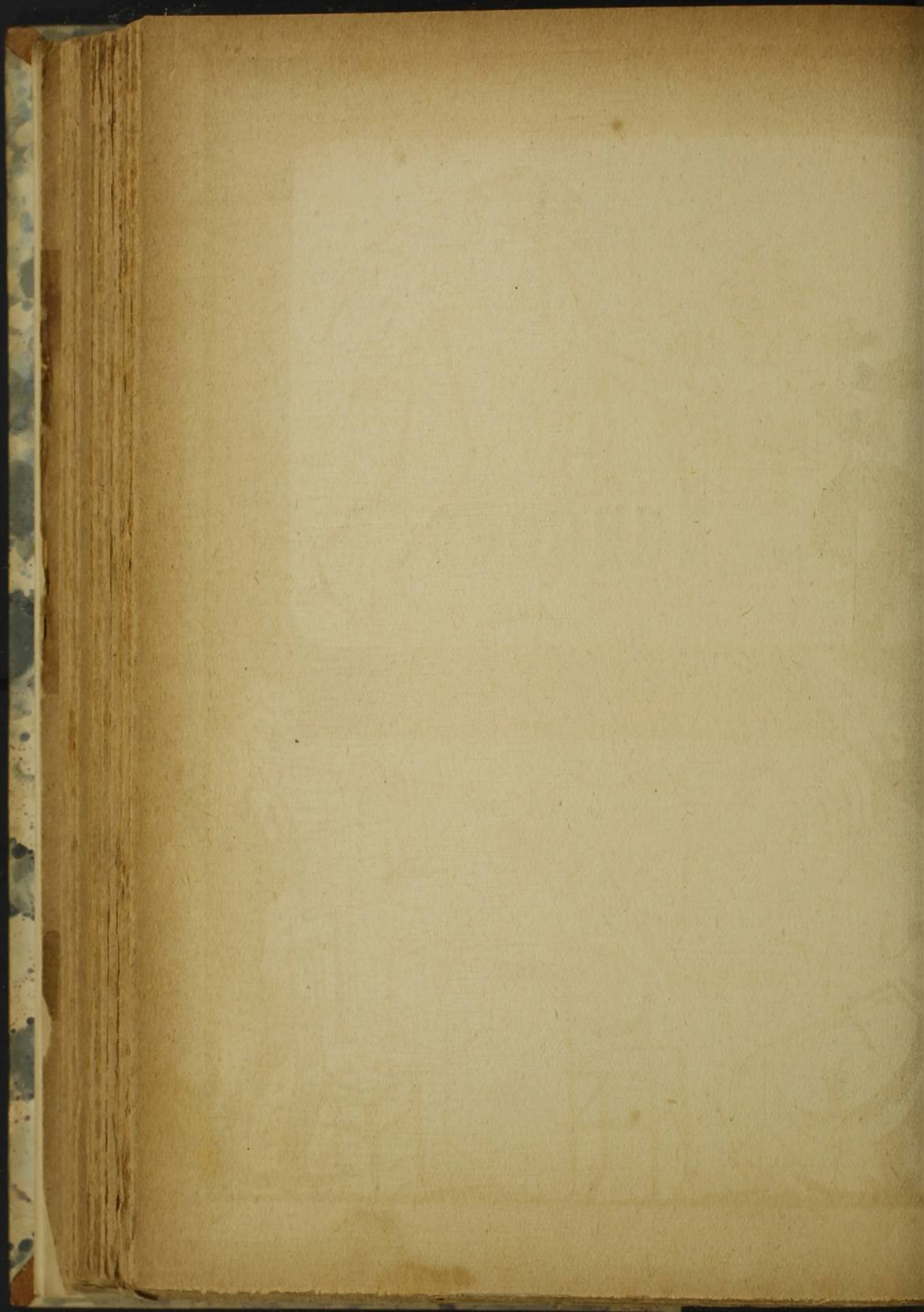
Discussão de dois italianos na Ponte de Mezzo. Tempestuosa. Acabam mal. E' agora a bofetada. Não. Berram ainda. E' agora. Ainda não. Um esfacela o outro. E' certo. Os dois se engolem. Fatalmente. Mais um berro e a desgraça se dá. E' agora! E não aparece um carabineiro! Que horror! E' agora! E' ago...

— Arrivederci. Tanti saluti a casa!

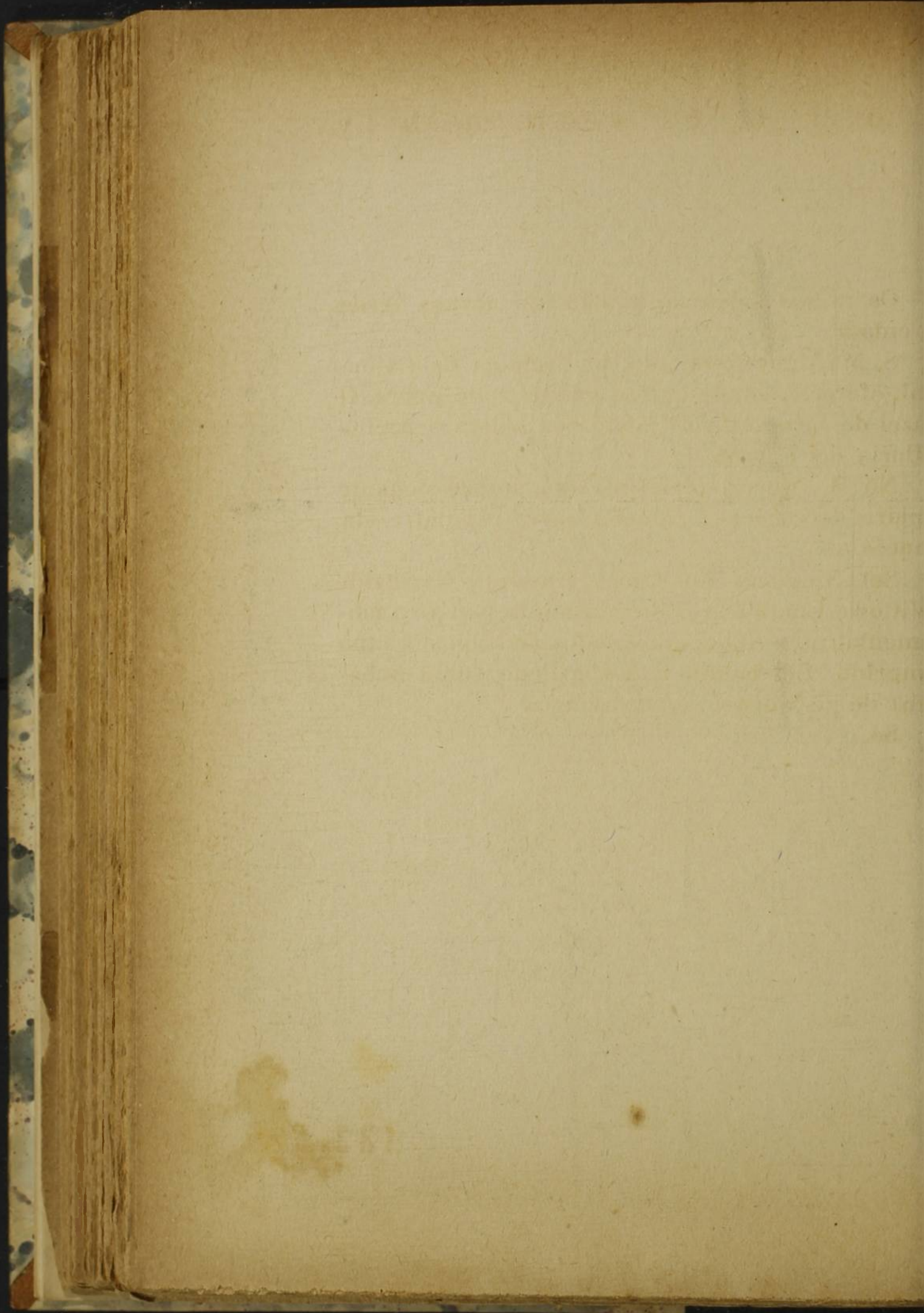
— Grazie. Tante belle cose alla zia!

Amicissimos.

12. lucca







p a t h é - b a b y

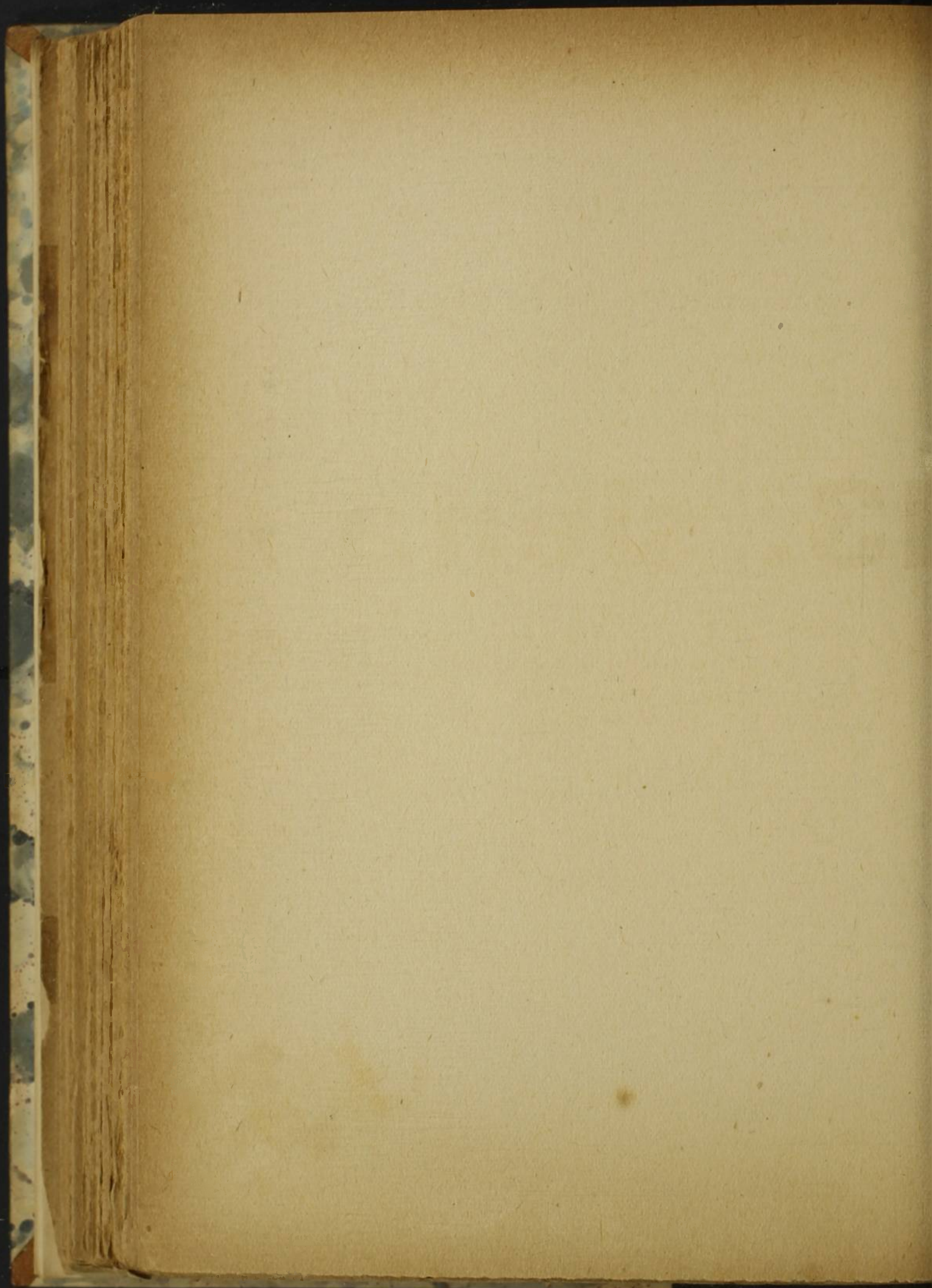
Os muros arborizados dão um abraço verde na cidade.

S. Martinho, montado, na fachada da Cathedral, oferece metade de seu manto a um pobre. O cinzel de Jacopo della Quercia dá beleza perpétua a Ilaria del Carreto.

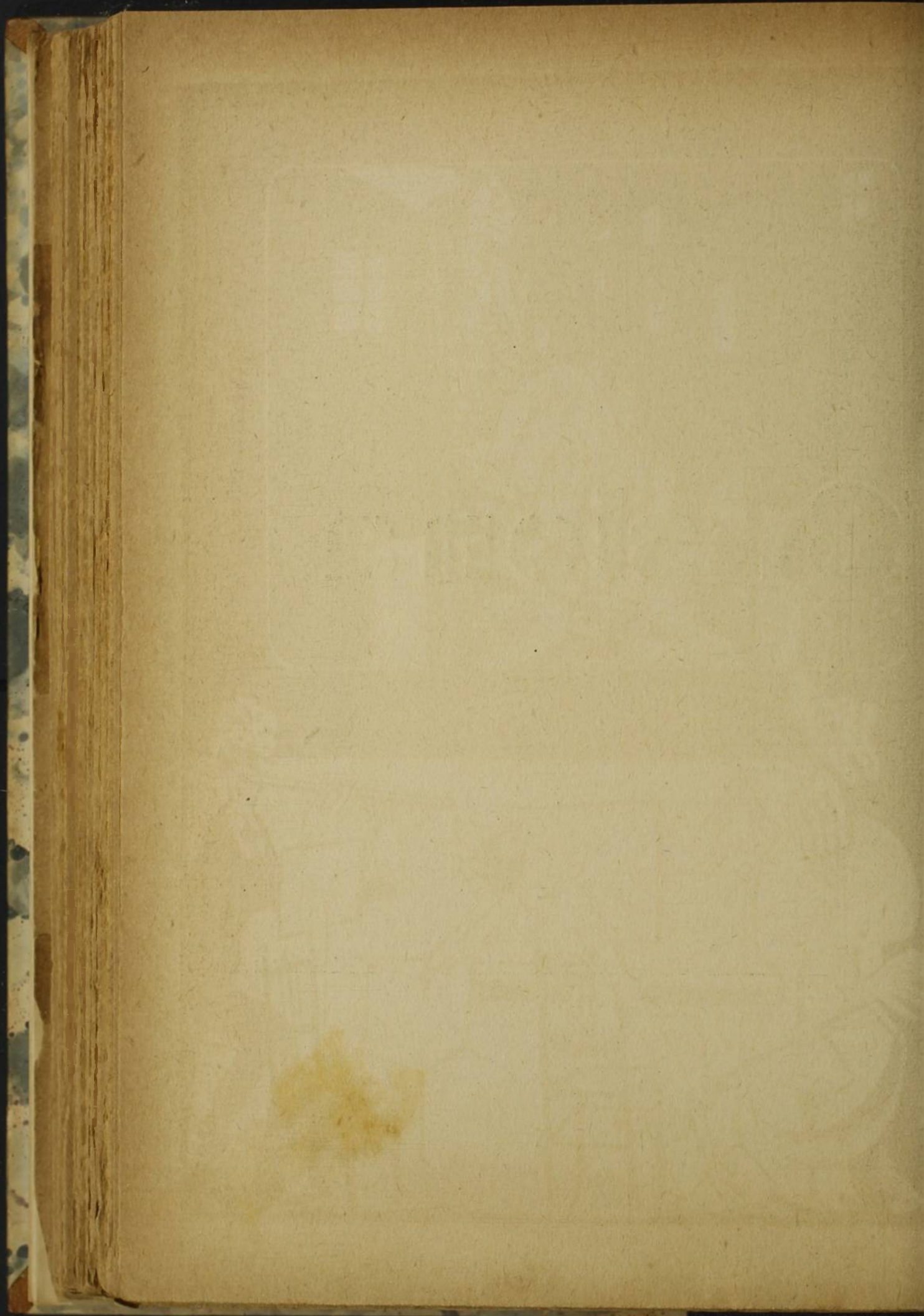
No R. Albergo dell'Universo, impressionante copeiro de casaca e chinelos serve espinafre em francês.

Sol. Ninguém. Em Lucca, Giuseppe Garibaldi e Vittorio Emanuele II descansam de seu giro monumental pela Itália, em cavalos de bronze e rabo comprido. Enfrentam a posteridade (uma bobagem) de pé. Silêncio e pernilongos.

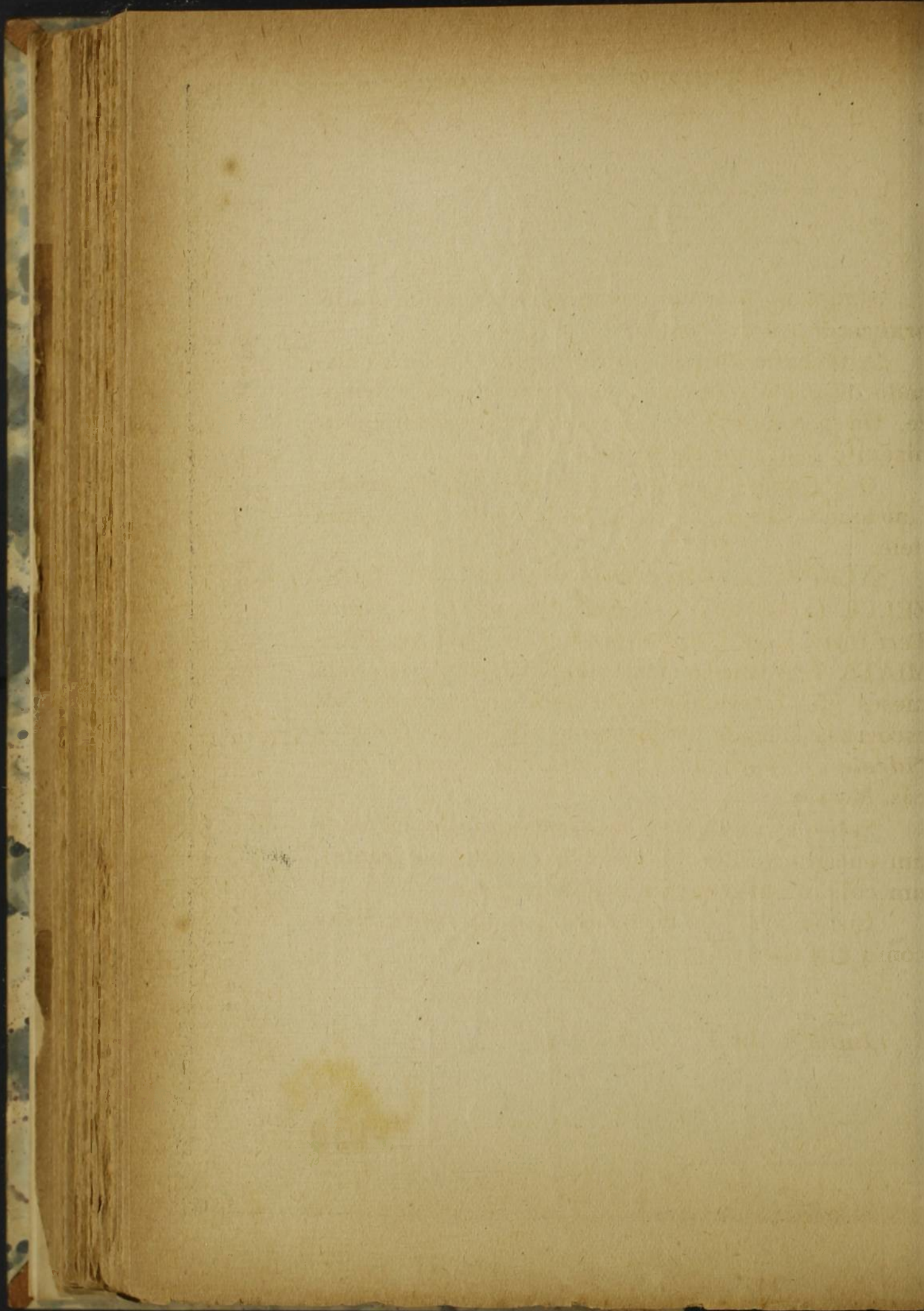
Só.



13. siena







p a t h é ~ b a b y

Galga as tres colinas e pára no alto, muito branca do esforço feito.

A fachada do Duomo ri, alegre. O interior riscado de preto e branco é um prodígio de mármore. No pavimento de mosaico, norte-americanos pisam o gênio de Mecarino.

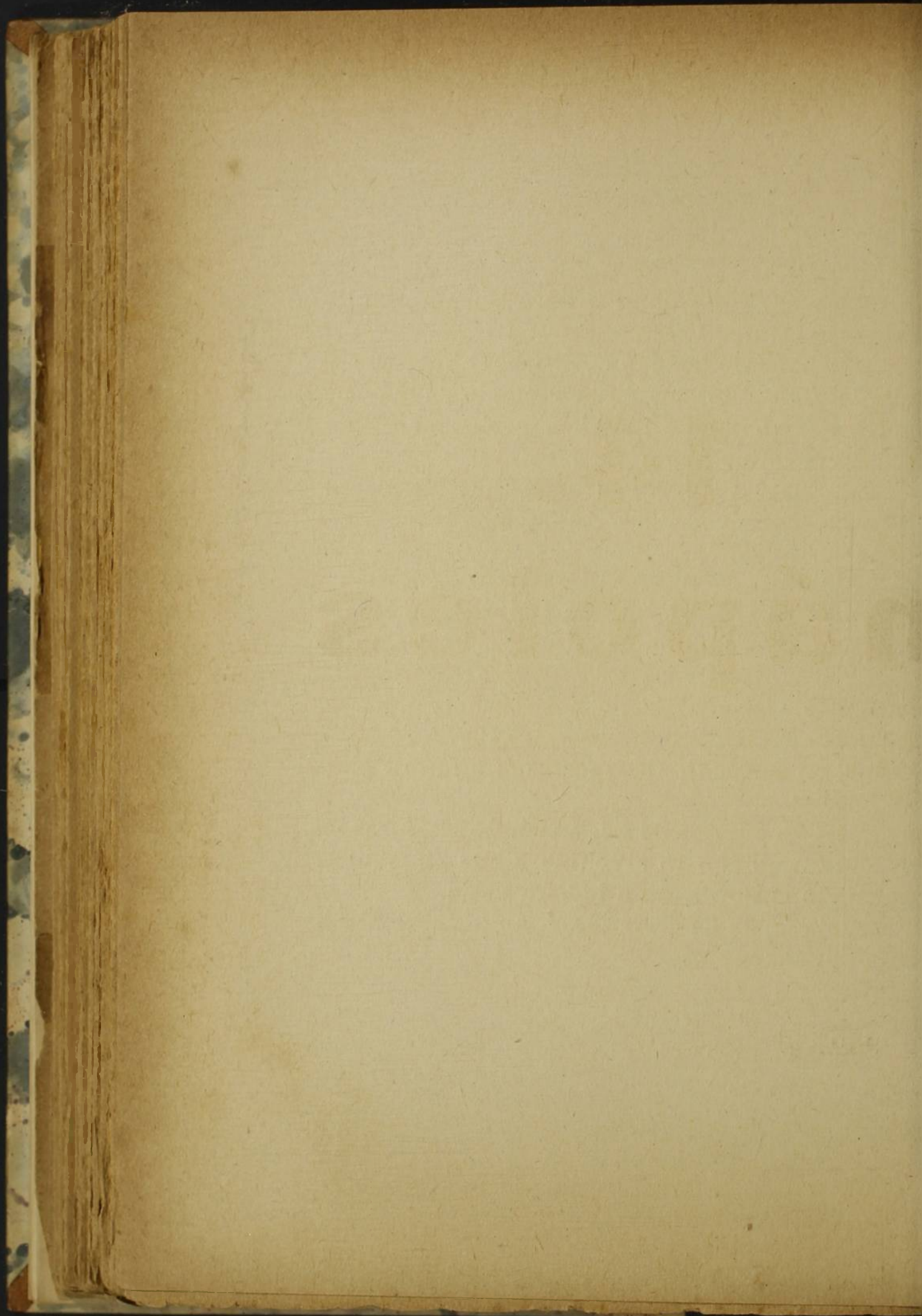
O Palazzo Comunale tem pescoço de girafa. Um louco sacode as ruas. Anda gente louca atrás dele.

ALBERGO E RISTORANTE LE TRE DONZELLE (*di sopra*), *del nuovo proprietario signor Teri Gino*. Uma família de estrábicos louros. PREMIATA FABBRICA DI PARAFULMINI. Há seis meses não chove. Luta de dois cachorros. O sol escorrega perpendicularmente. PURGANTOLO é *l'ideale dei purganti (non disturba affatto)*. Moscas. Moscas.

Sobre os ombros de seis encapuçados, atrás de um encapuçadinho (o crucifixo treme na frente), um caixão enfunebrece a ladeira vasia.

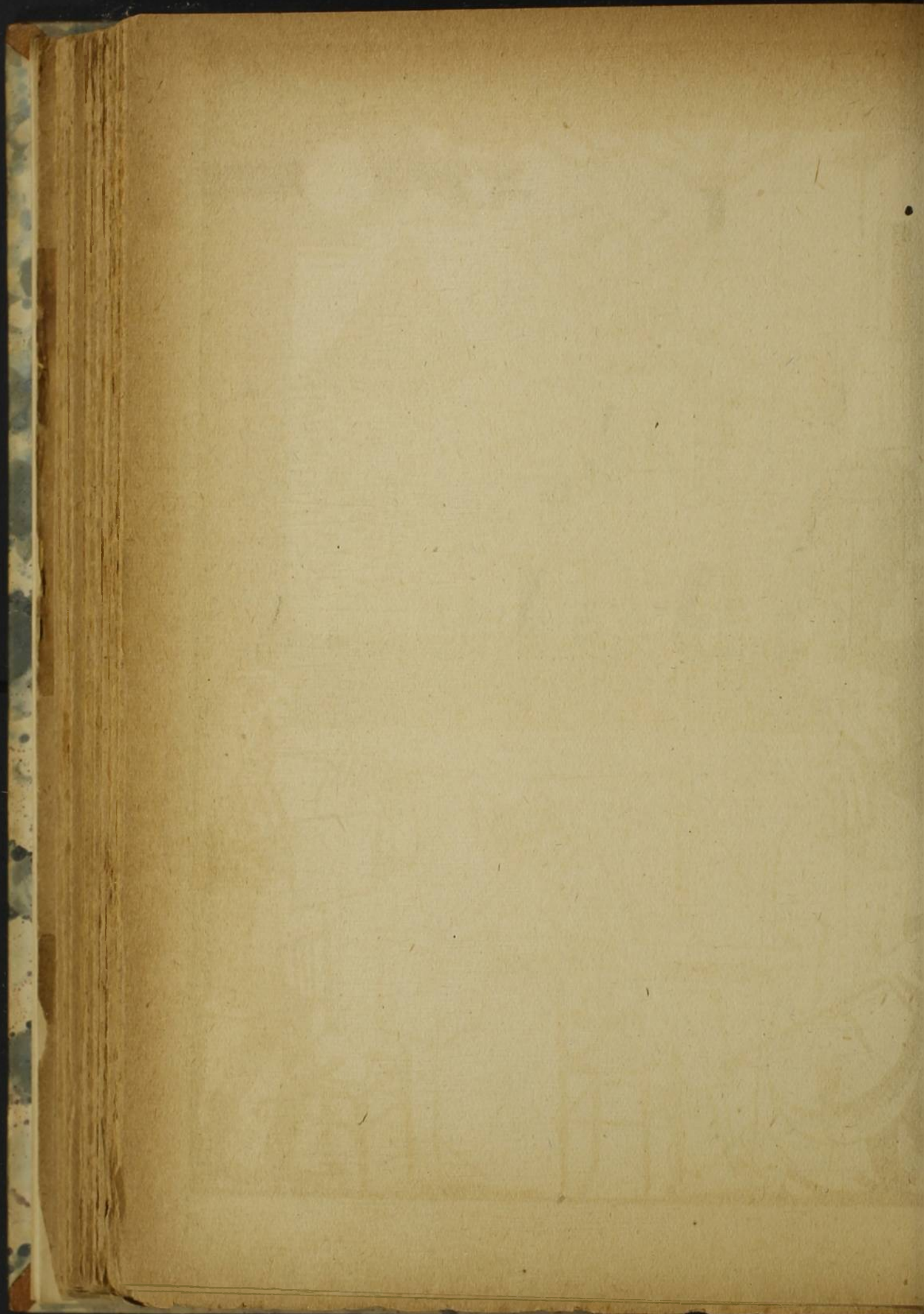
Cisma triste de ciprestes. A noite cobre Siena como um chapéu preto.

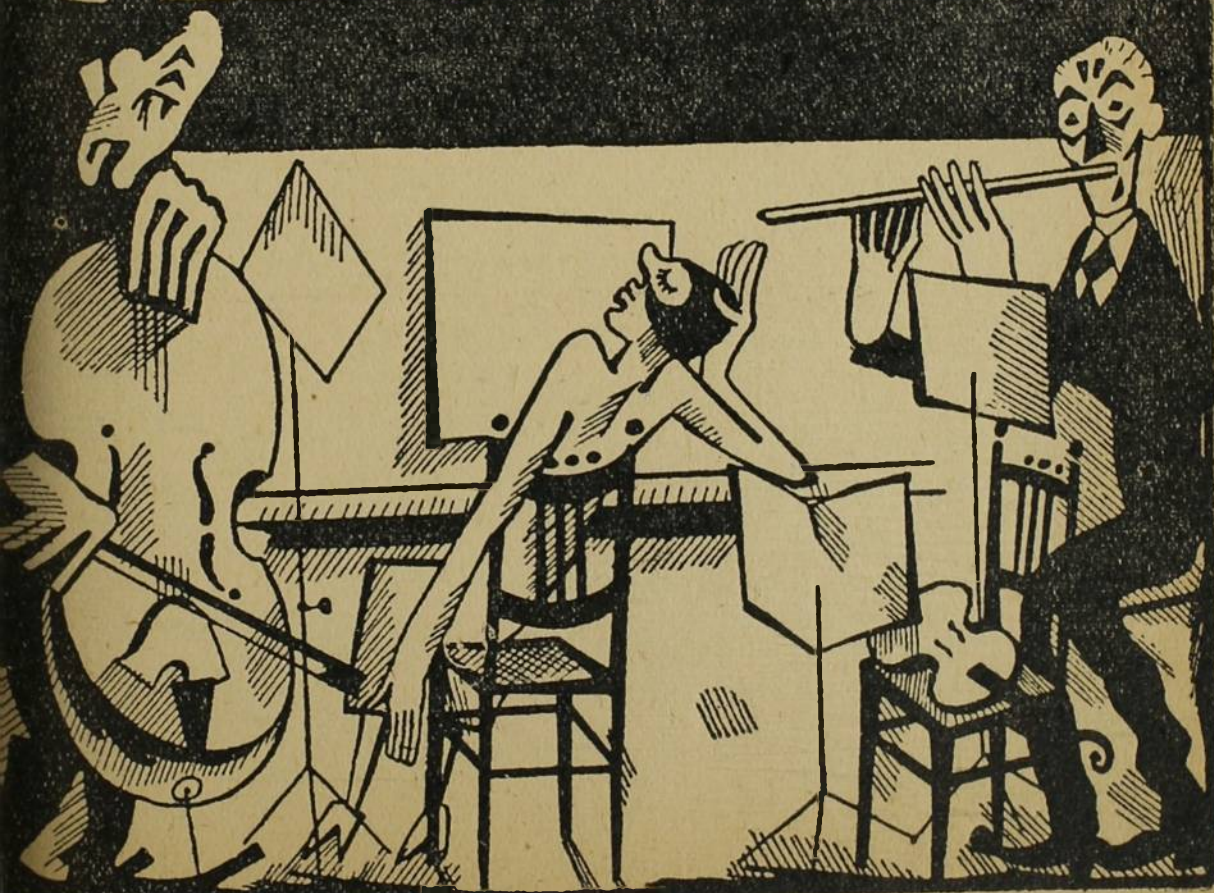
Julho de 1925.

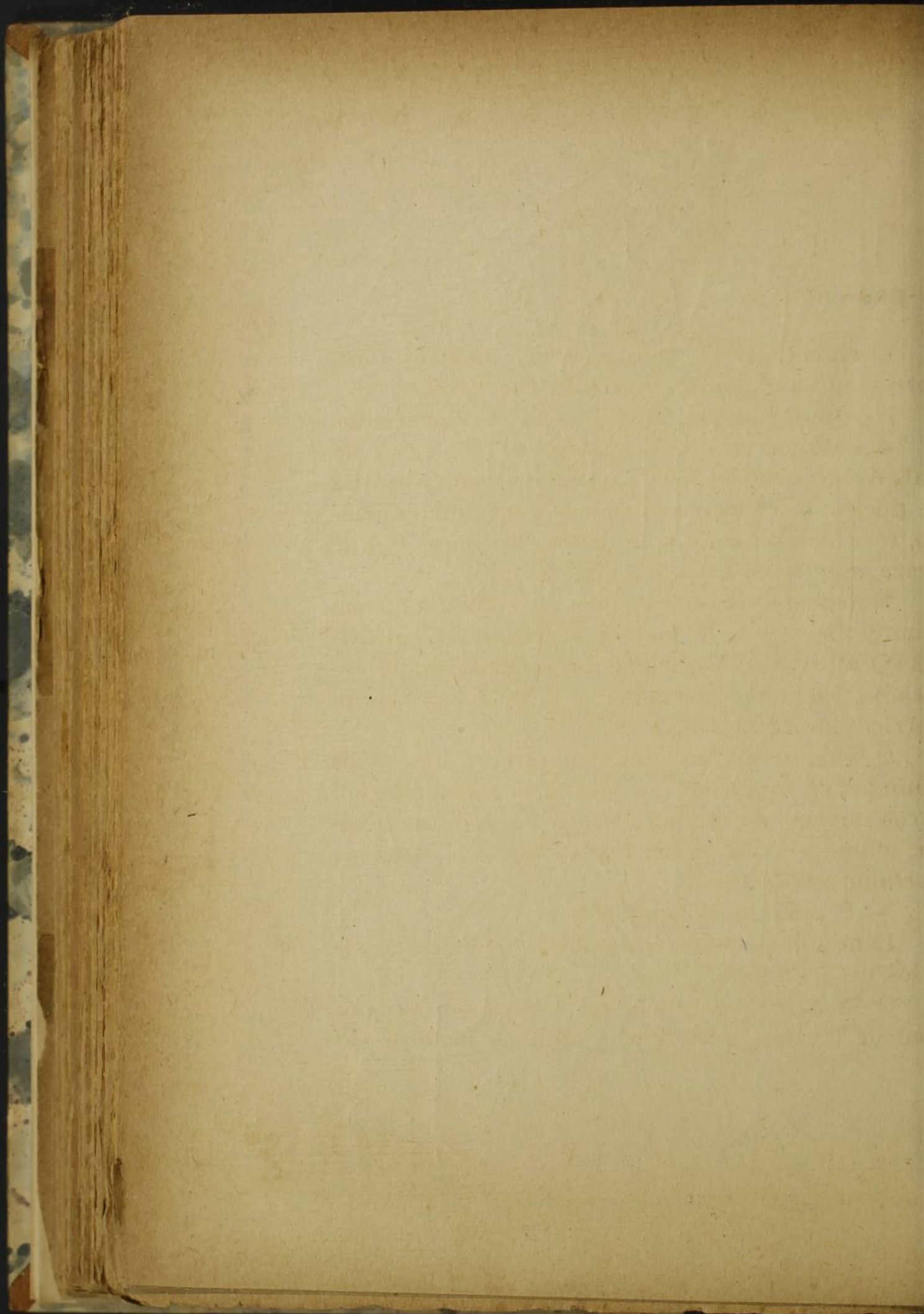


14.

nápoles







1. passeio

Cortinas de pó. O automóvel, modelo 1908, abre-as pulando no calçamento execrável.

— Questa invece, Mossiú, é la via Caracciolo.

A estátua sem importância de Giovanni de Tal. As arvores da Vila Comunale usam vestidos de poeira. Carducci, sem pescoço, levanta, sufocado, fóra de uma coluna, a cabeça hugoana. Sol de braza marcando a fogo o mar de anil.

Moleques, bonecos de trapos, refocifelam em montes de areia. *E' vietata l'afissione*. CIOCCO-LATO PERUGINA. Gritos de vendedores de refrescos. Puxando carrinhos com verdura, passam burricos de brinquedo.

O volante do calhambeque treme nas mãos imundas do motorista — Baedeker, sacudindo um corno enorme de madeira negra. Ao lado da bomba, a imagem de S. Cristóvão com esta súplica: *Fortuna assistimi*.

— Il palazzo di Donn'Anna.

Lambido pelo mar, o palácio tem quatro séculos de abandono.

O homenzinho espeta na piteira de pau um tóco de cigarro, acende-o, e recita a história do

palácio e de sua proprietária. Terrível d. Anna! Messalina para peor. E quando enjoava de um amante (tremenda!)...

— ... lo buttava nel mare!

Cusparada de nojo.

A Strada Nuova sobe, entre árvores e vilas, sem perder o mar sempre mais baixo.

— Signorì, questo é Posillipo.

2. lixo

De longe o mau cheiro anuncia a podridão. Podridão que se vende, como peixe, na Piazza del Mercato. Os vendedores berram um berro cantado. Mulheres, manchadas de sujeira no rosto, nas mãos (os pés!...), escarram e gesticulam.

A seguir, Strada del Lavinaro. Sentina habitada. As casas unem-se no alto por varais coloridos. O vento balança as calças remendadas e os cobertores furados.

Cosinhas ao ar livre. Confusão de mostras de sapatos, de tabaco, de roupas, de verdura. Cheiro azedo de comida popular. Humidade pestilenta. Crianças núas pulando em poças de agua verde. Mulheres amamentando. Burricos. Fedor de aglomeração pública. Pannels de macarrão. Mixórdia de cortiço. Mãos magras, abaixadas, catando pe-

p a t h é - b a b y

daços de pão e tócos de cigarro. A *Traviata* fannhosa (tarari-tarará-tarari) de um realejo torto. Flores de papel. Imagens santas. Tascas.

— Signorì, tengo una bella guagliona.

Dois olhos lindos de miséria. Gestos obscenos. Pilhas de parmezão e grana. Blasfêmias compridas. Bandeirinhas tricolores. Cartazes. OMMAGGIO A MARIA S. S. DEL CARMINE! VIVA MARIA S. S. DEL CARMINE! Em baixo a carvão: *Morra!*

Uma velhinha corcunda dançando a tarantela ao som de uma orquestra de assobios garotos. Caçada desesperada de piolhos na soleira de uma porta. Algazarra e moscas. Pitoresco.

Saudade de creolina.

3. garotos

O mais velho tem uma cicatriz no queixo. O outro é estrábico. Vêm correndo. Param deante do Grand Hotel. Farejam estrangeiros no terraço.

— Mossiù, due lire, mossiù!

Oferecem cravos.

— Due lire, madama.

Insistem. Contam fome e miséria. Dizem gracinhas. Fazem caretas. O menor, pés nús, calças presas com barbante, limpando no dorso da mão o

p a t h é - b a b y

ranho que alcança a bôca, pede cigarro. O inglês joga-lhe um tóco. O outro também quer.

— Pé me, mister pé me!

Começa a dar cambalhotas. Dá uma, duas, tres. Espera a recompensa. Nada (a generosidade inglesa é difícil).

Complica a ginástica. Põe pedras na calçada, apoia nelas a cabeça e gira. Ganha o cigarro.

Mas são incontentáveis.

— Guarda che belle fiore, signori! Tutte per due lire! Due lire!

Passa uma feiura norte-americana. O garoto corre atrás. Olhando o ramo, a feiura sacode negativamente a cabeça.

— No good, lady, no good?

Outros aparecem. Homens e mulheres. Formam um côro:

— Cigaretta, cigarette, mister!

O inglês joga o Ariston, ponta de ouro, no monte de pedregulho. Confusão empoeirada de mãos e cabeças. Unhadas. Sôcos. Palavrões. Gargalhadas do inglês.

Os garotos fogem diante do soldado de cavalaria que contra êles investe montado. O menorzinho cai, ajoelha-se na calçada, junta as mãos, chora.

O inglês como ri! O inglês como ri!

p a t h é - b a b y

4. vedere napule...

O mar esconde-se na noite.

Ao longe, Capri é uma nuvem preta boiando.
O archote dos pescadores que físgam ilumina candelabros dentro do oceano.

De Santa Lucia a Posillipo, as lâmpadas enfiam na água punhais tortuosos. E a água sangra luz.

O Vesuvio, escuro, é uma pira acesa. O vento toca mansamente a fumaça, e a fumaça risca uma elipse cinzenta sobre o golfo.

As estrelas são fagulhas que o Vesuvio atira. No fundo, lado a lado, Sorrento, Castellamare e Torre Annunziata arriscam olhinhos vinhos.

Sob as arvores da Riviera, o bandolim inicia a serenata. O barítono canta a história do corsário louro que a sereia fez morrer de paixão.

*Sirena del mare,
sorrìdimi, non tremar...*

As nebulosas são uma prolongação mais pálida da fumaça do Vesuvio, que a brisa espedaça.

*... s'io son pirata,
piccola fata...*

p a t h é ~ b a b y

A lua. Pegando fogo.

... so pure amar!

Alonga os pés dourados e escorrega no golfo.

*... un navigante
vide vagante
un corpo su dal fondo...*

Os sons do bandolim, acima das arvores da
Rivieira, sobem. A voz do barítono arrebenta em
soluços.

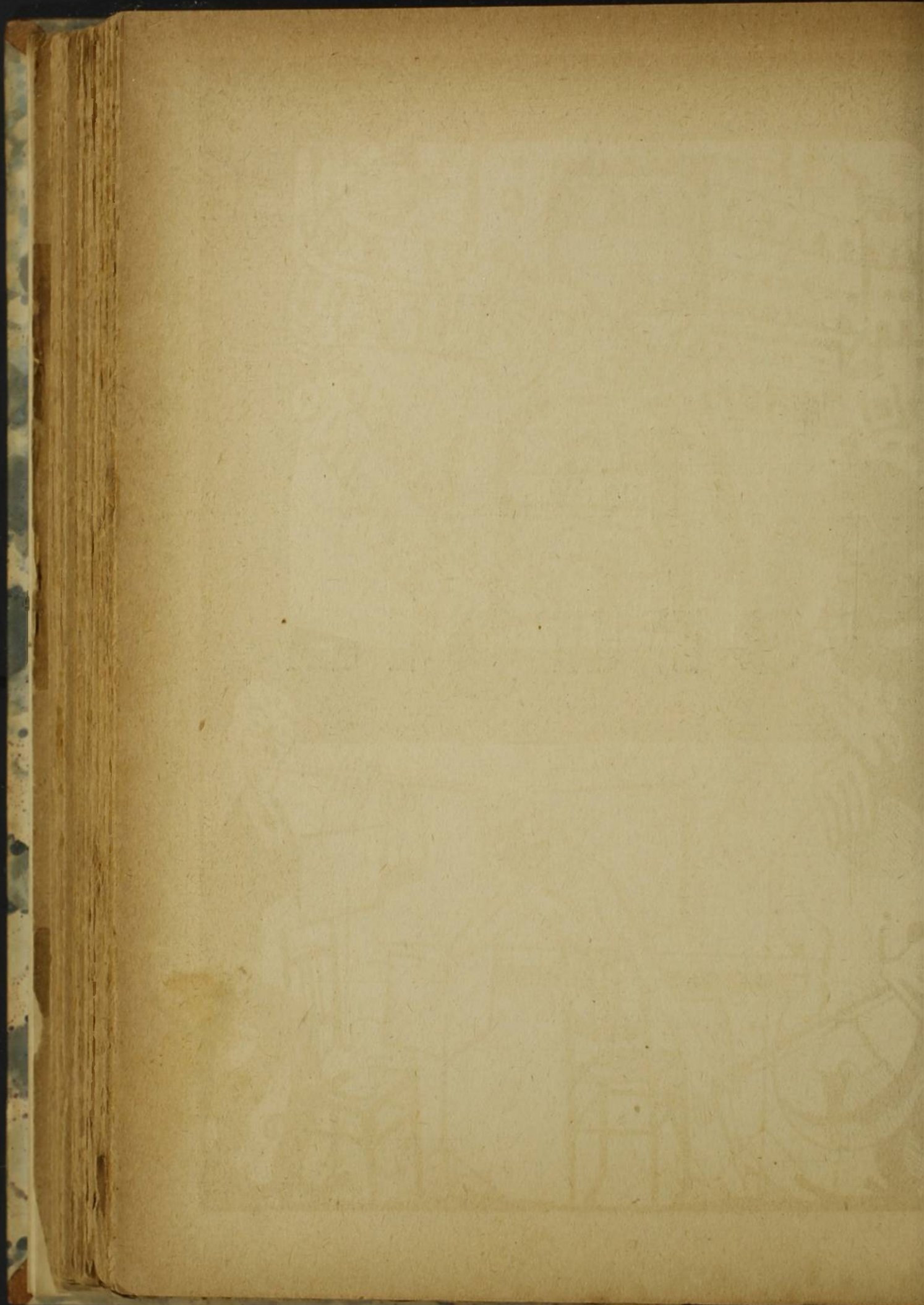
... era il corsario biondo!

Quietude iluminada.

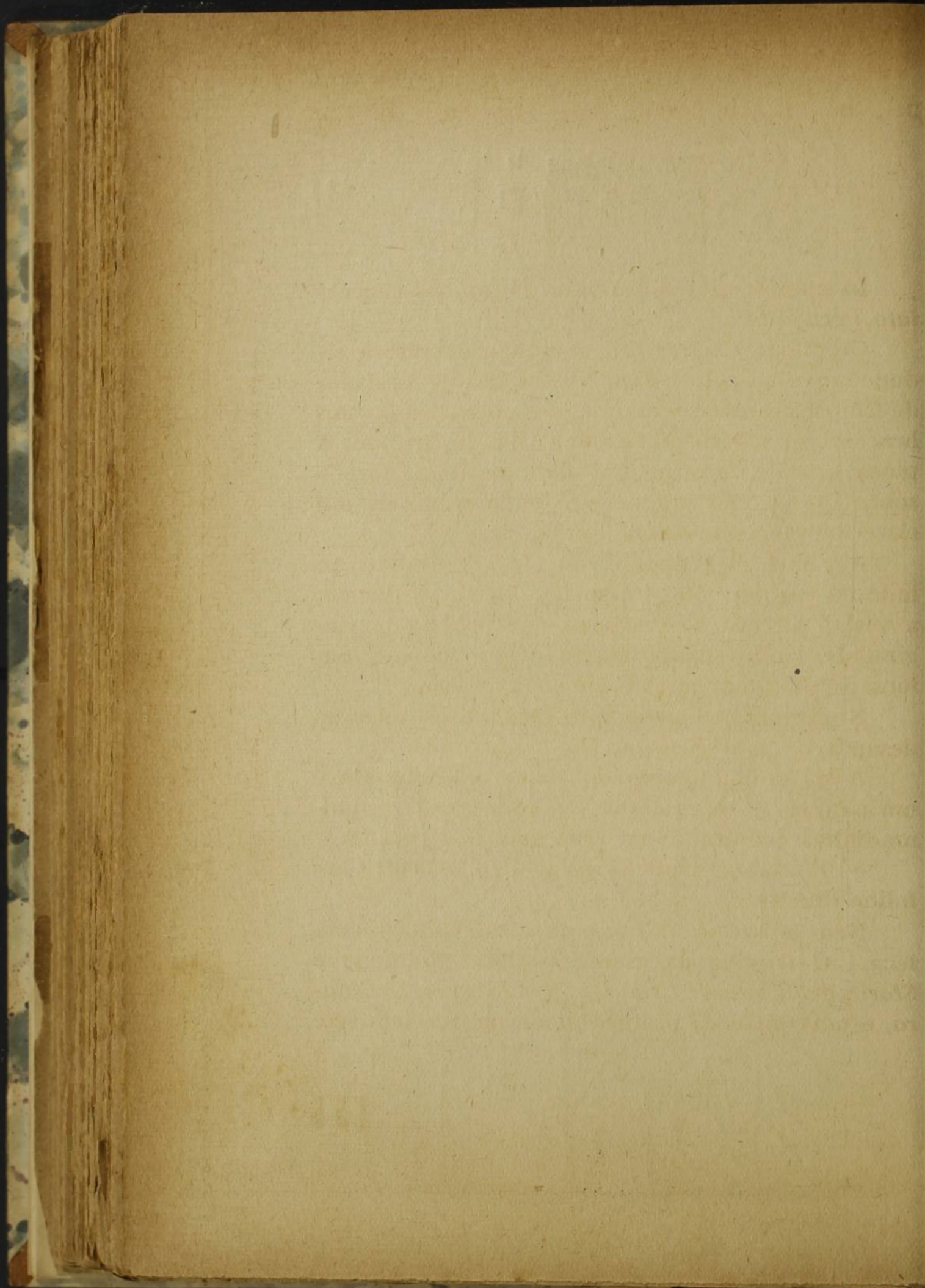
Junho de 1925.

15.

perugia







p a t h é - b a b y

In questa citta si fabbrica il famoso Cioccolato Perugino.

Os muros de tres mil anos não deixam a cidade resvalar pelo colina. O automóvel que vem de Chiusi descarrega americanos empoeirados nos braços do porteiro do Grande Albergo Brufani. A placa fascista informa que dali partiu a Marcha sobre Roma, em vinte e oito de outubro de mil novecentos e vinte e dois. Parabens.

A Fonte di Piazza é uma salada genial. Ao lado da cegonha oto-rino-laringologista de Esopo, a vestal carrega a água com que prova sua virgindade. Golias tremendo de medo. Salomé. Salomão. A Gramática. A Geometria. Moisés.

No Duomo, o pano que esconde as telas só desaparece com gorgeta. Mal empregada.

A fachada bifronte do Palazzo Comunale é um namoro para os olhos. O padre gordo dá palmadinhas demoradas na cara suja dos garotos.

— Pianta ufficiale di Perugia ed intorno! Cartoline illustrate!

Nem mosca nas vinte e duas salas da Pinacoteca. O tríptico da escola toscana, *Maddona e Storie della vita di Cristo, S. Francesco e S. Chiara*, é uma lição de pintura moderna que tem sete

séculos. Todos sorriem, satisfeitos da vida, na *Crocifissione* de Pompeo Cocchi. O poder milagroso de S. Bernardino, na série de Fiorenzo di Lorenzo, beneficia uma estéril. Interessantíssimo. Jesus, pimpolho, passa de tela em tela, mamando, brincando, lendo, em pé, sentado, alegre, sério, côr de rosa, azulado, sempre gordo.

— Mascalzone che non sei altro!

O chinelo passa sobre a cabeça do peralta.

A Via Vecchia é uma cadeira de pedra que recebe sujeira das casas macróbias e cuspo dos velhos sentados nas soleiras medievais.

Lá em baixo, olhando a praça torta, o Arco Etrusco tem a solidez das cousas primitivas.

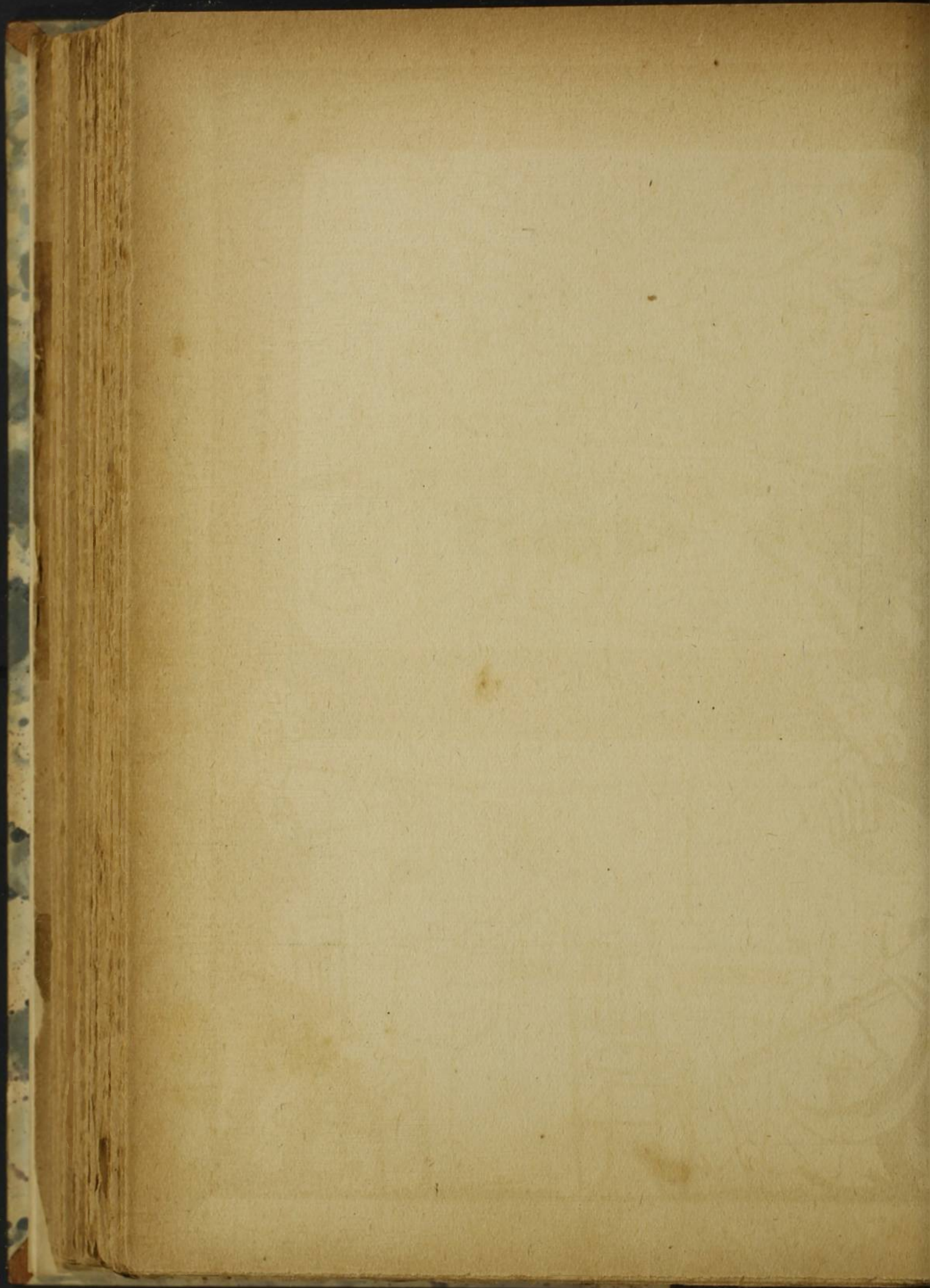
Os cafés do Corso Vannucci servem sorvetes com partituras de Verdi. Pernilongos. Entre os dois seios de massa do manequim, na montra da modista, uma bandeirinha tricolor espia.

No Giardino Pubblico namorados, desocupados e o busto de Carducci hipnotizam a Umbria serena, de montes e vales. O Rione di Porta S. Pietro é o braço esquerdo de Perugia, estendido sobre o campo sombreado.

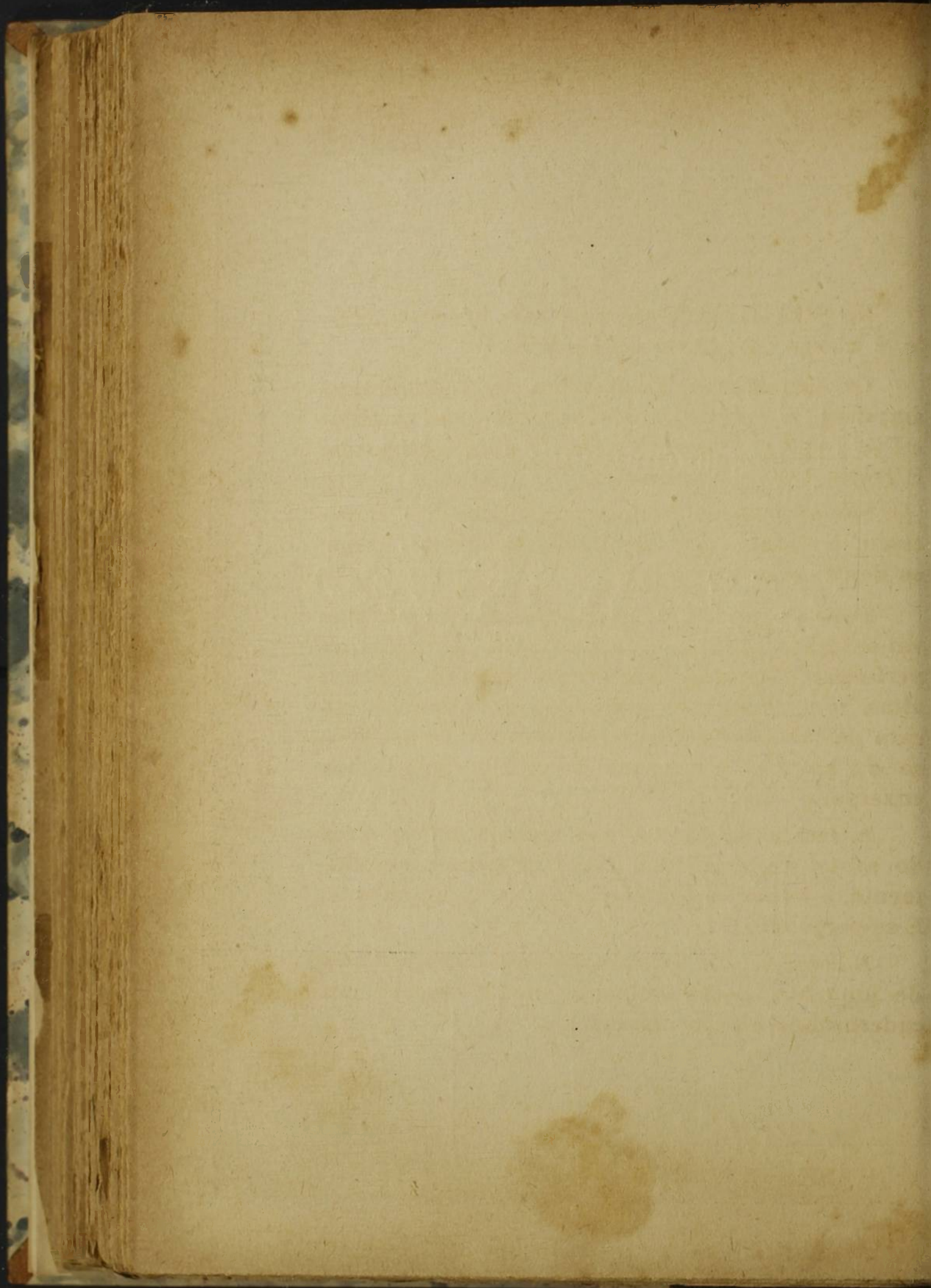
Céu e terra embaralham-se na noite. O menino começa a contar as estrelas.

Junho de 1925.

16. assis







p a t h é ~ b a b y

No Subasio verde-escuro, Assis, branca e triste, é o anjo da guarda da Umbria.

Os contrafortes da Basilica di S. Francesco amparam a montanha. O cachorro late. O automóvel buzina. O garoto grita. O vento faz pssiu! E restabelece a paz mística.

Sob os pórticos da Piazza Inferiore di S. Francesco, o franciscano de hálito fedorento limpa os dentes com o polegar.

Pouco a pouco, a igreja vestida de sombras vai-se desnudando e o corpo liberto desvenda as perfeições. No braço direito do cruzeiro, sobre o altar, o S. Francesco espantoso de Cimabue, na cara de caboclo brasileiro, resume a vida de esposo da pobreza e amante do cilício. Seus olhos enxergam.

A escola de Giotto, nos cinco companheiros do santo, materializa a fé, a oração, o recolhimento, o êxtase, a contemplação. Definitivamente. E se perpetua.

A comissão de técnicos alemães avança lentes de aumento, pensativamente mede, escreve em caderninhos, cheira cerveja.

Sobre o altar-mór os quatro frescos de Giotto dantescos, enormes, cansam o pescoço porque arrebatam os olhos.

Nos armários da Sagrestia Segreta, um espinho da corôa de Cristo, o véu de Nossa Senhora, uma lasca da cruz do Calvário, um braço de S. Antonio di Padova, outro de S. Estanislao, uma porção de cousas de S. Francesco são de autenticidade garantida. Pelo sacristão, que recebe duas liras. Autênticas.

Cimabue, Giotto e discipulos enchem a Chiesa Superiore. A monotonia da arte conseguida. Nem um tico mal feito. Enjôa até.

A cripta, sim, é uma indecência estupenda do século XIX.

— Sembra la sala d'aspetto di un cinematografo.

Verdi, Umberto I, Garibaldi, outros notáveis, em oleogravuras de salão de engraxate, são exemplos pregados nas paredes do convento feito colégio, para edificação diária dos meninos.

A' esquerda da Torre Comunale, na praça que ouviu S. Bernardino da Siena, o Tempio di Minerva ergue seis colunas coríntias.

A Cattedrale di S. Rufino é só fachada. Na porta principal, leões engolem homens principian-

p a t h é - b a b y

do pela cabeça. Uma alemã sem meias coça as costas.

A freira de rosto coberto abre a janela, no subterraneo da Basilica, descerra as cortinas da urna de bronze e cristal, onde S. Chiara mostra o rosto mumificado e com as mãos de virgem sustenta o lírio sem mancha.

Na Capella del SS. Sacramento, outra freira de rosto coberto abre também uma janela. E no muro escuro, o Cristo que conversou com S. Francesco estende os braços magros sobre a cruz cheia de santos.

O sacristão, que é gordo e tem boa memória, recita as palavras do crucificado:

— Francisce, vade et repara domum meam, quæ, ut cernis, tota destruitur...

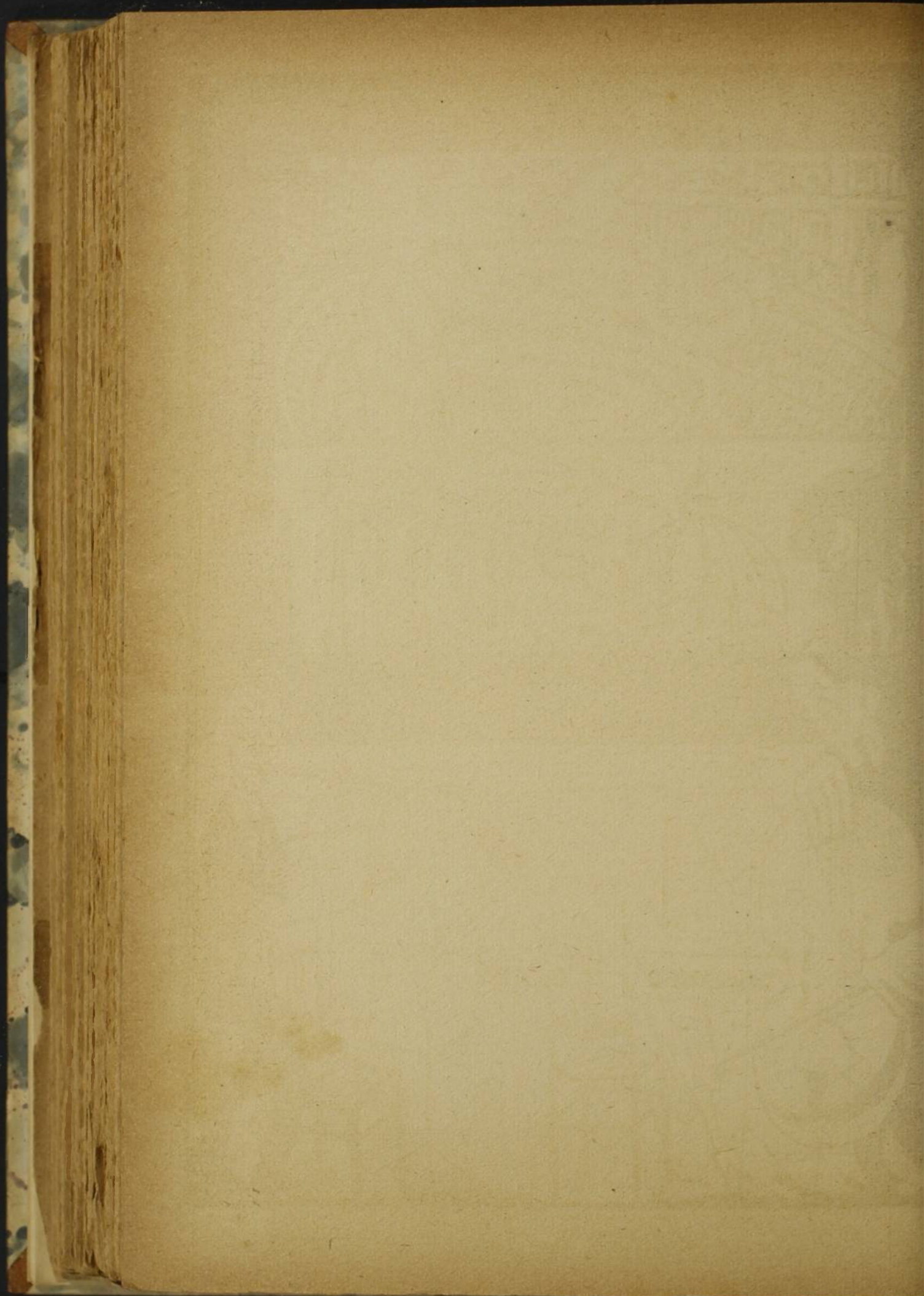
Assis sóbe no Subasio para ficar mais perto de Deus. Para lá é Eremo delle Carceri onde S. Francesco foi tentado pelo demônio e abençoou os pássaros. Do lado do oriente, é o Santuario di S. Damiano onde S. Francesco rezou e internou S. Chiara. Aqui, S. Francesco nasceu num estábulo, como Jesus. Esta é a Chiesa di S. Nicolò, onde S. Francesco estudou o evangelho. Ali, S. Francesco beijou os leprosos. Longe, naquele buraco, em S. Maria degli Angeli, S. Francesco morreu. E foi para este céu que subiu.

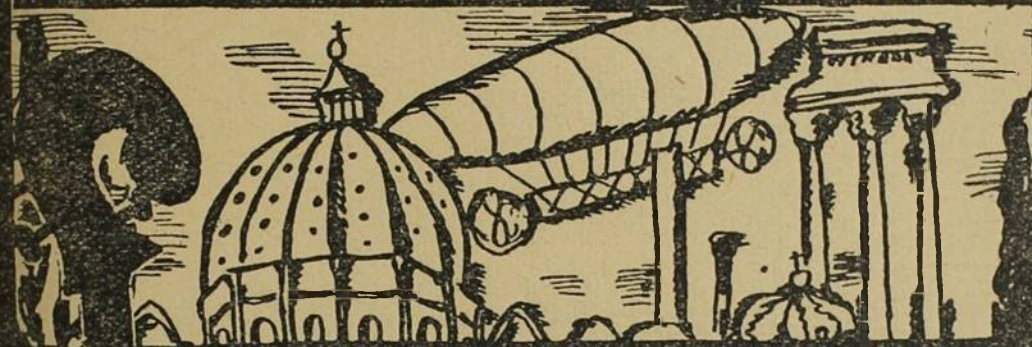
p a t h é - b a b y

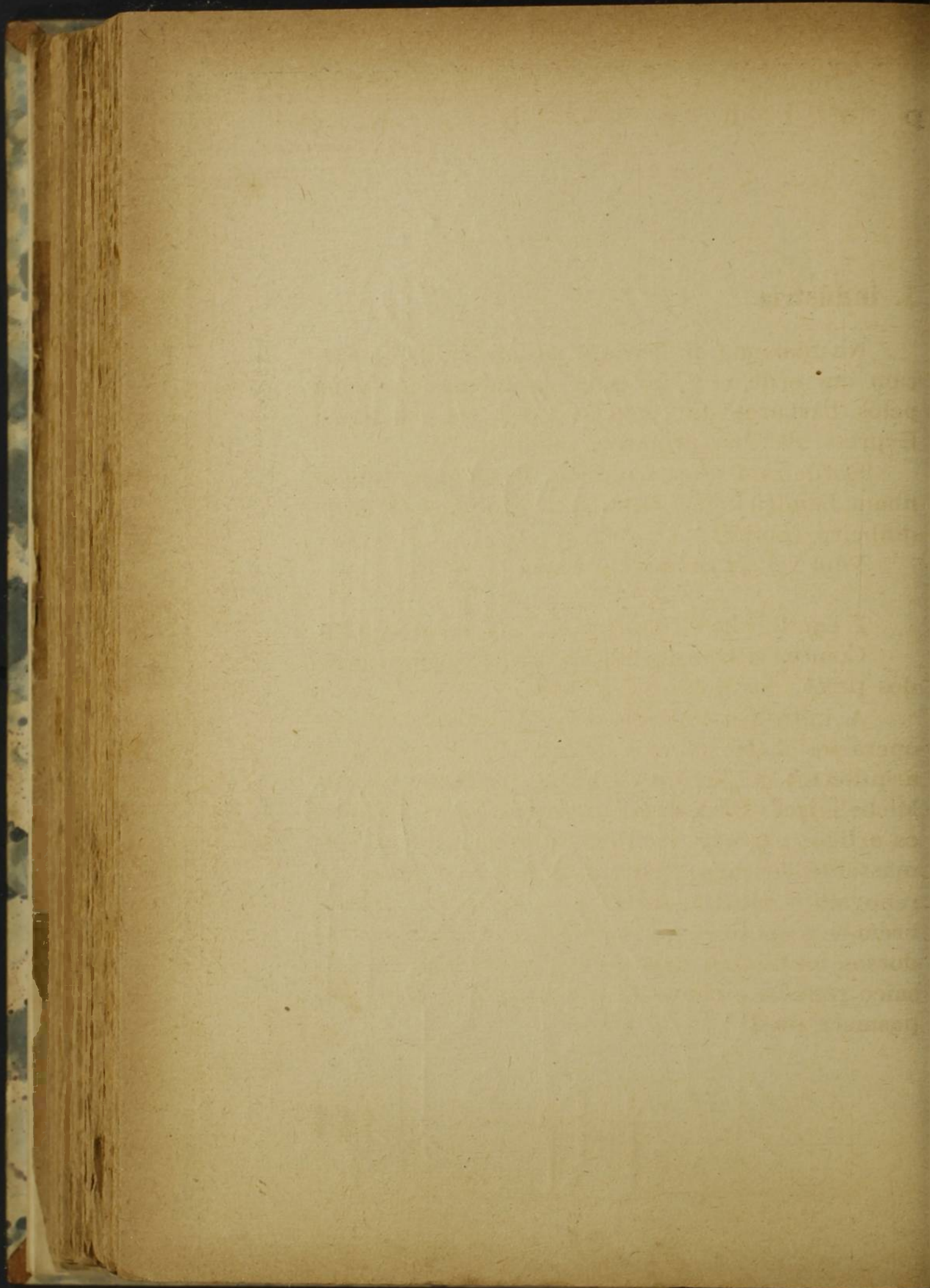
Os irmãos ciprestes e as irmãs oliveiras têm
côr de sombra no vale irmão. A Umbria reza. E
as irmãs estrelas, em procissão pela noite, vêm
carregando velinhas.

Julho de 1925.

17. roma







p a t h é ~ b a b y

1. indústria

Na Stazione di Termini as hordas desembarcam em ordem. A invasão quotidiana de Roma pelos bárbaros da Agência Cook, da American Express, das peregrinações católicas.

Enfileiram-se os batalhões basbaques. Empunham bandeirinhas. Ostentam medalhas. Trocam dinheiro (muito).

Vêm ver as ruínas e o Papa.

.
E equilibrar as finanças do Estado e da Igreja.

Começa a transformação intensiva das libras, dos pesos, dos dólares em liras.

A indústria italiana mais próspera tem por operários-chefes mortos os estatuários gregos, os architectos de Nero e Caracala, Raffaello Sanzio, Michelangelo Buonarroti, Bernini, outros. Quando os artigos expostos da Roma-museu ganham o ar massante de cousa vista, dois golpes de picareta renovam a mostra, salvando a situação. Descobrem-se mais cinco pares de colunas coríntias, tres dorsos mutilados, dois metros quadrados de mosaico romano e chama-se o estrangeiro. Este vem, pasma e paga.

Os ingleses — coitados — enegrecem de notas graves os Baedekers vermelhos no pó da Domus Flavia, deante do *Juizo Final* da Capela Sixtina. à luz das velinhas na escuridão frigorífica das Catacumbas de S. Calixto, e levam para enquadrar na Inglaterra uma reprodução colorida da *Batalha de Ostia*, da Torre Borgia.

Os peregrinos do Brasil e da Espanha — hem-aventurados — esfolam os joelhos nos vinte e oito degraus que escondem a Escada Santa, reconstroem com indignada fé os tres pulos da cabeça de Paulo na Via Laurentina, salivam no pé gasto do S. Pedro da Basilica, e levam, como presente para os amigos que ficaram na pátria, uma fotografia do Papa martelando a Porta Santa.

Invariavelmente. Sob a fiscalização remunerada das autoridades civis e eclesiásticas.

.

Focalizando Kodaks ou berrando litánias, as hordas vão-se. Um Atila de farda ou batina á frente.

Têm a benção da Igreja. Têm a protecção do Estado.

E recibos dos dois.

Antes de partir, na Fontana di Trevi deixam o soldo propício que garante a volta á Roma.

p a t h é ~ b a b y

Os garotos da Via della Stamperia e da Via del Lavatore vêm á noite brincar na bacia. Depois vão comprar melancias.

2. chamada

O Monumento a Vittorio Emanuele II é um altar branco. Na Piazza Venezia os crentes se misturam. Milhares.

Quatro filas fardadas desenham um trapézio vasio deante da massa lívida. O Corso Umberto I derrama gente.

O rei a cavalo, saindo da brancura de pedra, é o incisivo de ouro das dentaduras caboclas. Esbofetea a vista.

Camisas pretas fascistas. Camisas vermelhas garibaldinas. Sobrecasacas escuras oficiaes. Mães condecoradas. Negror de viúvas. Faisco de baionetas. Panças comendatorias. Mutilados. Inválidos. Bigodões de cav. uff. Populacho festivo. Peitos medalhados. Suor e cheiro de data nacional.

Sobre as escadarias do Monumento, as delegações compõem um panejamento ondeante onde as flâmulas tricolores tremem.

A fanfarra real anuncia a chegada cumprimentada do oficiante de barbicha alva. A *Canzone del Piave* rompe das charangas e das gargantas.

p a t h é ~ b a b y

Canto e música cessam. Para os sinos do Campidoglio sacudirem brutalmente o silêncio imenso. A sonoridade retumbante do bronze bombardea a noite.

O oficiante grita:

— Umberto I di Savoia!

Pelo Re Buono, há vinte e cinco anos assassinado, responde o ribombo da multidão:

— Presente!

De novo cai o silêncio como uma tampa.

A *Marcia Reale* levanta as carabinas e descobre as cabeças. Entre braços erguidos, o *Inno Fascista* cadencia o desfile das delegações patrióticas.

— Due soldi la cartolina-ricordo! Due soldi! La cartolina-ricordo! La cartolina-ricordo!

Suando, some-se a multidão.

3. cidade eterna

Roma-ruína. Roma-sacristia. Roma-exploração.

Um guia de mau hálito realeja decorada erudição histórica na poeira do Vicus Tuscus. Aqui, isto; ali, aquilo. Mutilações venerandas. Por lá descia o cavalo de Caligula para votar no Senado (agora chegam de automóvel). Um alemão, em mangas de camisa, copia as oito colunas do Tem-

p a t h é - b a b y

plo de Saturno. Os Barberini arrancaram os mármores da Basilica Emilia. Michelangelo inspirou-se nos arcos da Basilica de Maxencio. Que importa? Nada.

Bom lugar para um arranha-céu. Perdido.

No Museo Nazionale só o *Ermafrodita* deitado respira. O resto é cadáver. Gherardo della Notte salpicou de gotas de água verdadeiras a perna direita de *Judite surpreendida no banho*, no Casino Borghese.

Batinas passeiam no Pincio sobraçando livros. A orquestra do Valladier cacareja, apita, urra o *Scettico Blues*. O sol acende cúpulas. O Castelo de S. Angelo lembra a *Tosca*. Isso o estraga. Beatitude do Tevere.

Frades comboiam beatas. Ingleses de calças de golf compram relíquias. Sobre o Palatino um dirigível manobra. Vistos de um banco apropriado, na Basilica de S. Paolo, os olhos de mosaico do primeiro sucessor de S. Pedro chispam milagrosamente. Mas o milagre é do artista. Na Via Appia, do Arco do Druso á Porta di S. Sebastiano, o forasteiro tem por vinte cêntimos dez cambalhotas de moleques amestrados. Na pedra dura, que uma velhinha mostra (sem gorgeta não mostra), Cristo deixou a marca dos pés. E a velhinha conta o diálogo havido:

— Quo vadis, Domine?

— Venio Roma iterum crucifigi!

O santo fujão, enfiado, não quiz ouvir mais nada.

Cercando o Fiat de Mussolini, na Piazza Colonna, deante do Palazzo Chigi, candidatos á burocracia esperam o Duce para úa manifestação espontânea, diária, com gritos de *Alalà! Alalà!* e mãos erguidas. O Biffi expõe meretrizes sorvendo limonadas.

Antigamente, havia gansos sentinelas no Capitolio. Hoje, há gatos no Foro Trajano. A Prefeitura os sustenta para miarem e federem.

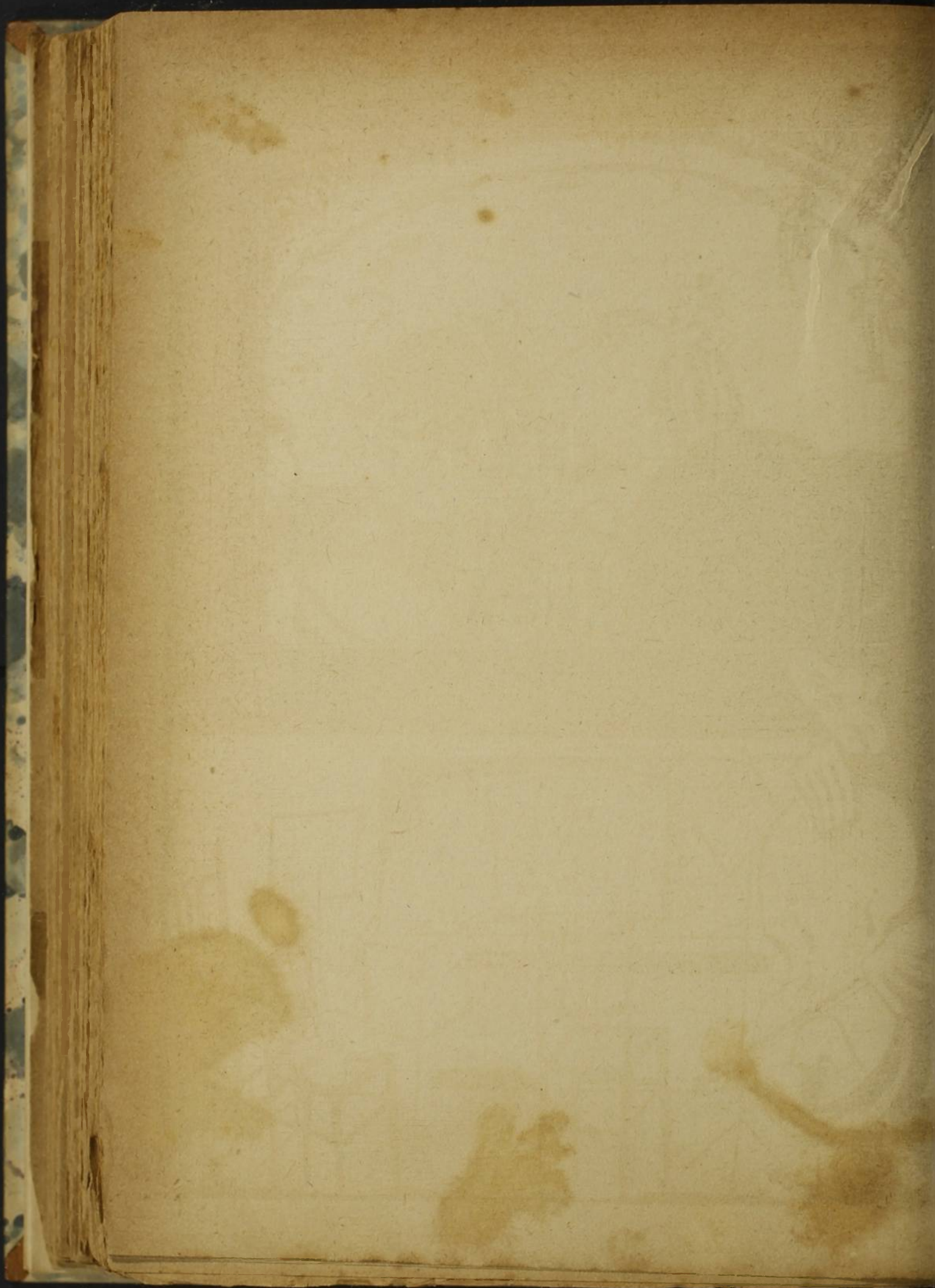
Lacoonte e filhos, na galeria dos roubos papais, morrem teatralmente sob os coleios estranguladores das serpentes.

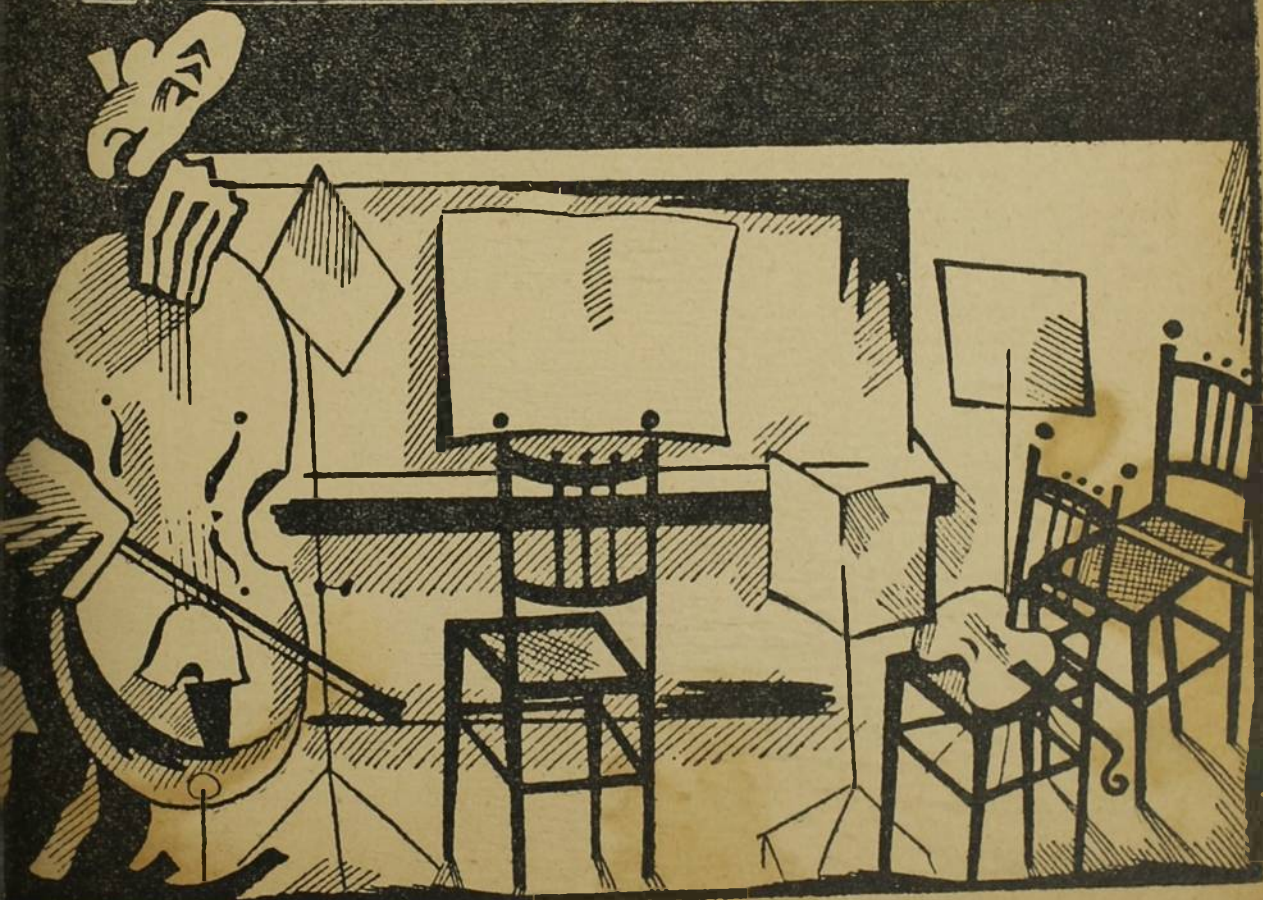
Na noite de 35.º, as luzes da cidade são fogos-fátuos revelando a Roma-cemitério. O Monumento a Vittorio Emanuele II é um bolo de aniversário. O Coliseu abafa gemidos de cristãos ou não, que entram enlaçados.

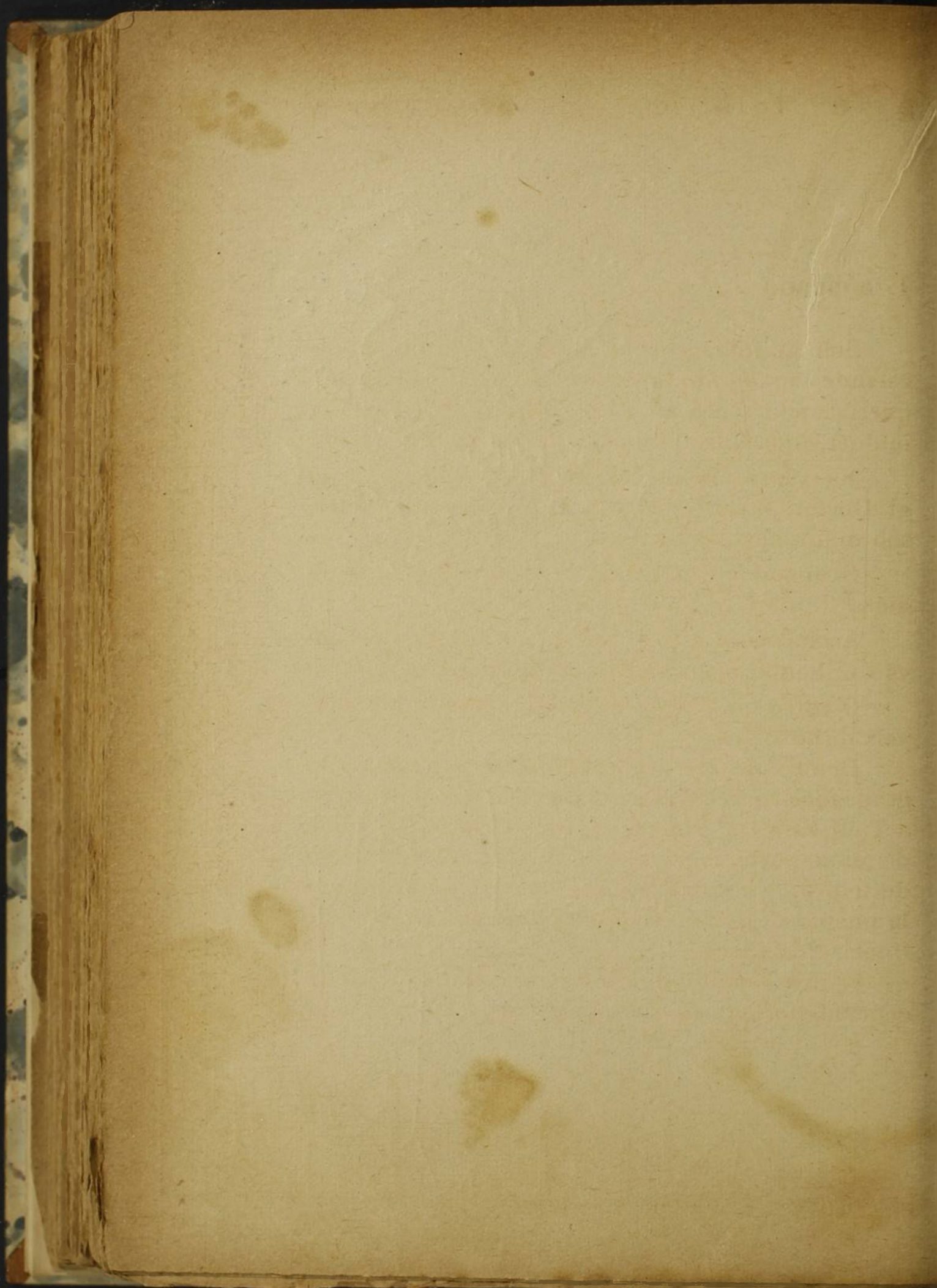
A imobilidade negra dos ciprestes, nas abas do Aventino, enfunebrece o silêncio.

Julho de 1925.

**18. barce-
lona**







1. a cidade

Sob as folhagens da Rambla, a multidão se estende como um tapete. O Mercado de la Boqueria apodrece o ar. Para o *Escribiente n. 3*, úa mulher, toda ânsia, dita uma carta com lágrimas.

Na Plaza de la Universidad, o Monumento al Doctor Robert pede dinamite. Passam olhos, sob mantilhas negras.

O abandono das ruas. A hediondez dos prédios.

A cinquenta e tres metros de altura, Christóvão Colombo abençoa o mar de mastros.

O curso no Paseo de Gracia enfileira automóveis milionários.

Dentro do terreno murado, sobem paredes gradeados, parecidos com girafas, parecidos com a Tour Eiffel. Pastores, ovelhas e santos, em cima de uma porta, aglomeram-se para um concurso de feiura. A construção, em começo, é um assombramento de pedra. Caminha para uma realidade final assustadora.

— El Templo de la Sagrada Familia. Concepción portentosa del genial arquitecto don...

p a t h é ~ b a b y

— Siga! Siga, por favor!

Poeira. Abençoada.

A noite enfeitada Barcelona, como úa mantilha.

2. a tourada

As patas do touro negro golpeiam a terra. Borboletar de capas. O cavalo de olhos vendados recebe a chifrada, sacode as patas dianteiras no alto, cai destripado. O touro cola-se contra outro.

— Que viene! Que viene!

O picador é uma peteca no ar. O ventre lacerado do cavalo sobe e desce com vida.

— Arriba!

Balançando meio metro de intestino grosso, manchado de areia, a azêmola dança sobre as pernas moles. A banda, vestida de vermelho, toca *La bejarana*.

Só, Lagarito avança. Devagar. O touro abaixa a cabeça deante do homem azul que caminha. E pula como um autômato. A capa resvala sôbre os chifres.

— Olé!

Vai e vem deante do focinho espumante.

— Olé!

O toreador é um pião roçando a nuca peluda.

— Olé!

Pára deante do touro, olhar contra olhar.

— Olé!

Ajoelha-se, agitando a capa.

— Olé!

O delírio levanta vinte e cinco mil entusiasmos. As palmas sacodem o anfiteatro ondeante.

O primeiro par de bandarilhas desenha um arabesco de sangue.

No centro da arena, Genesillo, mãos no alto, bate as farpas coloridas. Sôbre o bico dos pés, avança. Freme. E' uma volúpia. Deslisa. E' um sadismo. Aproxima-se. Corre. Espeta. Escapa.

A assistência é um turbilhão em pé.

Com a espada sob a capa, Lagartito volta. Cola-se ao touro. Os chifres, depois o touro, passam por baixo do pano estendido como uma asa.

— Olé!

Duas marradas roçam o braço que não treme.

— Olé!

O vulto azul se expõe e se encolhe. Sem alcança-lo, o vulto negro estonteia.

— Olé!

Ribomba a aclamação.

— Máta-lo! Máta-lo!

O silêncio principia com um toque de clarim. Arqueja a emoção colectiva.

A tres passos da vítima raivosa, toreador e lâmina são um ângulo recto que espreita. Um se-

gundo. Dois. Tr... A espada branca mergulha por metade na nuca arqueada. Reluz, tremendo. Em silêncio, no silêncio, o touro tomba diante do matador erecto.

No berreiro desvairado lenços se agitam como flâmulas que saúdam. Bengalas, pentes, mantilhas e carteiras são o despojo do entusiasmo rolando no chão revolto. Lagartito recebe uma oreilha do touro. Ganha a outra. Ganha o rabo. Dá duas voltas pela arena, chapéu erguido.

— Viva! Viva! Viva!

A banda berra a *Canção do Toreador*.

O touro n. 44, côr de terra sêca, vira o rabo ás capas provocadoras. Contempla os cavalos com ternura. Quer brincar. Salta contente.

— Otro toro! Otro toro! Otro toro!

A indignação zune assobios. A vaia sobe como uma inundação. Transborda em injúrias. Voltados para a presidência de palheta, os meninos que urram, as mulheres de punhos levantados, os homens de olhar assassino são uma onda que se ergue, se avoluma e espuma de cólera para reben-
tar. O desespero sacode lenços.

— Lástima de toro! Hay que cambiarlo! Otro toro! Otro toro!

Dois bois macambúzios entram, badalando. O touro n. 44 sai pateado.

p a t h é ~ b a b y

O cavalo de ventre costurado esborracha-se no chão. O touro tira de outro os arreios e as tripas. O terceiro se estende na arena como uma bola de borracha furada. A terra embebeda-se de sangue quente.

— Mira que toro, hombre! Bravito y noble!
O animal esvazia a arena. Fica só, bufando.

— Que valientes! Que valientes!

A assuada ri.

O capinha de roxo avança. O touro investe. O capinha de roxo dispara. O touro alcança-o. O capinha de roxo é recolhido com a perna esquerda rasgada.

Sobre os toreadores a vaia cai como uma bofetada.

Genesillo adeanta-se. Chega perto. Balança a capa. A arrancada quási o derruba. A pateada também.

As farpas de Lagartito caem murchas. O berreiro das archibancadas é um estouro longo.

Genesillo enfia a espada obliquamente. Inteira. A ponta, fóra da barriga do touro, derrama sangue. O touro continua de pé. Toque de clarim. Outra estocada.

— Mal collocada!

O touro continua de pé. Raiva dos assobios que silvam. Toque de clarim. Procurando a me-

p a t h é ~ b a b y

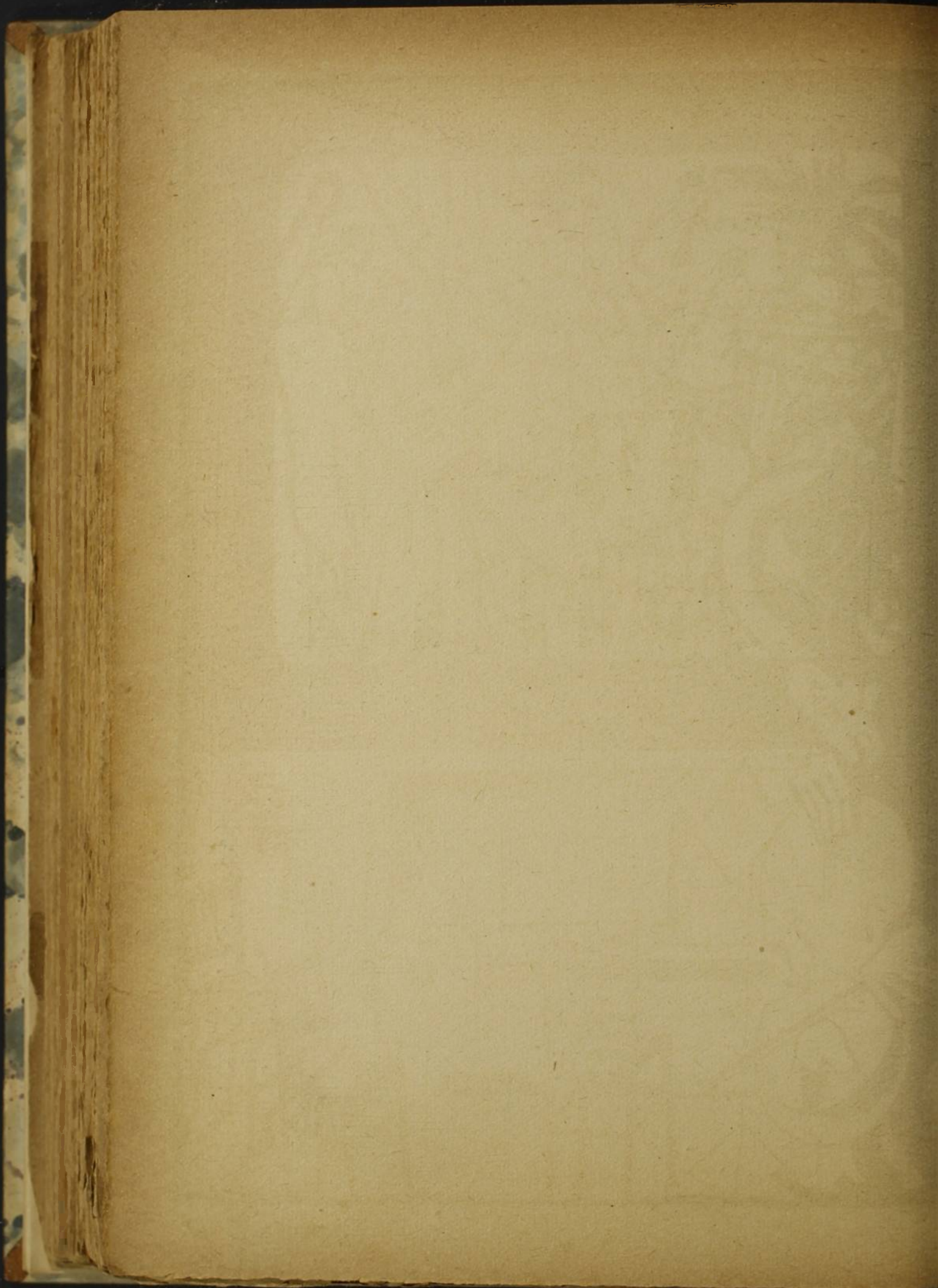
dula, a lâmina pica tres vezes. O touro cai de joelhos como um penitente. Estridula a vaia.

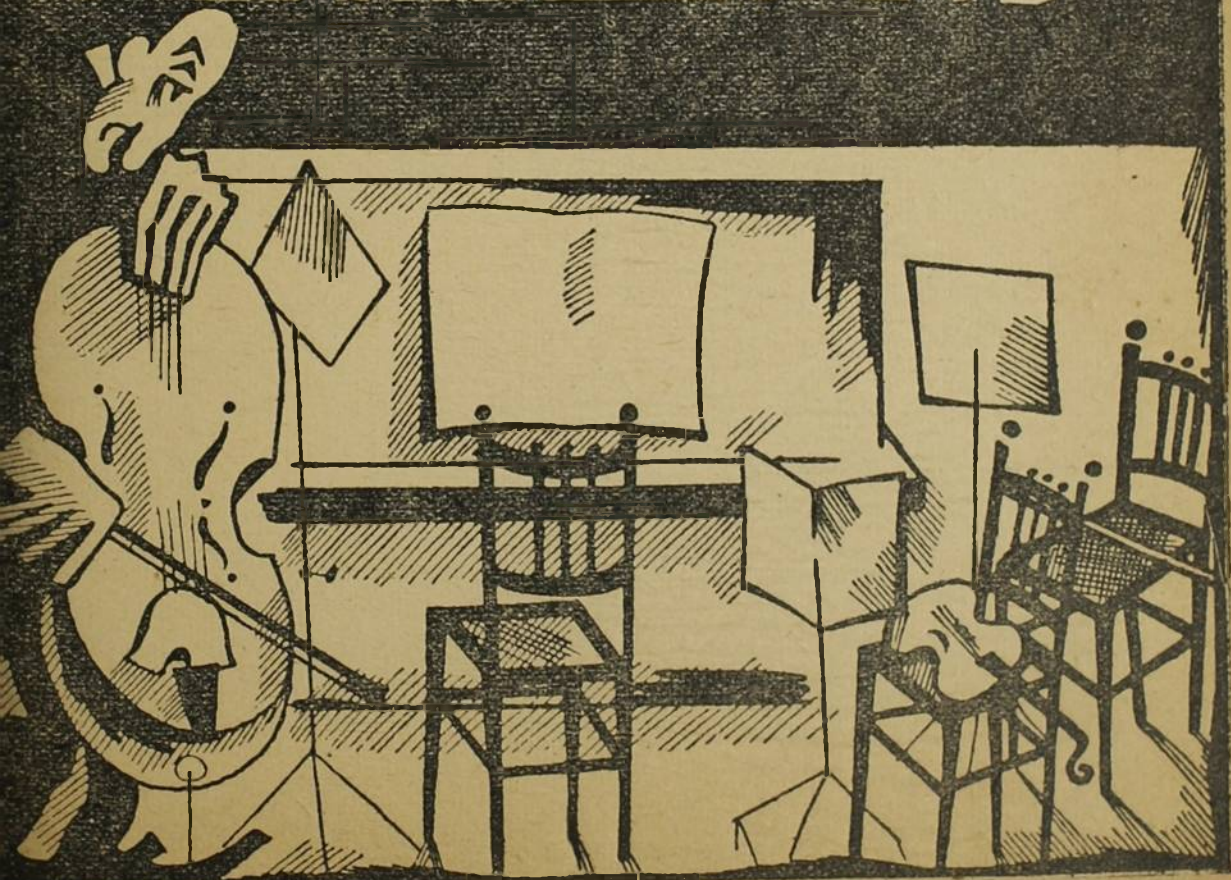
O que custou a morrer dá uma volta junto ao palanque, puxado por dois cavalos que sacodem guizos. Sob aclamações. O corpo malhado deixa na arena um circulo húmido, vermelho.

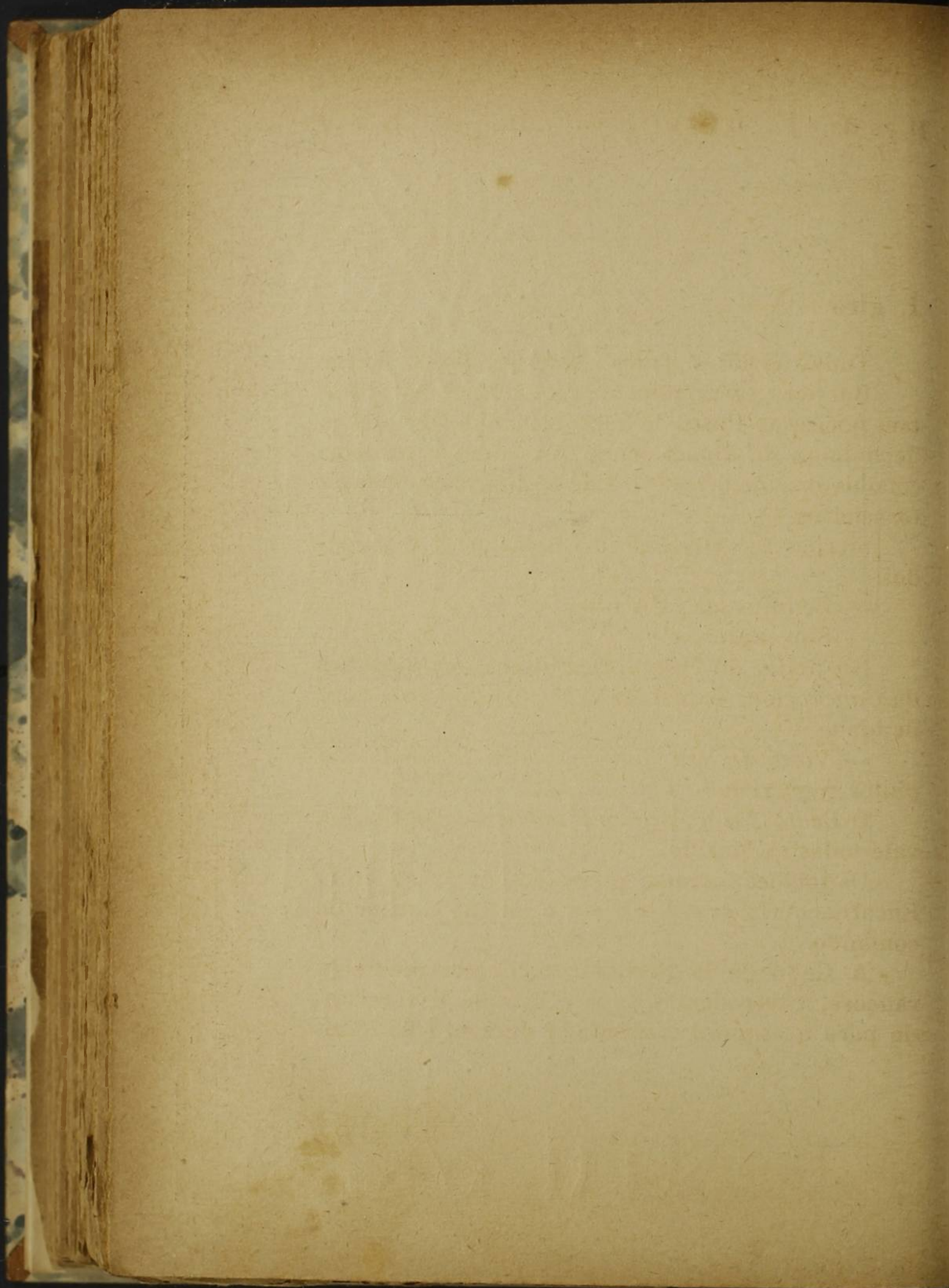
A banda estrondea a *Marcha triunfal da Aida*.

Setembro de 1925.

19.
sevilha







p a t h é ~ b a b y

1. giro

Todas as côres. Todas. Todas as luzes. Todas.

Burricos sacudindo franjas vermelhas levantam poeira na Plaza de San Fernando. Os homens de dolman de alpaca, chapelão andaluz e calças coladas discutem no sol. Carros parados esperam forasteiros.

Sierpes é a rua balcão. Mantilhas. Desocupados.

— Bendita sea la madre...

— Sinvergüenza!

No porão do Museo de Pinturas, os anjinhos da *Concepción*, de Valdés Leal, tem quarenta anos de idade.

— *Vida de San Jerónimo*, de Espinal. Um pintor regularito.

O *Beato Susón*, prodígio místico de Zurbarán, vale todos os Murillo.

Os melões formam pirâmides na Plaza de la Encarnación. Garotos exigem cigarros, com ar de comando.

A Calle de la Feria, tresandando manteiga rançosa, enveredando para a direita, enveredando para a esquerda, enfeitada de azulejos, fervi-

p a t h é - b a b y

lhando, desagúa carroças carregadas no Bairro de Macarena. Morenas.

As casas desenham arcos-iris ao longo das ruas. Creanças pulam de mãos dadas. Dois frades enchem a porta de um botequim verde.

O sol derruba de chapa na praça a torre africana de S. Marcos, sombra comprida.

Da Fábrica de Tabacos, Carmen, ar de flor, sai num saracoteio. D. José, sem farda, cospe primeiro e depois enlaça.

No loja de antiguidades, a velhinha recebe cem pesetas pelo Jesus de século e meio.

— Vaya usted con Diós e la Virjen, señora marquesa!

A tarde que cai peroliza a Giralda que sobe, que domina, que é a cabeça da catedral, que tem vinte e quatro bronzes, que é alta de vinte e oito metros, que é velha de setecentos e quarenta anos, que é linda.

2. cinematografia

Nos jardins verdes do Alcázar, a Paramount Pictures fabrica uma película árabe. Nas janelas do Pabellón de Carlos V sultanas de pele loira e olheiras azúes fumam Ariston.

p a t h é ~ b a b y

Entre as colunas de mármore branco, o director toma chá e morde o cachimbo. Albornozes. Sandálias. Punhais. Véus.

Para duas objectivas, a favorita trai o sultão de barbaças com o joven cheik. Mas o espião entra.

O director berra:

— No!

O espião entra de novo.

— No!

O espião entra pela terceira vez.

— No!

O eunuco do serralho é pai da heroína, que nasceu em Chicago.

O sultão, a um lado, foxtrotea e canta:

I want to be...

O espião entra pela quarta vez.

— Yes!

A luta é tremenda.

...but I want to be happy...

Os mantos brancos esvoaçam, abrem-se, fecham-se, pulam, tombam, engalfinham-se.

— All right!

O sultão, atrás da cortina, ouve êste dialogo:

— I love you!

— My dear!

p a t h é - b a b y

Mas entende, e o joven cheik é preso.

— Tomorrow, the second part!

A favorita instala-se no colo do director.

O leão de pedra, cuspindo, enche o grande tanque.

3. vésperas

De preto e barba feita, êles cercam a Portada del Baptisterio. Pente alto e mantilha negra, elas entram. Pobres avançam pires vasis.

O mistério se disfarça na sombra das naves.

Deante de Nuestra Senora de los Reyes, os vultos ajoelhados de braços abertos são crucificados pregados no lenho de sua própria fé. Murmúrio de reza. Olhos de súplica. Atitudes de idolatria. Tres padres. Tres monjas. Seis negrumes. A prata dos castiçais recebe luz das velas que ardem. A bôca do sacristão cheira alcool. O túmulo de Colombo é feito de feiura. Beijos fanáticos nos pés de um Cristo muito magro e muito pálido. Flores de papel.

Um órgão ronca. O côro das Vesperas ribomba. E a catedral ecôa.

Sons. Incenso. Sons.

p a t h é ~ b a b y

4. olé!

A Alameda de Hercules mistura sujeira e gente.

— Ésta és la casa donde vivió Josselito, el Gajito. El mayor torador de Espana y del mundo. Tenia veinte años cuando murió de un trompazo. Que lástima!

Junto á Calle del Niño Perdido.

— Aqui nació Josselito...

Calle de Santa Ana.

— Si, Belmonte és enorme. Juega con la muerte... sonriendo!

O gesto rasgado levanta o chicote. O cavalo sofre as consequências do entusiasmo.

— Manolo és un muchacho que empieza bien. Pero tiene miedo. Flaquea cuando llega la hora de meter el brazo, que és la hora de la verdad...

No Campo de la Feria barracões de madeira vendem orchatas com pó.

Os edificios da Exposición Hispano- Americana de 1927 levantam-se no parque resequido.

— Aqui está expuesto el cuerpo del imenso Josselito. Se puede ver, com tres pesetas...

Guinemeyer. D. Sebastião. Um heroi.

p a t h é - b a b y

5. alma andaluza

Para lá do Guadalquivir. Triana agita a noite quente.

As casas abrem janelas vazias e a gente nas ruas bebe alegria.

A Plaza Altozano está tomada por mesas e cadeiras. O ruído, que cresce, decresce, pára, é uma música de Albeniz.

O sujeito de azul, sentado na mesa de pernas cruzadas (testa de gênio, alpargatas de ladrão), arranha a guitarra. A mulher de quadris dançarinos põe as mãos na cintura, levanta a cabeça, bate os pés. A canção eterniza-se, subindo e descendo, no gorgueio das últimas vogais.

*No te pido que me be...se...e...es...
Ni que me beses la bo...ca...a!*

Na porta da taverna, um magro ergue o copo de vinho:

— Por tu hermosura, trigueña!

O grupo une cotovelos em volta. Todo o desejo ambiente sorve os lábios que se apertam.

*Que una vez que me besas...te...e...e...
Por poco me vuelves lo...ca...a!*

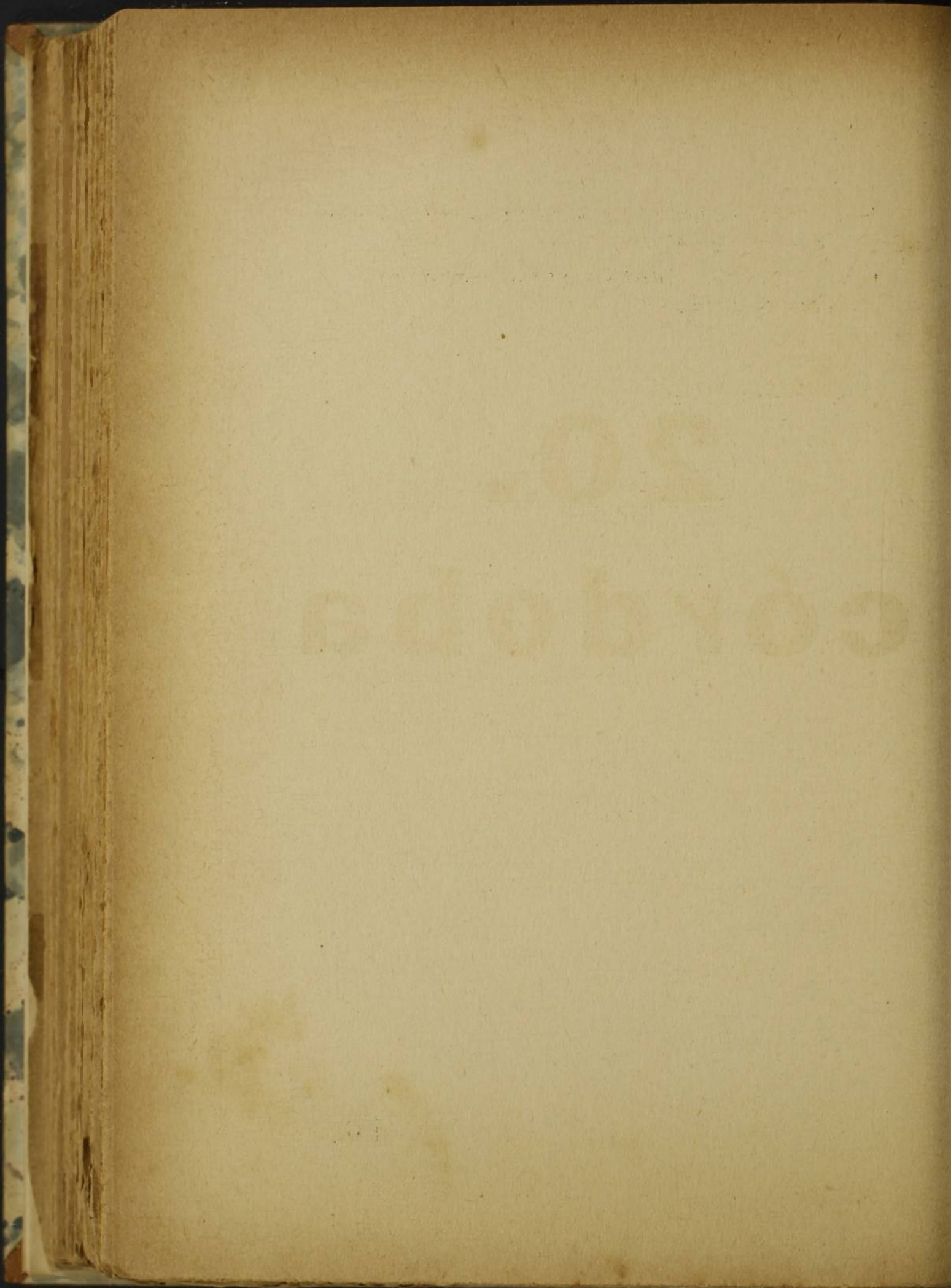
p a t h é ~ b a b y

Mas o carro que passa, passo a passo, passeia
uns olhos, dois olhos!

E o grupo, de chapéu erguido, explode:

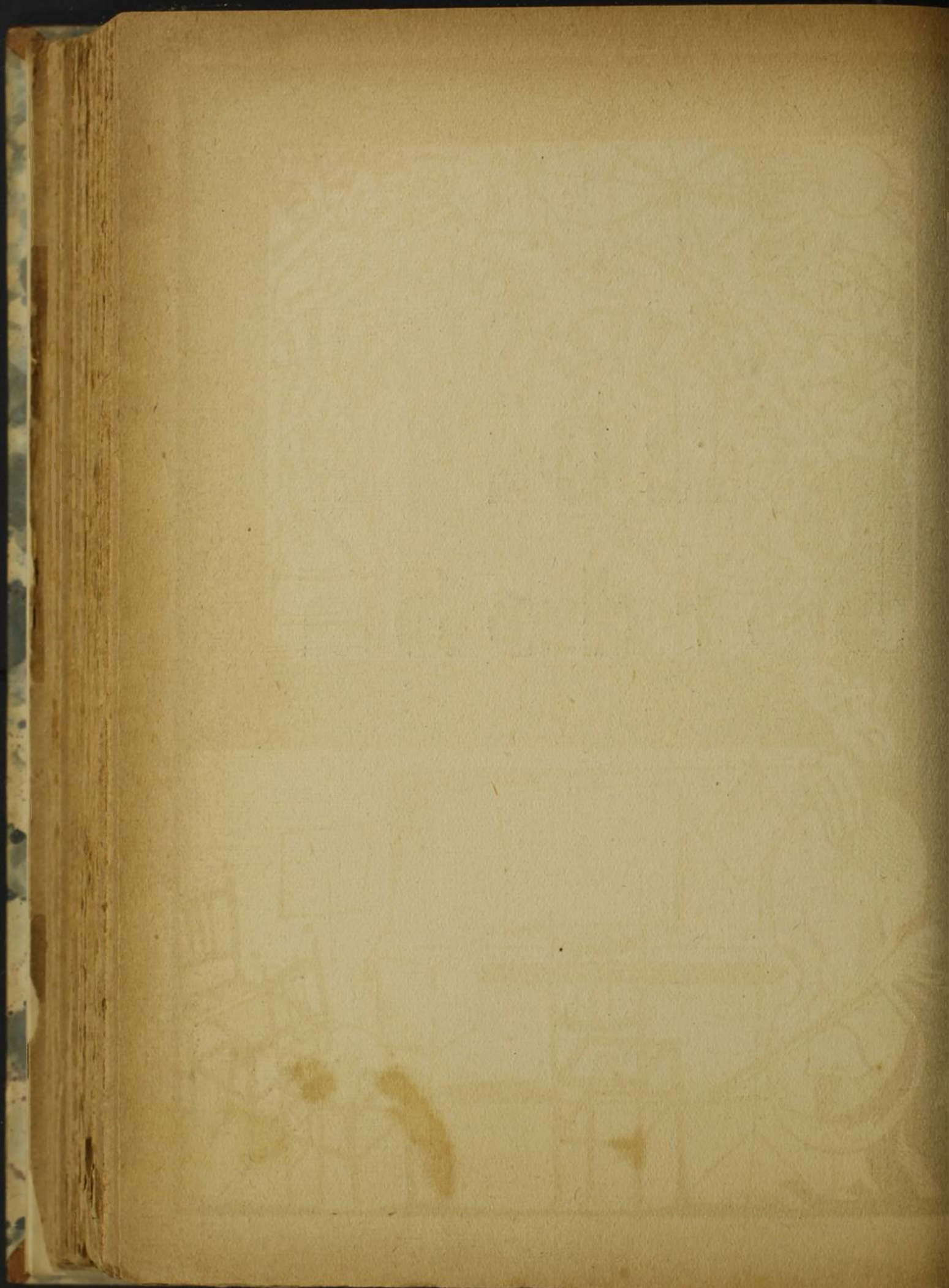
— Viva la guapa!

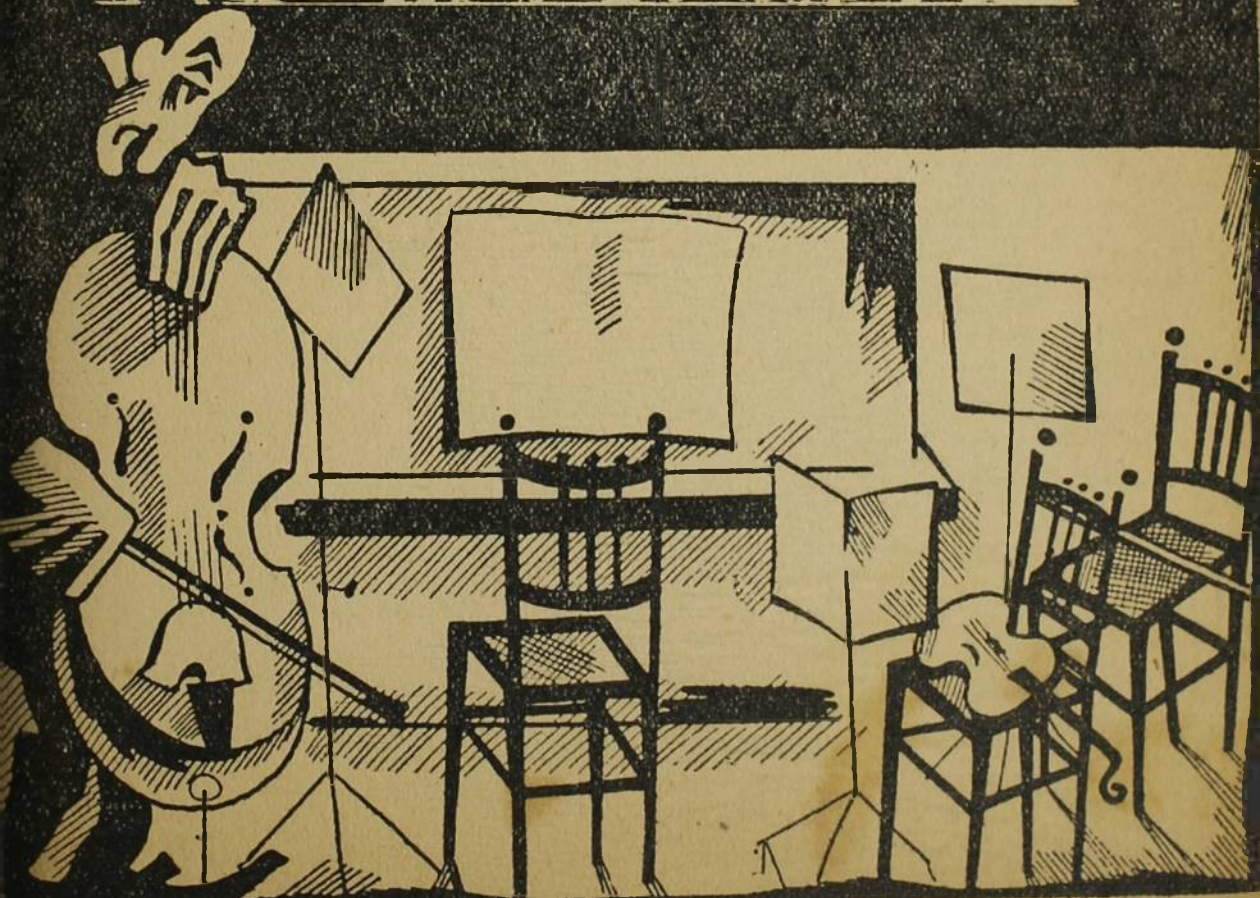
Setembro de 1925.

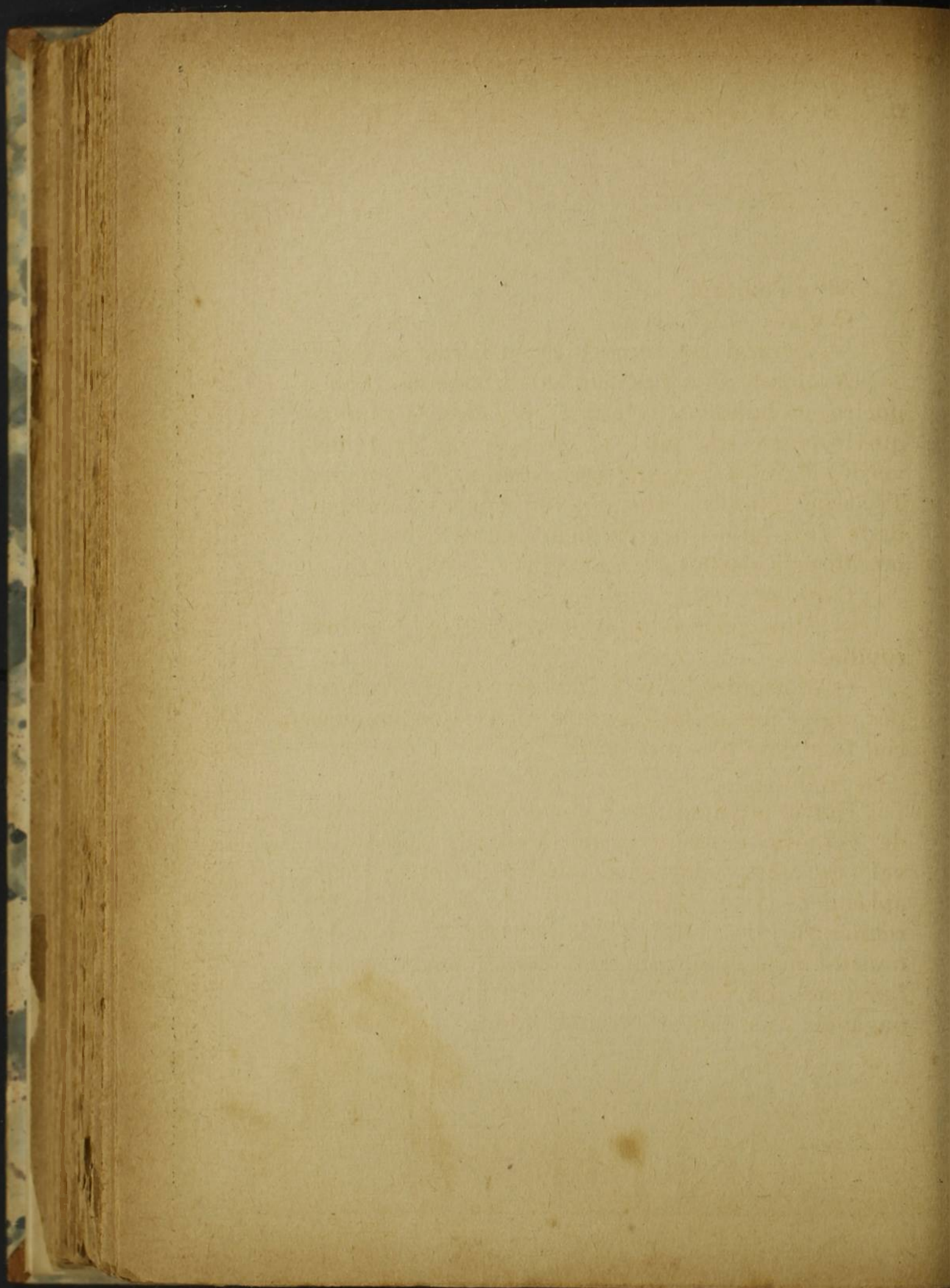


20.

córdoba







36° á sombra.

O guia:

— Aquí se está muy bien en invierno, señor!

A cidade é a falência do urbanismo. Sob a poeira, os burricos trotam, carregados. O Gualdaquivir se arrasta, entre a desolação da terra auri-verde. Moinhos preguiçosos esperam D. Quixote. Tristeza. Campo acabrunhador. Pobreza. Esterilidade. Dois olhos negros, bem negros. Novelos de pó. Miséria da natureza sovada.

O guia:

— Mire, por favor, el paisaje, señor! Que maravilla!

O molequinho, na frente do Dodge, junta os pés, agita nas mãos erguidas uma capa imaginária, foge com o corpo, grita:

— Olé!

Entre as oitocentas e cincoenta e seis colunas de vergões sanguíneos, na Mezquita indescritível, os olhos enxergam Arte, descobrem Arte, aprendem Arte. Pelas paredes do Mirab descem rendas de alabastro. Apunhalando o esplendor musulmano, num contraste que é um crime, o fanatismo da Idade Média pariu um aleijão impagável. Nas capelas cristianizadas, a única di-

p a t h é ~ b a b y

vindade que se vê e se adora é o Sublime, que o árabe realizou.

Cântaros nos quadris, cântaros nos ombros, mulheres morenas, como os cântaros, rodeam as fontes do Patio de los Naranjos. Gargalhadas.

A tarde despede-se da torre triste.

Na muralha alta, lâmpadas douram a Virjen de los Faroles.

*No pases pecador
sin hablar a Maria...*

Ganha o inferno quem recusar o diálogo.

Para os hóspedes empanturrados do Hotel Regina, na sala de azulejos verdes, a radioletofonia transmite do Savoy de Londres um fox-trot da *No, no Nanette*. Dois americanos dançam. Um francês descompõe a cadencia lenta. Ninguém dá conta do milagre estupendo.

O Paseo del Gran Capitan é um rumoroso café ao ar livre. Gonzalo de Córdoba, sobre os ombros de bronze, sob o capacete de bronze, franze o rosto de mármore.

— Que ojos!

Na cidade velha, as ruas estreitas de muros negros (não convem acorda-las) dormem, no silêncio lírico, um sono que já dura séculos. Atra-

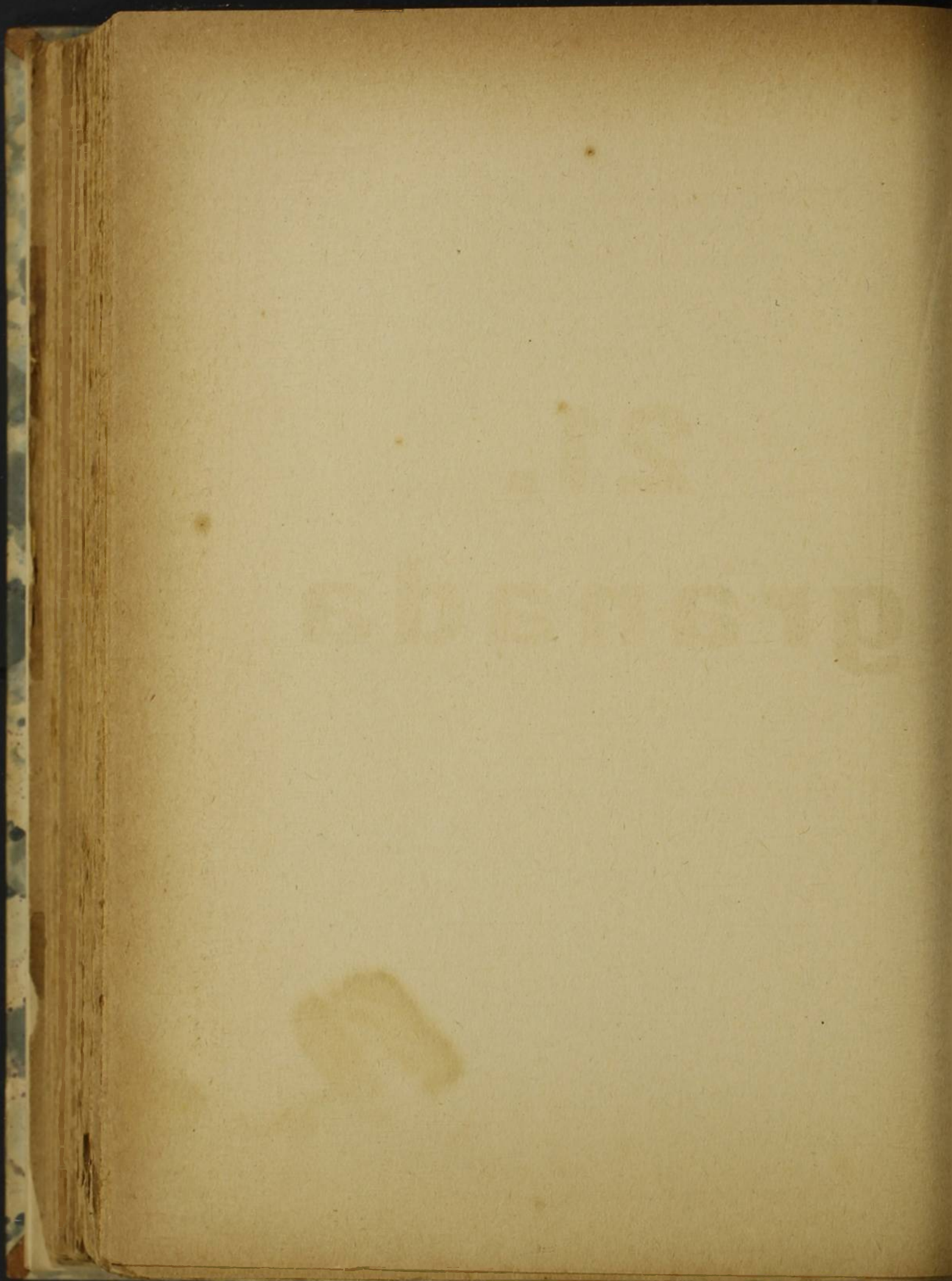
p a t h é ~ b a b y

vés do janelão gradeado, a mão magra da moça
passa o cravo que o tipo de capa preta pega e
prega na capa. As estrelas. A lua. O passado.
Sombras.

O guia:

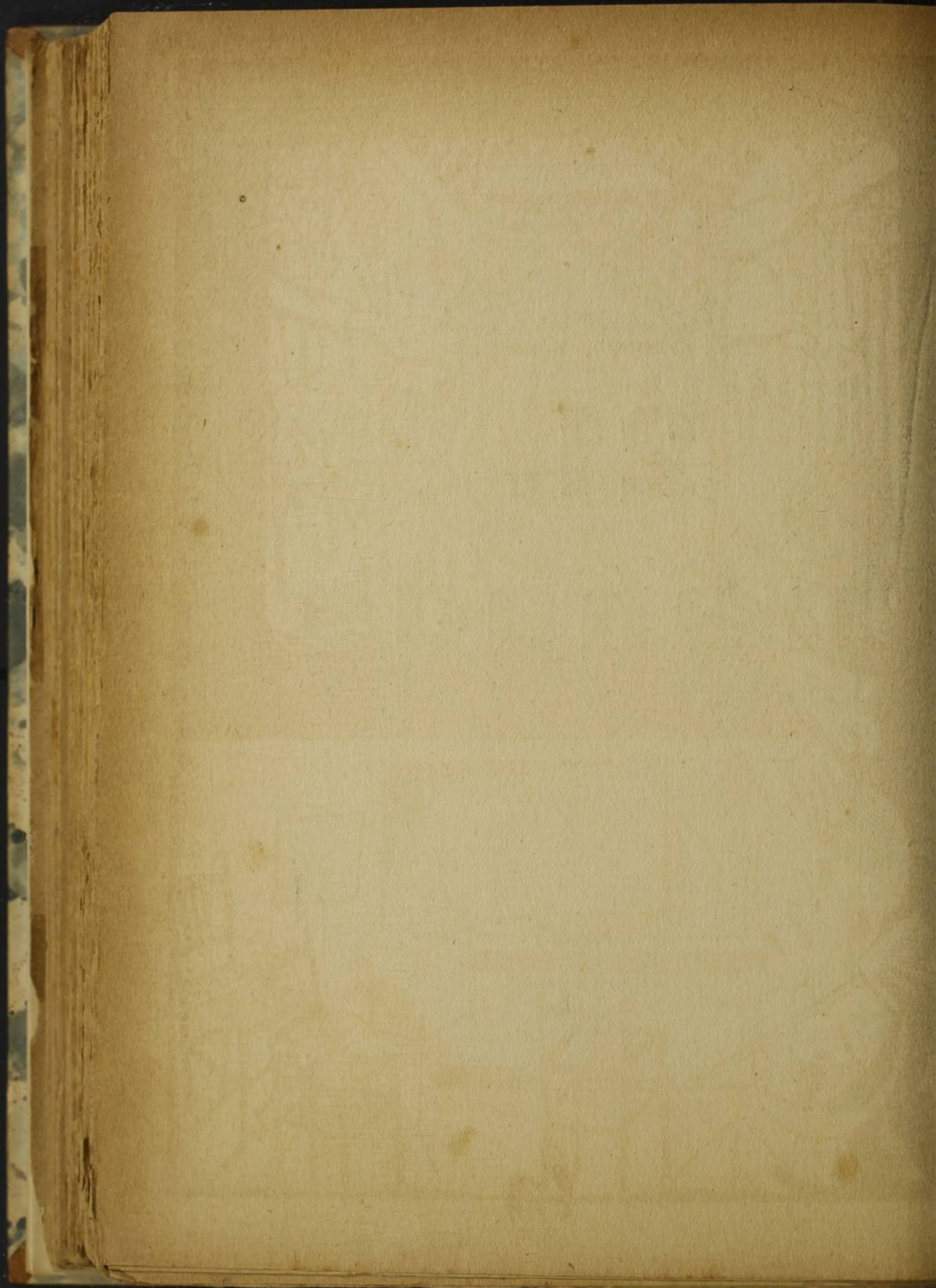
— Córdoba es la evocación.

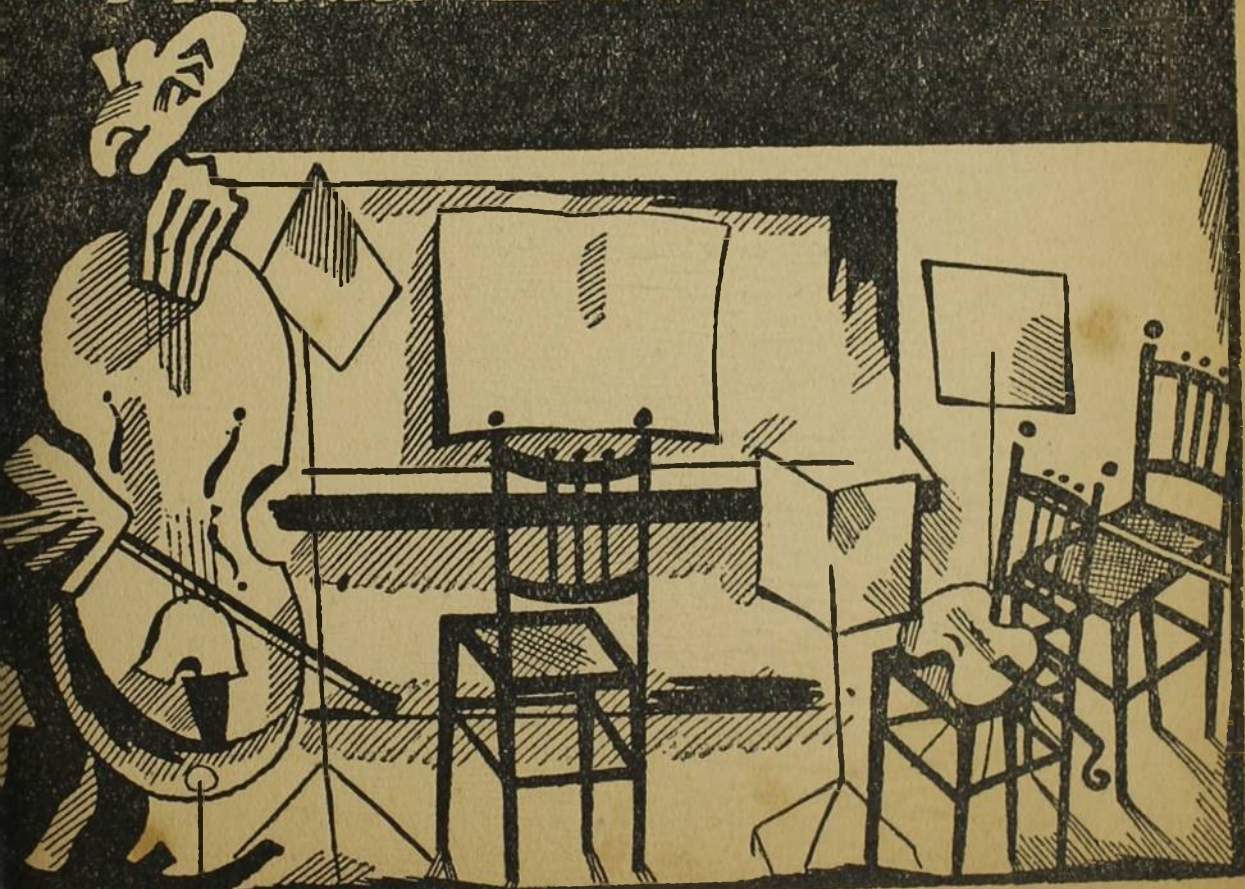
Setembro de 1925.

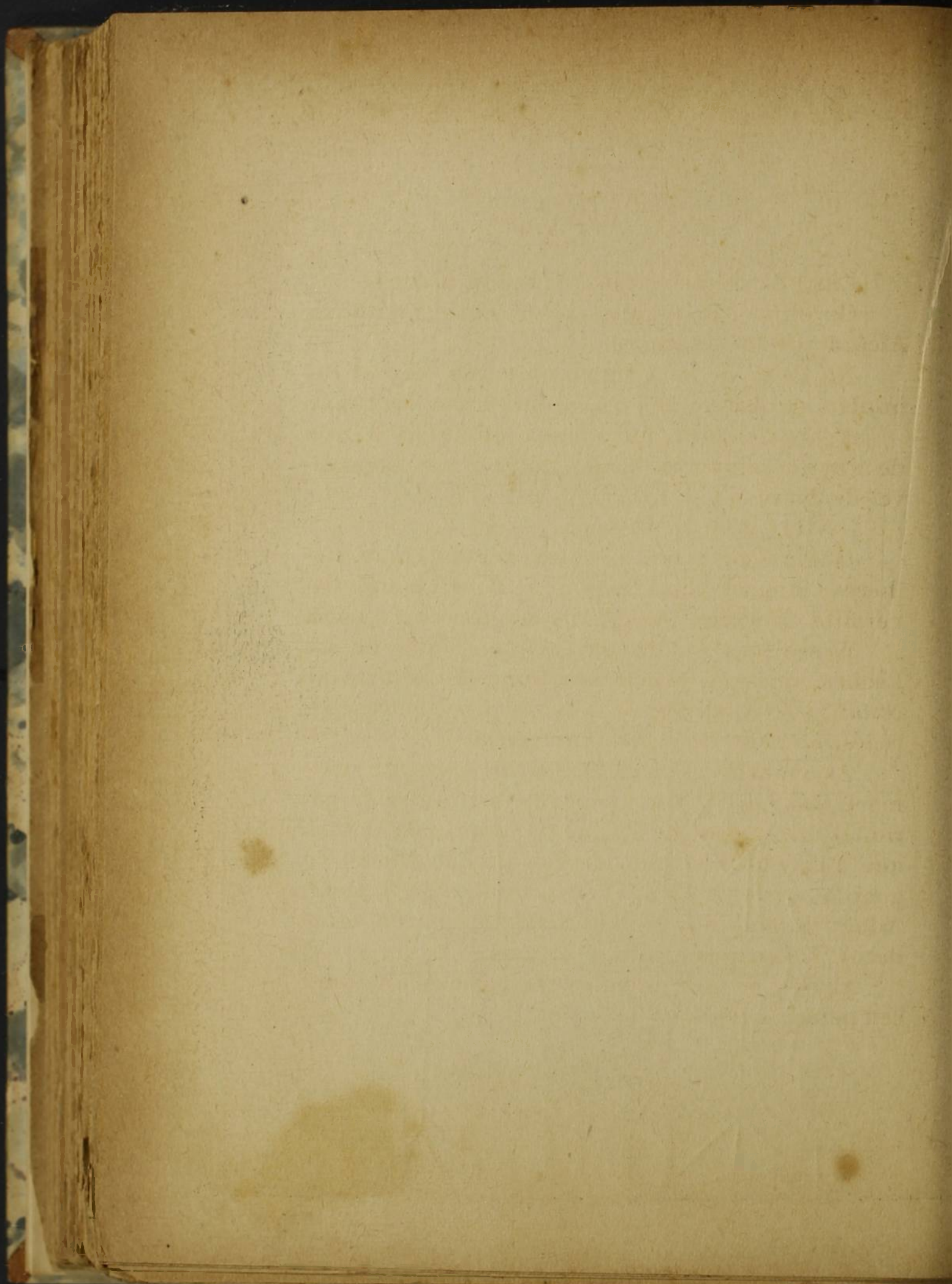


21.

granada







p a t h é ~ b a b y

Campos de beterraba. Granada branca.

Os olmos do parque sobem entre muralhas.
Alcázar de la Alhambra.

No Patio de la Alberca, o guarda oferece raminhos de murta. Depois, a dextra em concha.

A arquitectura musulmana sublimiza a Sala de los Embajadores. Cada janela é um impossível de Arte.

— Hay que ver la vista!

O Albaicin, sobre as casas caiadas como mulheres, tângem sinos católicos. Sombras no Generalife. Buracos de gitanos no monte raspado.

Argentinos pulam de goso no Patio de los Leones, crianças pobres em torno de árvores de Natal rico. Apalpam as colunas. Cheiram as paredes. Estalam os dedos. Exclamações.

As manchas avermelhadas da bacia de mármore, na Sala de los Abencerrajes (o guarda garante), são pingos de sangue da família de Hamet, que toda ela ficou sem cabeça porque Hamet (o guarda sorri) pandegou com a mulher de Boabdil. Adultério de cinco séculos atrás (o guarda agradece). Mas a porta, sim, é notável.

Carlos V merece bolos da posteridade, pelo seu palácio-atentado.

p a t h é - b a b y

Dois sujeitos cospem no Jardim de Machuca.
Gitanas carregando gitaninhos. Fedendo.
Amontoando vermina. Vestindo trapos. Contando
miséria. Pedindo dinheiro.

— Una limosnita, buen mozo!

Os gitaninhos são fome, ossos, gafeira.

— Quiere que le diga la buena sorte, mi
guapa?

O marido da turca atira duas pesetas.

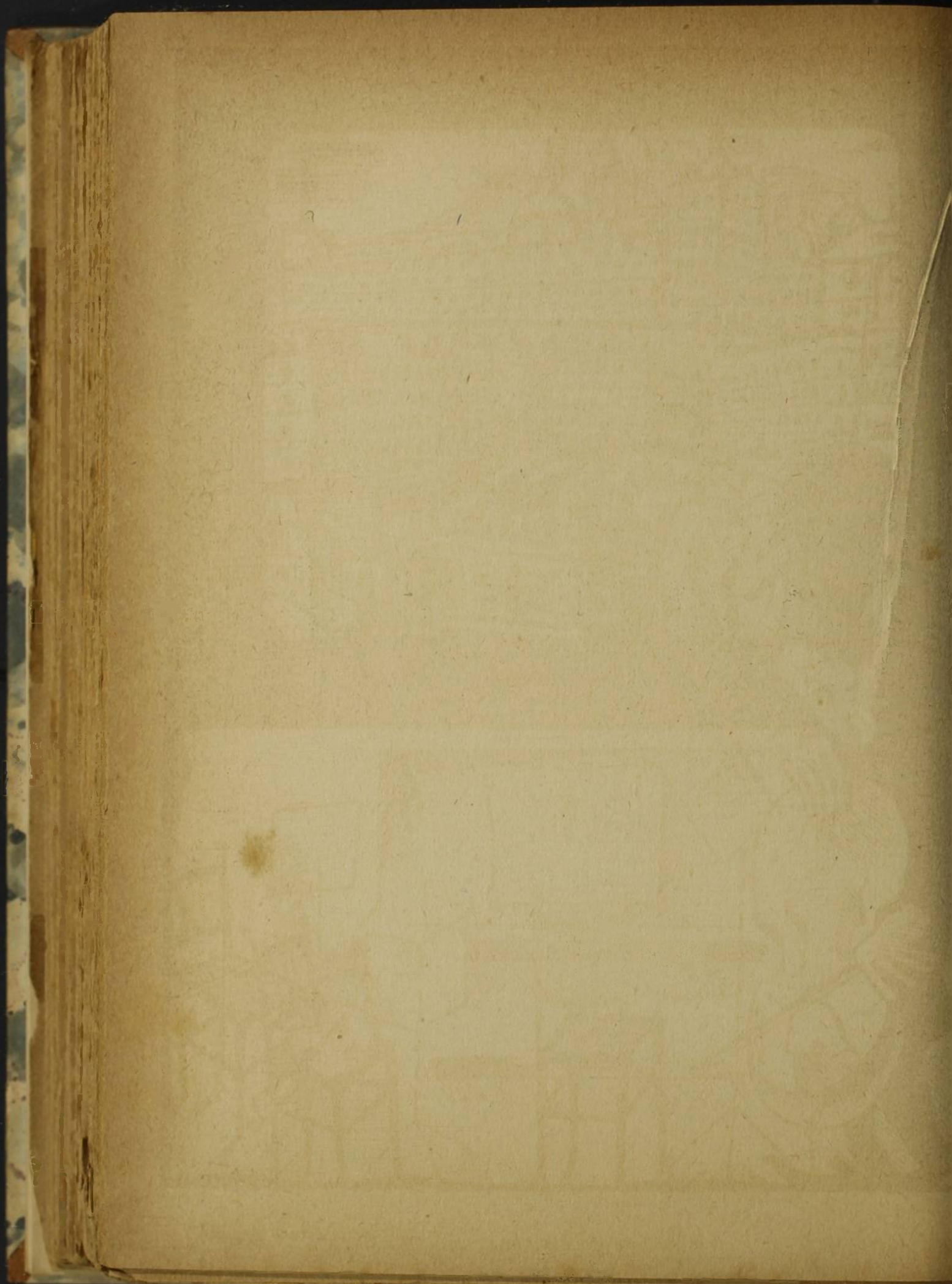
— Gracias, marqués! Que Dios nunca le dé
dolor de cabeza en compañía de su señora!

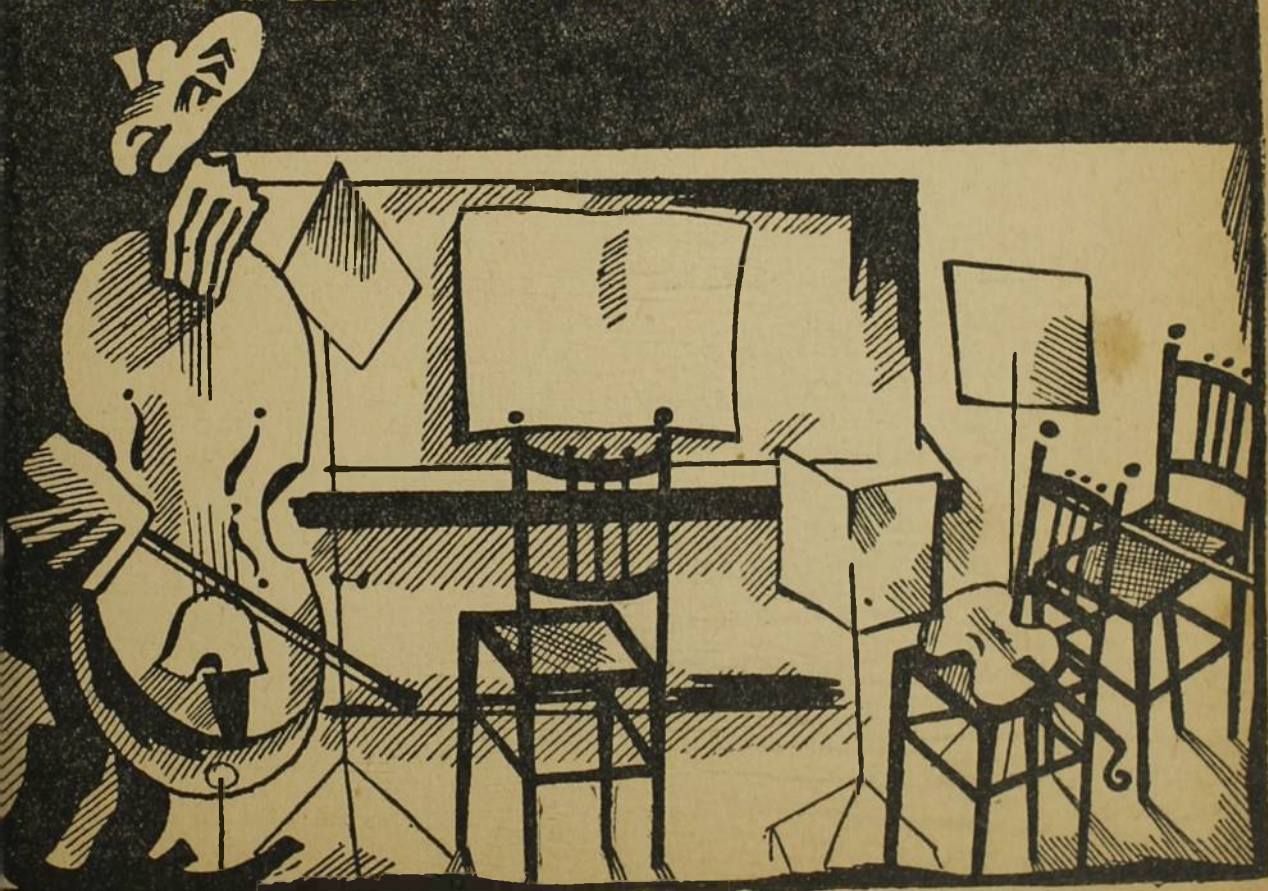
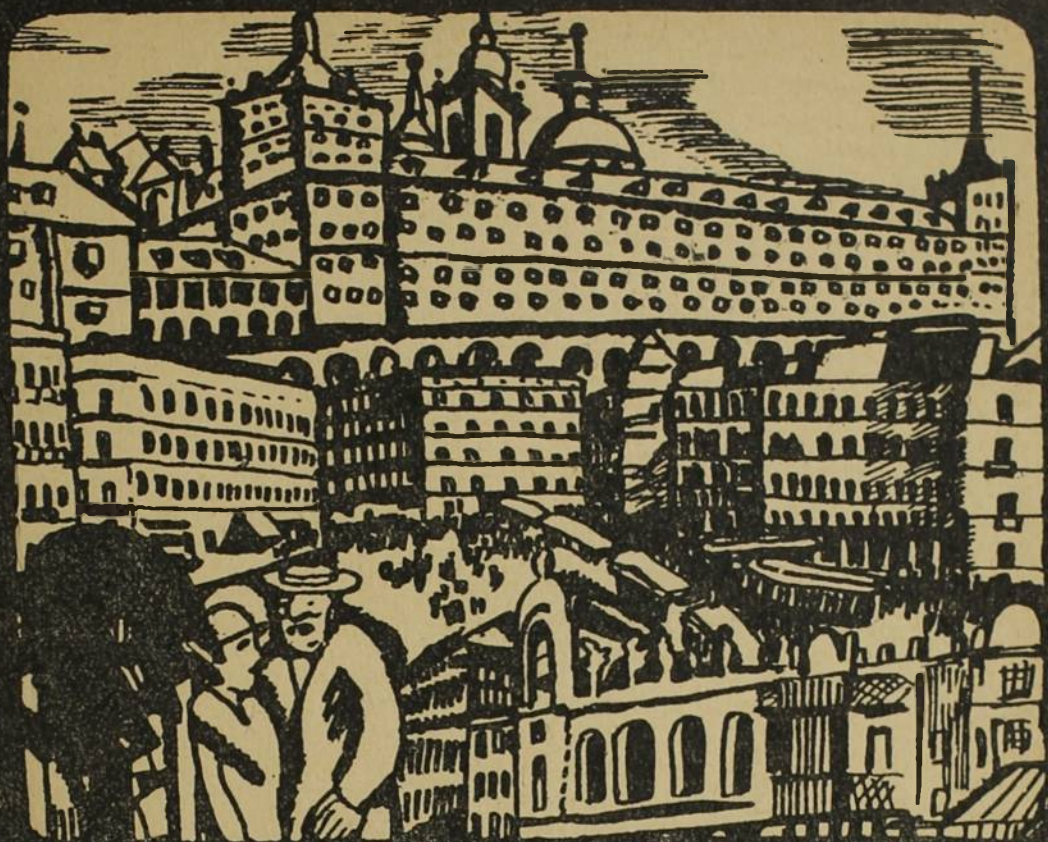
Nem um aeroplano no céu desaproveitado.

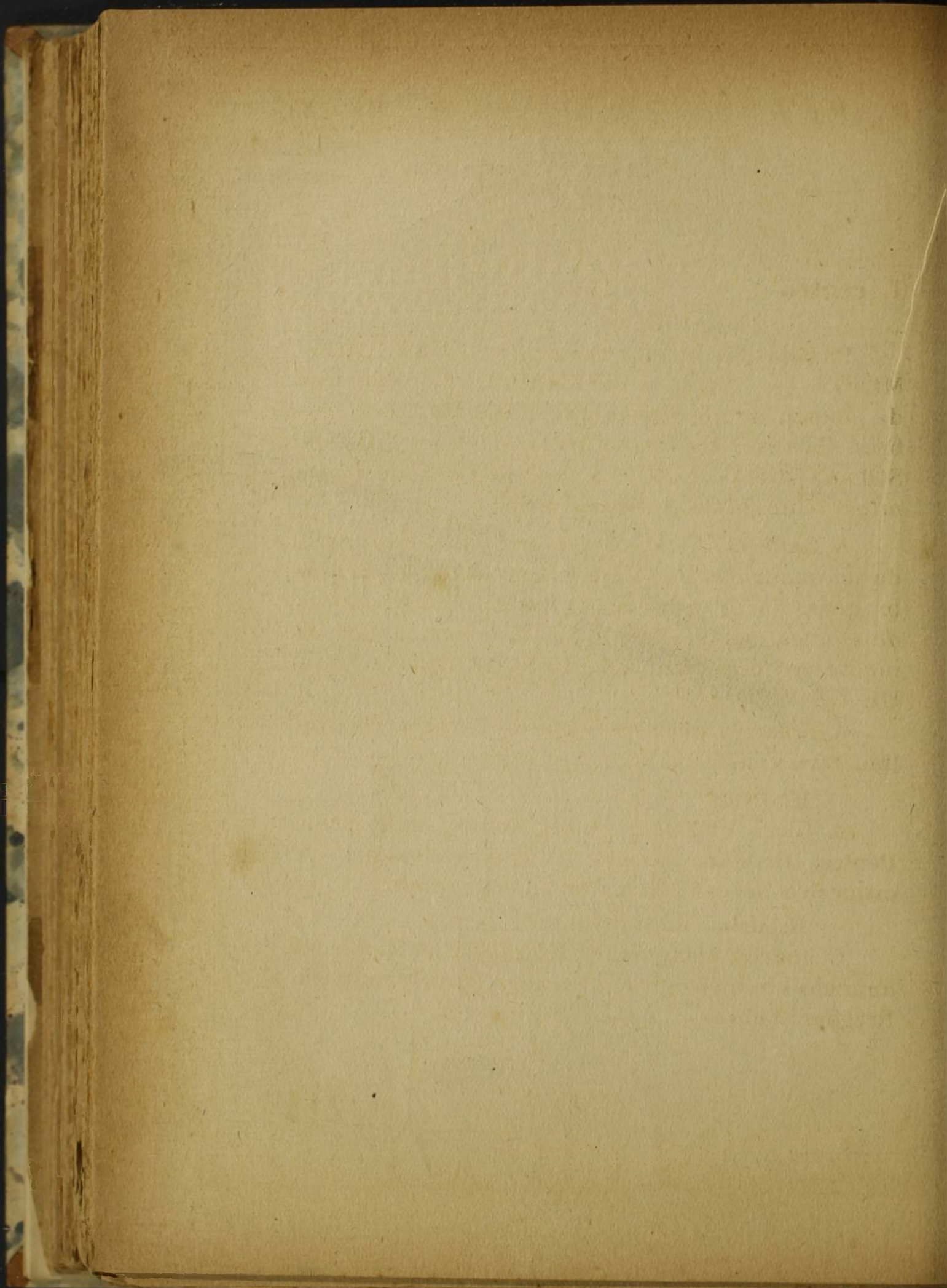
Setembro de 1925.

22.

m a d r i d







1. centro

Parada dos bondes vermelhos. CUATRO CAMINOS — SOL — PROGRESO. Carabineiros de chapéu de oleado. COMPLETO. Mantilhas pobres. Carros. Borrifos de gente. Cartazes. POZAS-SOL-ATOCHA-DELICIAS (*por la Calle de Leganitos*). Um chinês. Puerta del Sol.

A Calle de Alcalá desce, monumental. Corrida de quadrigas inexplicáveis no alto dos prédios brancos. Na calçada da esquerda, *el pinar de las de Gómez*, o atrevimento dos machos enoçoa as mulheres. Vendedores de fósforos. DROGUERIA DE LA VERDAD.

A rapariga pára na porta da livraria. E o velho, cara contra cara:

— Enorme!

A Gran Via, com outros nomes, sobe cheia. Pentes. Brincos. Leques. Oficiais relaxados. A orquestra do café toca *Con mucho salero*.

— Escucha, mi guapa...

O guarda atrapalha o trânsito. Blasfêmias. O anúncio luminoso gira, gira, pára, gira, gira, pára. Pregões. Pobres.

p a t h é ~ b a b y

Calle de Preciados. O menino puxa o rabo do cachorro. Cascas de laranja. ANTIGUA CASA DEL CRISTO. Em cima: COMESTIBLES. Em baixo: ON PARLE FRANÇAIS.

Puerta del Sol.

2. el escorial

Solo chamuscado. As colinas parecem camelos deitados. Aridez amarela. Muros de pedra. Covis. Os carneiros são caroços da terra seca.

Rochedo avançado da Guadarrama, a mole descomunal do Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial. Grelha de granito. Delírio de grandeza.

— La octava maravilla del mundo.

O maior esforço do mau gosto universal. Imensidade de pedra. Petrificadora.

A porta só se abre para os enterros reais. O côro desafina perdidamente.

— El Pudridero.

Fechados dentro dos muros de prisão, é aqui que os reis apodrecem.

Os quarenta e oito altares perdem-se no gigantismo da cruz grega. Bronzes dourados. O pavimento do Coro Alto treme sob os pés do agostinho calçado.

p a t h é - b a b y

— Se fije Ustd. en la grandiosidad de todo esto!

Horrível. Mas enorme.

E o crucifixo de Benvenuto Cellini.

3. don juan

O pano vermelho grita na plataforma. Soldados ranzinzas fazem cordão. Figurões de fraque. Oficiais medalhados. A gente, pouca, espia.

— S. M. el Rey que vá a S. Sebastián.

Ele aparece de roupa cintada e andar janota. Dá dois pulos e trepa no carro.

Um velho sem entusiasmo diz:

— Viva el Rey!

O Rei ri. No silêncio. Os figurões formam um bolo preto. Chapéus no alto. O Sud-Expreso guincha e sai.

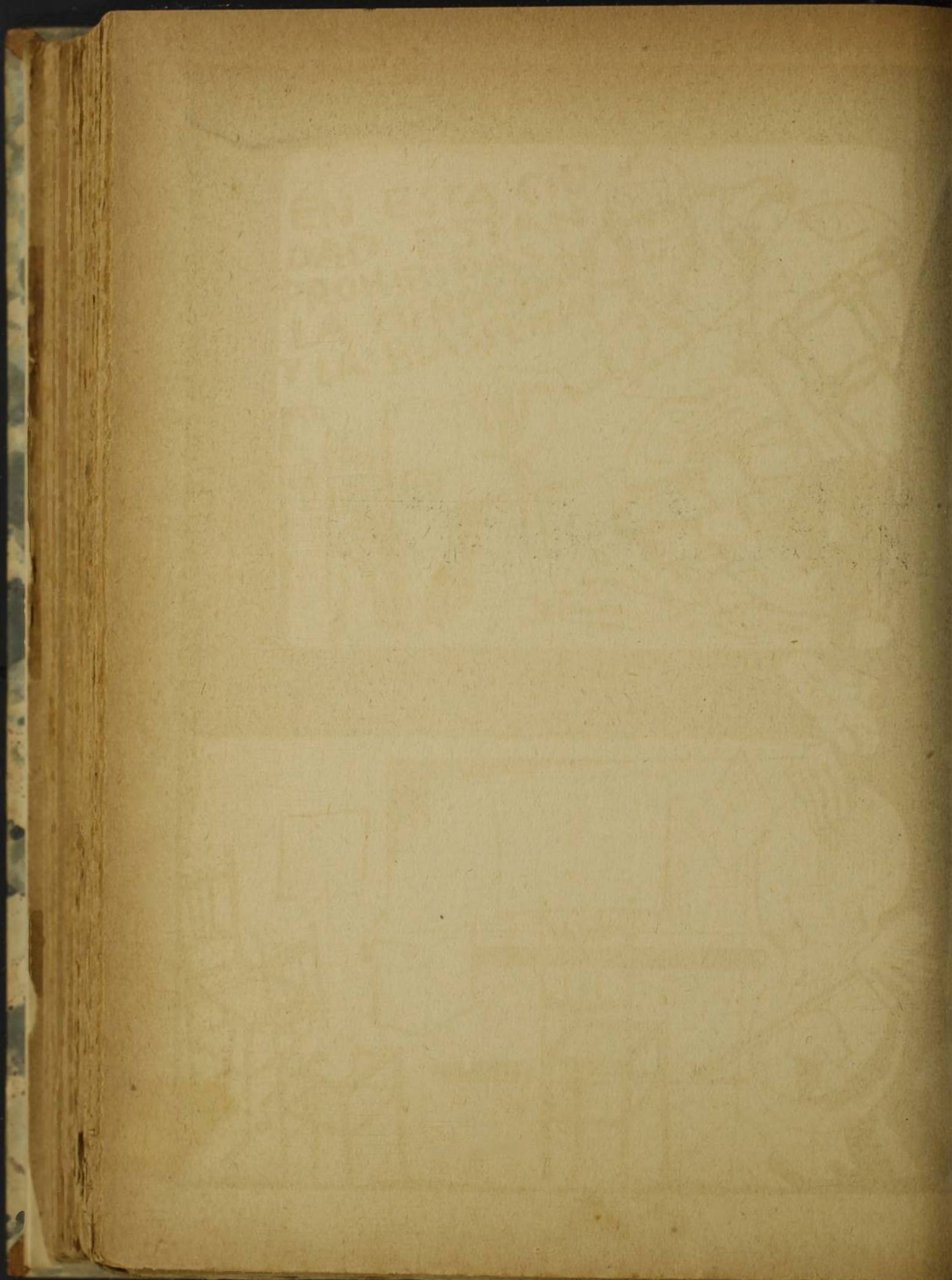
No carro-restaurant, a divisão envidraçada tem as cortinas corridas. Mas o Rei levanta a cortina da direita. Encosta o queixo filipino no vidro. Gira o olhar pelas mesas. Pára na das inglêsas louras. Pára. Depois, vai descendo a cortina bem de vagar, olhando, bem de vagar, grelando.

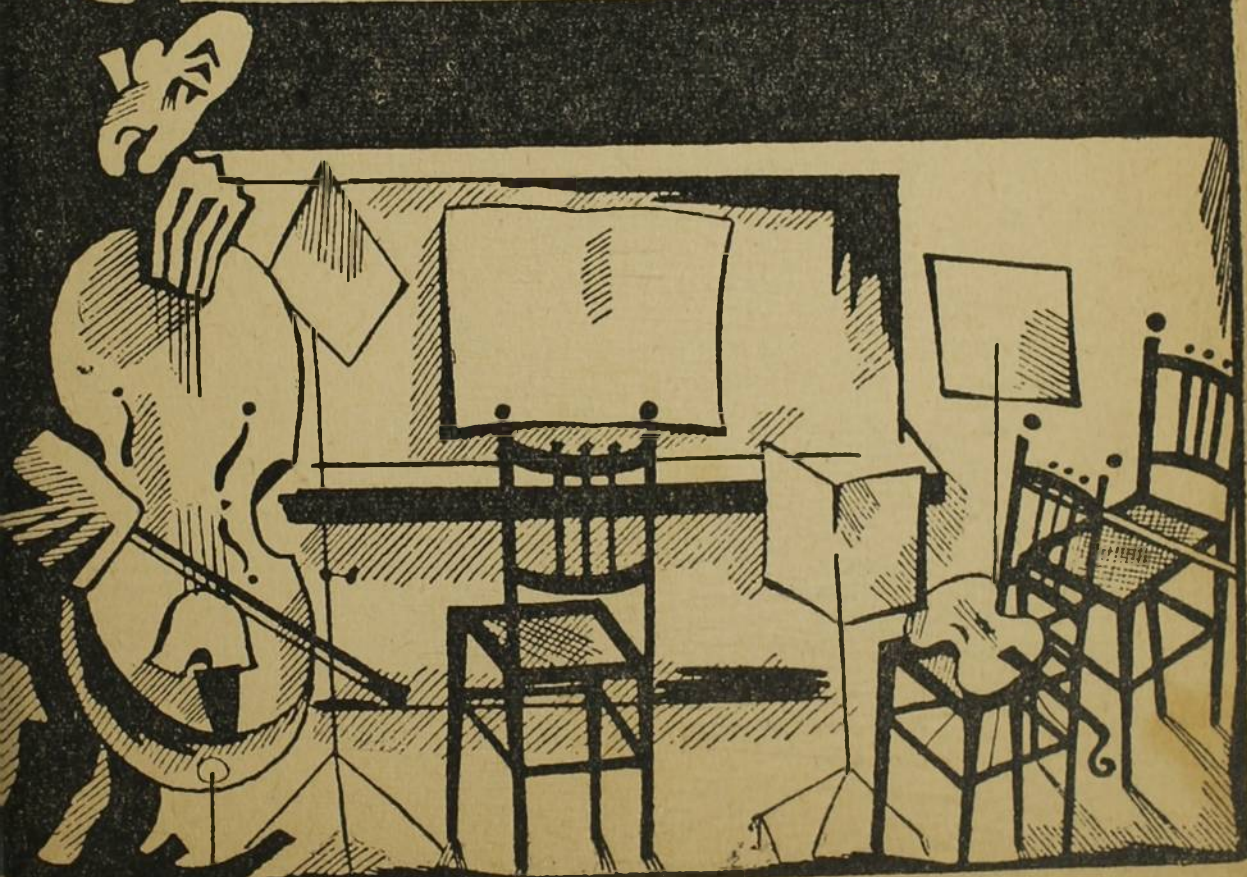
Sensação.

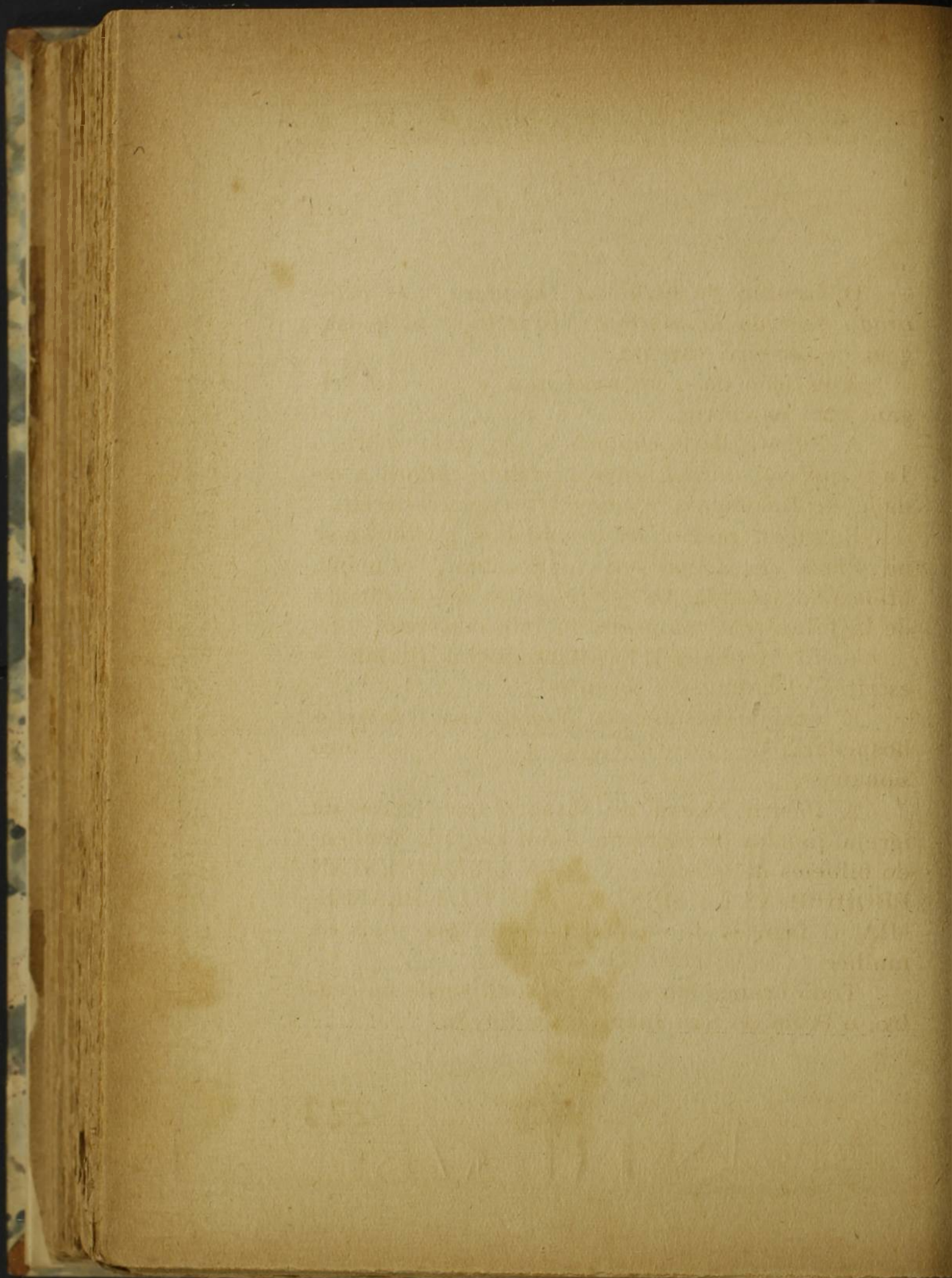
Setembro de 1925.

obesol .32

23. toledo







p a t h é ~ b a b y

O Castillo de Galliana (*la mora más celebrada de toda la moreria*) esfarela-se na paisagem de terreiro varrido.

A estação dá a nota oriental, e os Ford brigam com os carros. Sol.

A Puente de Alcántara é um pulo sobre o Tajo que vai para Lisboa. Nas sete colinas a cidade de fisionomia medieval se escarrapacha.

Burricos, melancias e soldados misturam-se na Plaza de Zocodover, alaranjada, vermelha, branca, desbotada. Os adolescentes da Academia de la Infanteria compram doces e cigarros.

— El Mesón del Sevillano, donde habitó y escribió el inmortal Cervantes.

E' uma velha que poz *Negrita* nos cabelos a hospedaria de cinco mil anos e telhado de cinco semanas.

A Puerta Nueva de Visagra tem torres de igreja, janelas de moradia, e um aleijado vendendo bilhetes de loteriá. EN ESTA CIUDAD ESTÁN PROHIBIDAS LA MENDICIDAD Y LA BLASFEMIA. O francês de chapéu panamá usa aneis de mulher.

Todo branco em de redor, todo verde no centro, o Patio de San Juan de los Reyes.

A cosinha da casa do Greco é aperitivo. Zumbidos. Gerânios. A mulher do guarda. Os filhos da mulher do guarda. Sete. E os doze apóstolos nas télas esfumaçadas, enfileiradas.

Ruas de emboscada. Becos de conspiração. Ladeiras de nigromância. Bafo de muitos séculos. Gente de preto. Só de preto. Janelas gradeadas. Portas de castelo.

— Buenos dias, señor marqués.

Parece um capado.

Na Parroquia de Santo Tomé (ver para crer), *El entierro del conde de Orgaz* é um presente do Greco á pintura do futuro.

A miséria estende as mãos encardidas deante da Catedral. O sacristão é analfabeto. E o manto da Virgen del Sagrario tem oitenta mil pérolas verdadeiras.

O microcéfalo de batina, com as unhas enlutas, vai tocando nas ânforas de ouro, nos peitorais de esmeraldas, nas custódias de safiras, nas imagens de coral.

O côro inconcebível provoca interjeições. Os tesouros atravancam as naves. Também as beatas curvadas.

— Tiene Ustd. el permizo para ver el altar mayor? Los forasteros lo deben sacar antes de todos. Con tres pesetas, si señor.

Pra quem quizer.

p a t h é ~ b a b y

Só uma velha reza, de olhos fechados, na Capilla de la Purissima Concepción. Cofres de esmolos. Candelabros iluminados.

Na Puerta del Reloj, a menina apanha tôcos de cigarro. Dois ingleses de olhar parado.

Calle de la Vida Pobre. O asno de Sancho zurra.

A Puente de San Martin com torreões e lendas. O Tajo enlaça Toledo. Muralhas abarcam todo um passado.

— El A. B. C.! Edición de la mañana!

Rio de Janeiro, 14. La Convención ha adoptado, por unanimidad, la candidatura del Sr. Washington Luis, para la presidencia de la República, y la de la señorita de Vianha, para la vicepresidencia.

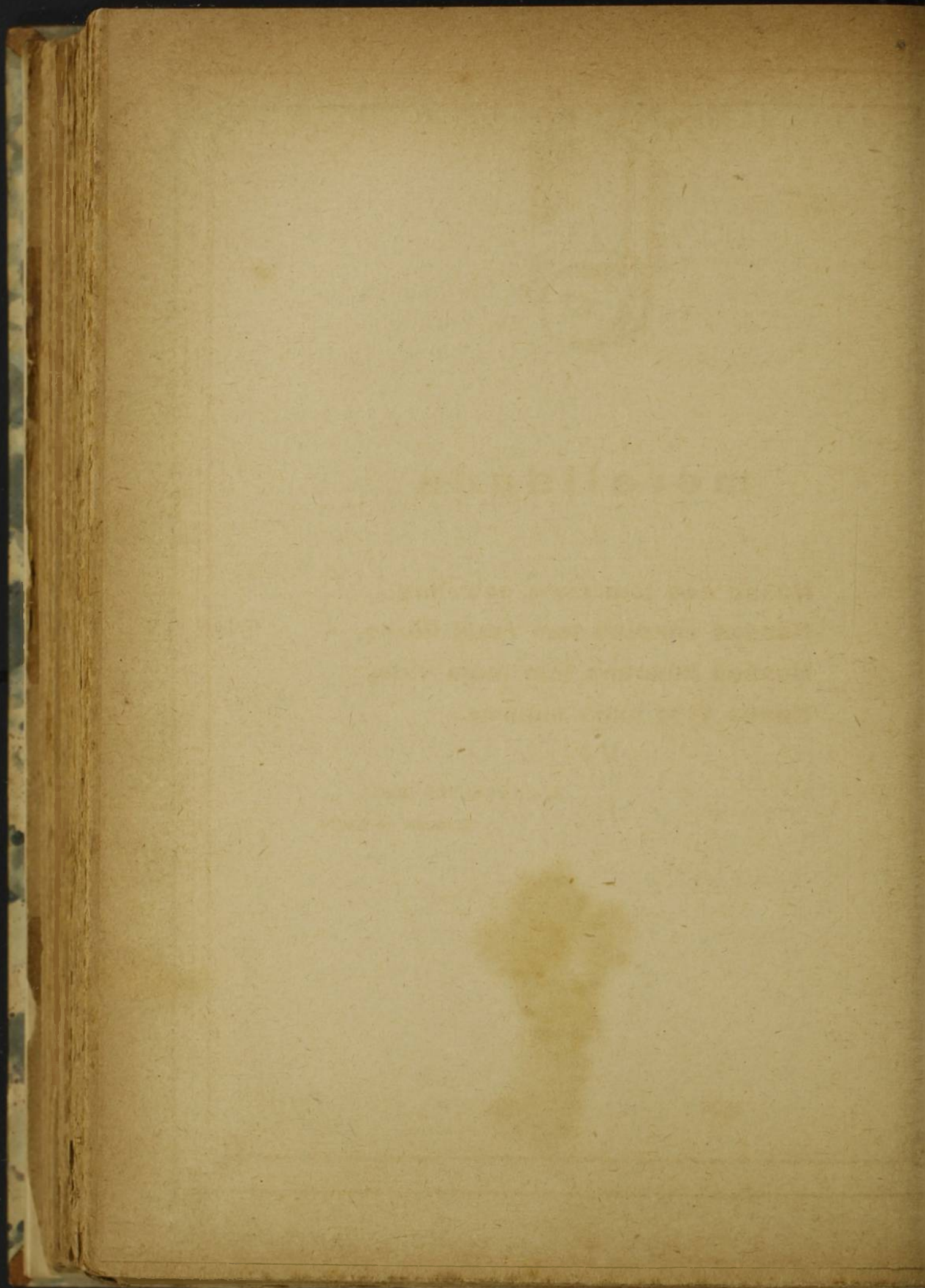
O coxo briga com o menino do cêgo por causa da esmola do homem magro.

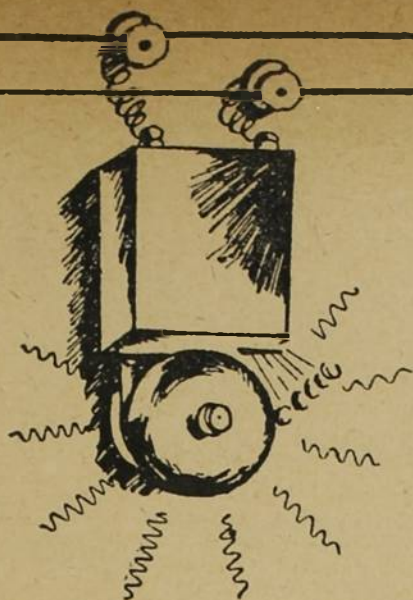
EN ESTA CIUDAD ESTÁN PROHIBIDAS LA MENDICIDAD E LA BLASFEMIA.

— Se calle, hombre, por Diós y la pu... perdón... y la Virgen!

E a autoridade acaricia o refle.

Setembro de 1925.





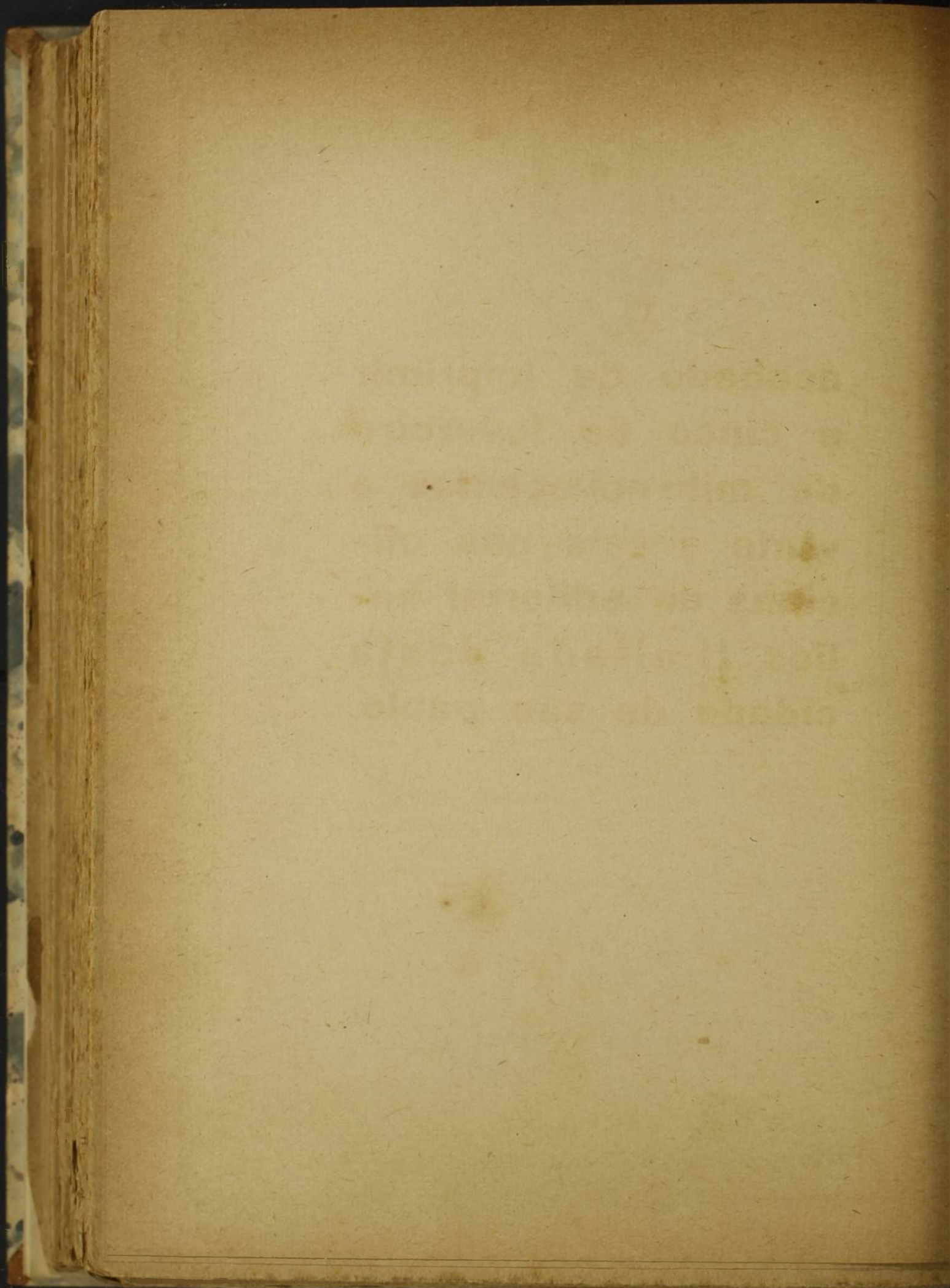
m o r a l i d a d e

**Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas varzeas tem mais flôres,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.**

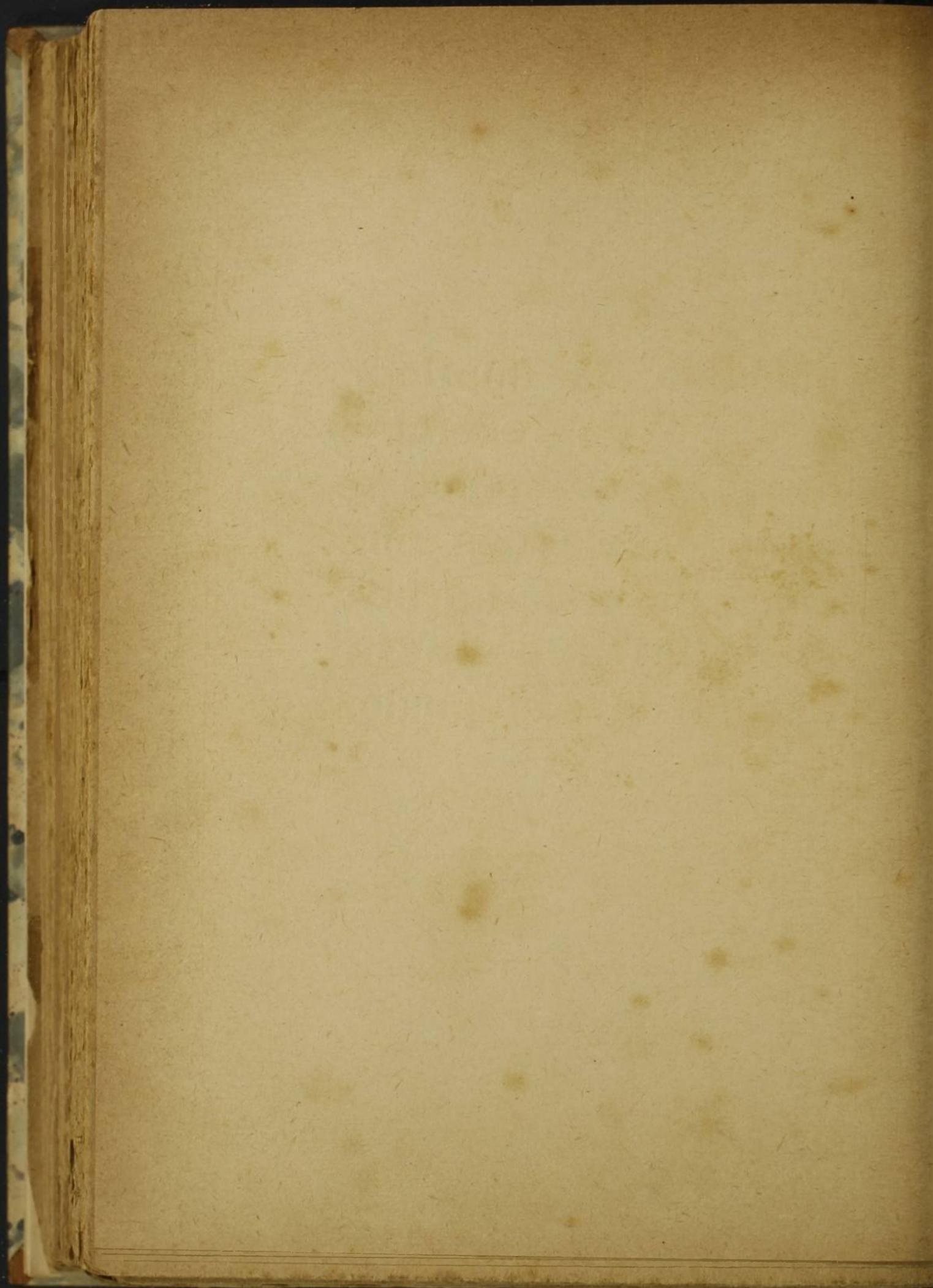
A. GONÇALVES DIAS

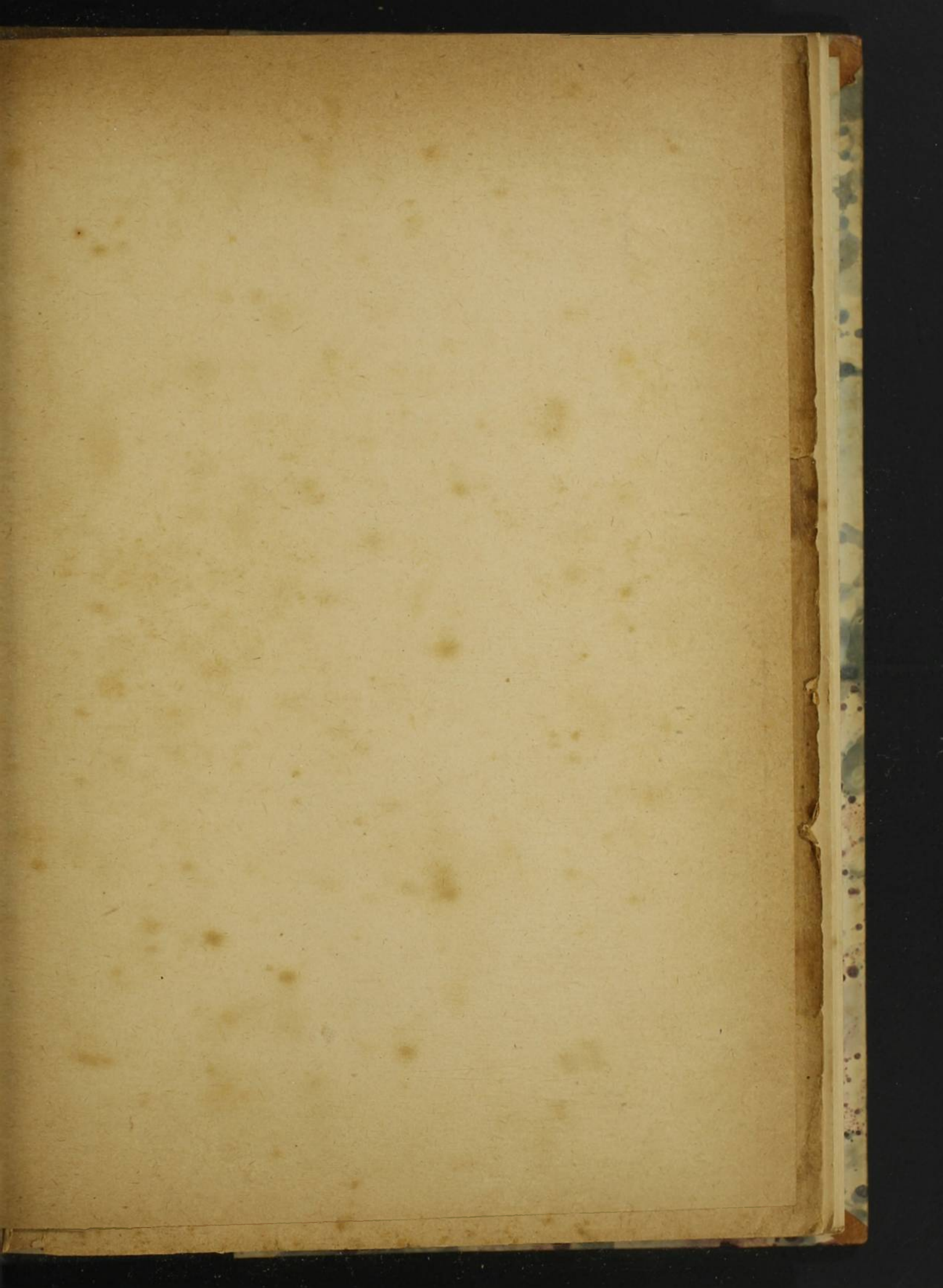
Canção do Exílio

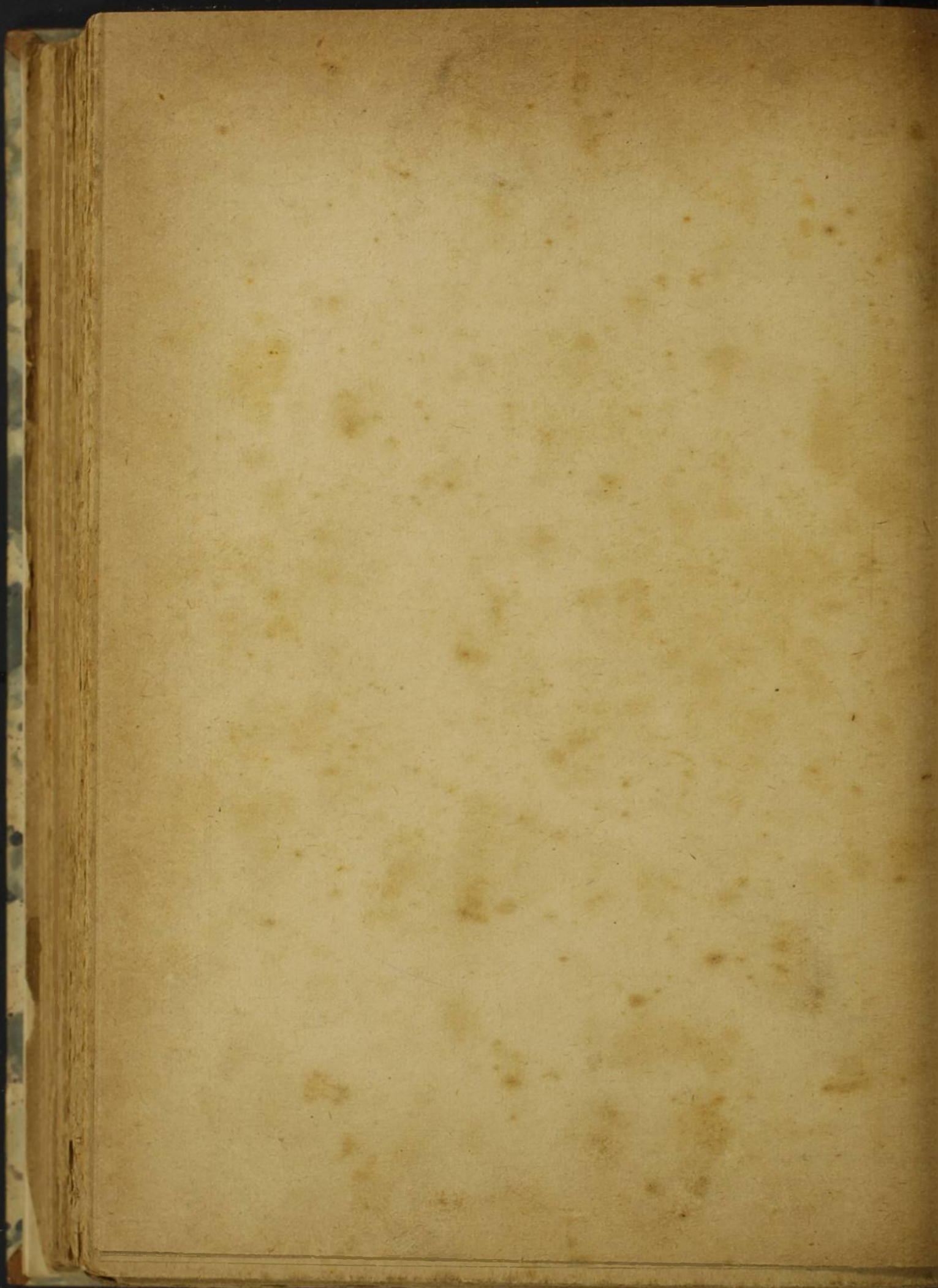
f i m



**acabado de imprimir
a cinco de fevereiro
de mil novecentos e
vinte e seis nas ofi-
cinas da editorial he-
lios limitada desta
cidade de são paulo.**

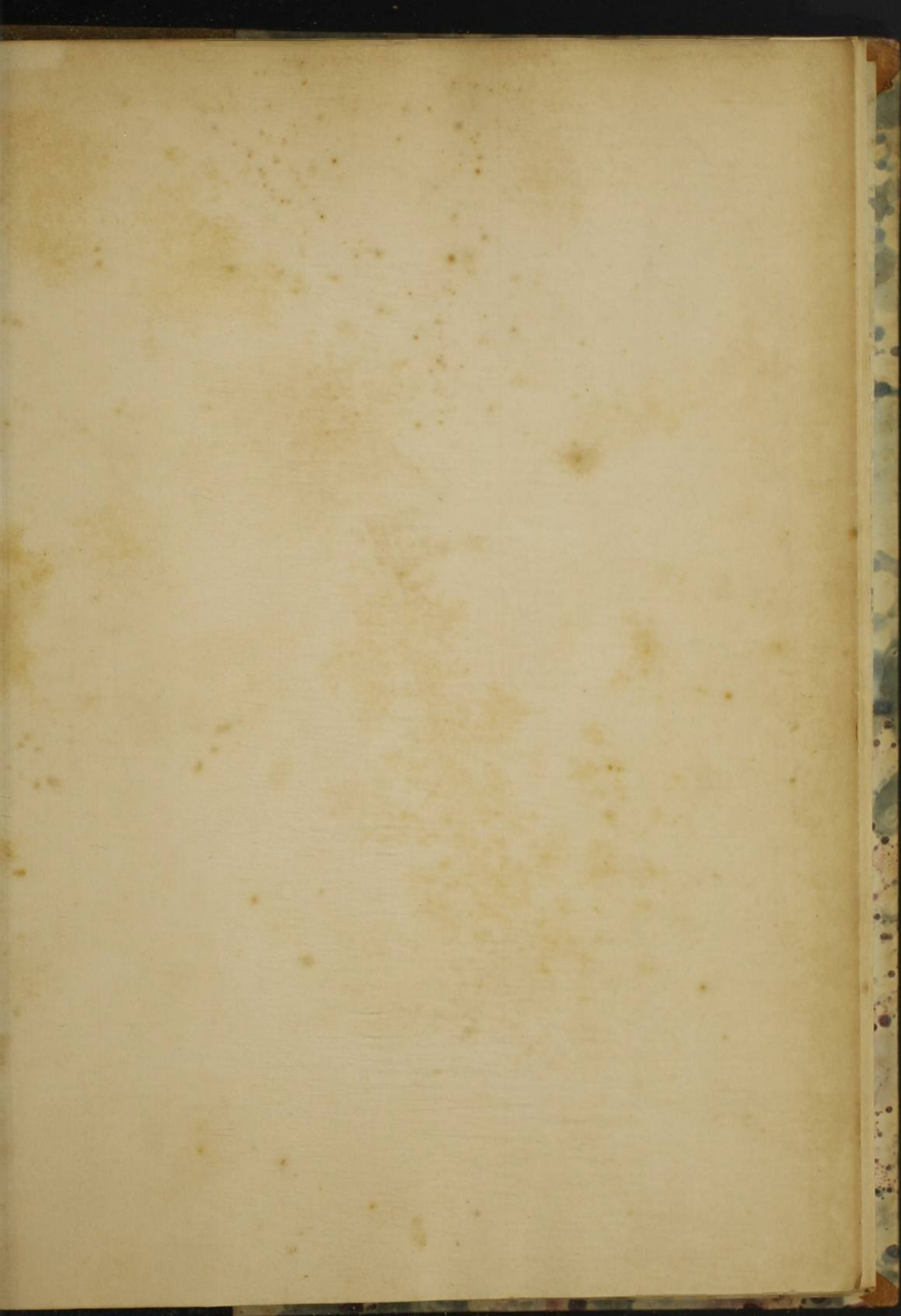


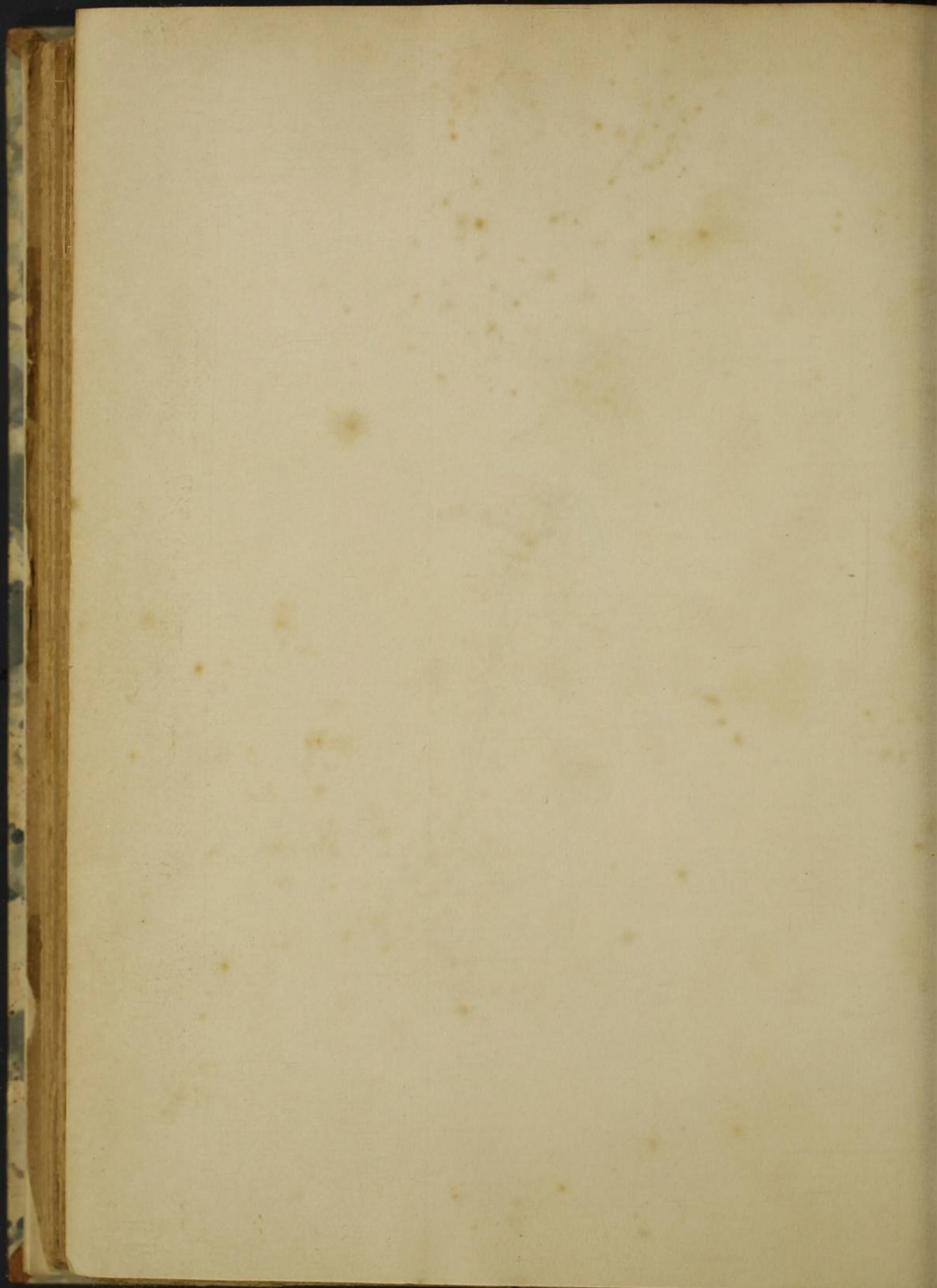


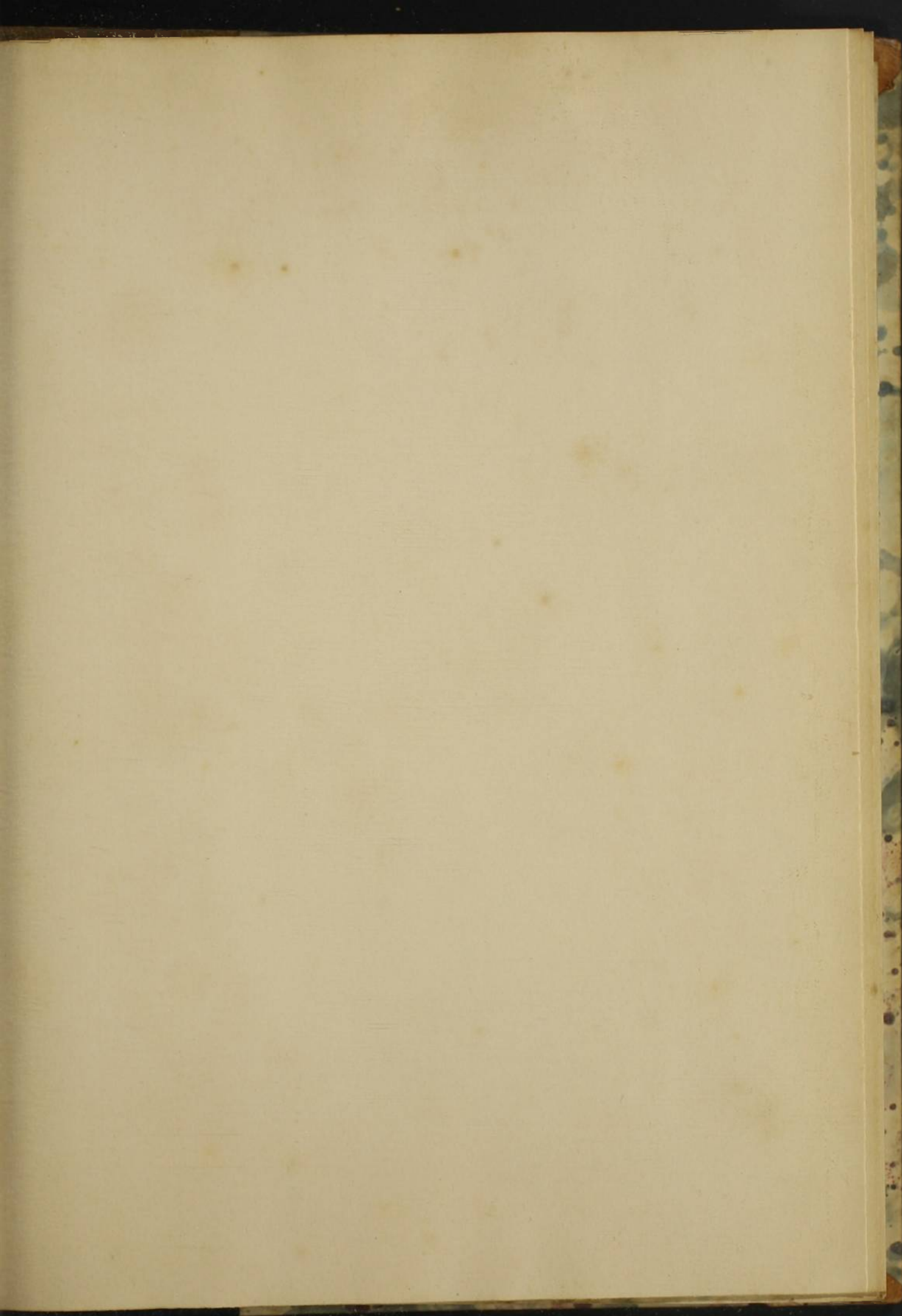


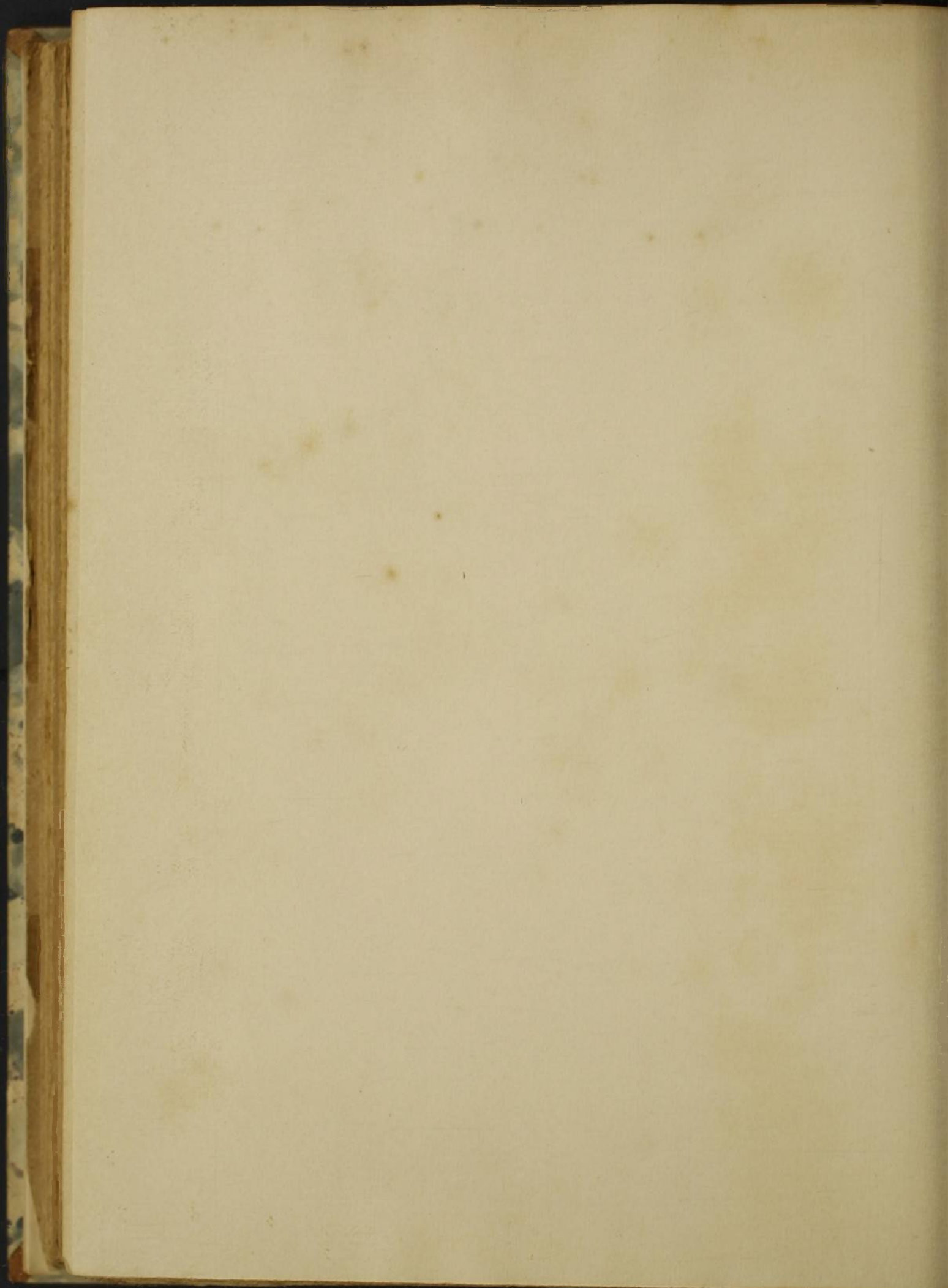
EDITORIAL HELIOS
MAGALHÃES, RICARDO & COMP.
R. ASDRUBAL NASCIMENTO
100 - SÃO PAULO

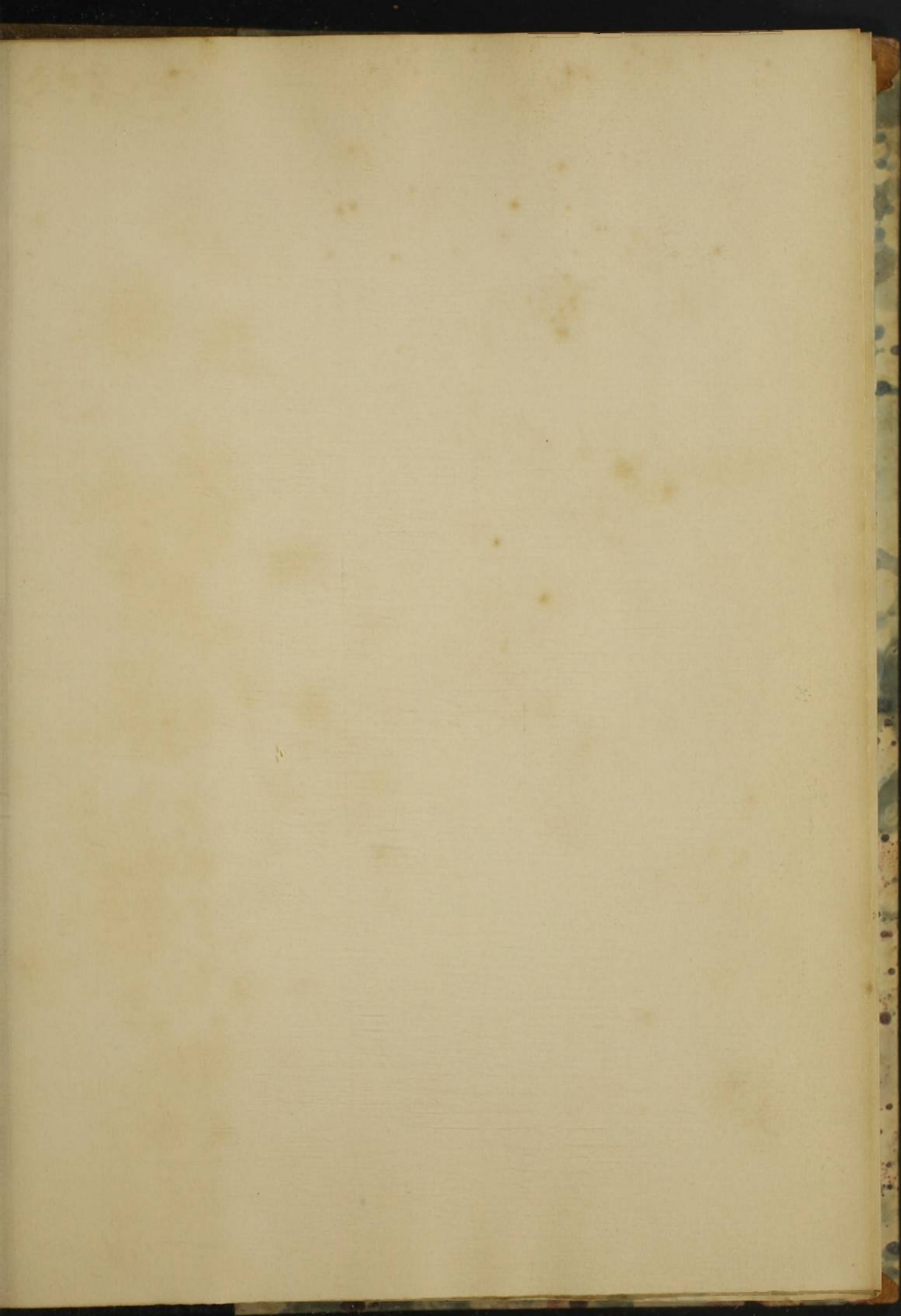












000549

